

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

FRANCISCA JAQUELINI DE SOUZA VIRAÇÃO

IGREJA REFORMADA POTIGUARA (1625 – 1692)
A PRIMEIRA IGREJA PROTESTANTE DO BRASIL

São Paulo
2012

Francisca Jaquelini de Souza Viração

IGREJA REFORMADA POTIGUARA (1625 – 1692)
A PRIMEIRA IGREJA PROTESTANTE DO BRASIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. João Baptista Borges Pereira

São Paulo
2012

FRANCISCA JAQUELINI DE SOUZA VIRAÇÃO

**IGREJA REFORMADA POTIGUARA (1625 – 1692): A PRIMEIRA IGREJA
PROTESTANTE DO BRASIL**

Dissertação apresentada à Universidade Presbiteriana
Mackenzie como requisito parcial para a obtenção do
título de mestre em Ciências da Religião

Aprovada em 15/06/2012

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Baptista Borges Pereira – Orientador
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. João Cesário Leonel Ferreira
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Renato da Silva Queiroz
Universidade de São Paulo

À Deus por me amar, salvar, fazer historiadora e ter posto um sonho em meu coração; aos meus avós Antônio Oliveira da Silva e Raimunda Zilma de Souza por me amarem, me criarem e financiarem meus estudos.

AGRADECIMENTOS

Seria necessário escrever outra dissertação para caber os nomes das pessoas que devo agradecer. Mas gostaria de começar pelo Instituto Presbiteriano Mackenzie por me conceder uma bolsa integral, sem a qual jamais poderia fazer este mestrado. Em especial ao Rev. Dr. Edson Pereira Lopes, diretor da Escola Superior de Teologia por tudo o que fez por mim.

Não poderia esquecer a irmã Darcy Bezerra por entrar em contato com o Rev. Ms. Jonas Gonçalves Cunha e sua esposa Lizane Sudário Cunha, que me deram casa, em São Paulo, sendo meus verdadeiros pais nessa cidade, além de seu Joel, e o casal André e Daniela pelo carinho e ajuda. Também agradeço ao pastor da Primeira Igreja Batista Regular de Iguatu, José Pires de Paiva por ter me dado a ideia deste estudo. Ao meu Tio Jairo Viração por me acolher em sua casa todas segundas e terças.

Outra pessoa muito especial é o meu irmão o Prof. David Duarte por pagar a matrícula do mestrado pra mim, e por sua amizade. Também agradeço ao Prof. Ilton Araújo pela força e os conselhos. Agradeço também à Emanuela Sousa pela paciência em revisar este trabalho e por suas orações. E também aos meus tios Lúcia e Geovane Bezerra por me acolherem em sua casa, pela força para superar todas as adversidades. E a meus pais Lucinete e Jeso, pelos quais vim ao mundo.

Agradeço a todos os meus colegas pela força, e auxílio que me deram, em especial Luis Cavalcante e Sung Shoi, aos funcionários da EST nas pessoas de Geraldo e Jamily. E aos professores que tive a honra de ser aluna, além do Dr. Edson, os doutores Rodrigo, Hermistem, Paulo Romeiro, Carlos Caldas, Máspoli, Ricardo Gouvêa e óbvio a João Baptista Borges Pereira, meu orientador, meu mestre, o homem que salvou esta pesquisa.

Agradeço o amor, o carinho e a sustentação espiritual e financeira da minha amada Igreja Presbiteriana de Iguatu, sem a qual eu jamais teria condições de terminar este mestrado na pessoa de seu pastor, e meu grande amigo Rev. Edson Márcio e de sua esposa Valéria e da nova família que o Senhor me deu nesta igreja presb. Maraton e Maelete, presb. Cleilton e Iama e seus filhos João e Carolina, e de Filipe Costa, meu primeiro amigo na igreja.

Em especial aos meus avós Antônio Oliveira da Silva e Raimunda Zilma de Souza a quem devo toda a minha criação e educação. E a meu Deus a quem devo tudo o que sou e que usou todas essas pessoas para realizar o que queria em mim. Para mim que vim de Iguatu, interior do Ceará, fazer mestrado no Mackenzie e ter a honra de ser orientanda de João Baptista Borges Pereira, é mais que um privilégio, é um milagre.

Quem sou eu?/Pra que o Deus de toda terra/Se preocupe com meu nome/Se preocupe com minha dor/Quem sou eu?/Pra que a Estrela da manhã/Ilumine o caminho/Deste duro coração/Não apenas por quem sou/Mas porque Tu és fiel/Nem por tudo o que eu faça/Mas por tudo o que Tu és/Eu sou como um vento passageiro/Que aparece e vai embora/Como onda no oceano/Assim como o vapor/E ainda escutas quando eu chamo/Me sustentas quando eu clamo/Me dizendo quem eu sou/Eu sou Teu/Eu sou Teu/Quem sou eu?/Pra ser visto com amor/Mesmo em meio ao pecado/Tu me fazes levantar/Quem sou eu?/Pra que a voz que acalma o mar/E acaba com a tormenta/Que se faz dentro de mim/Não apenas por quem sou/Mas porque Tu és fiel/Nem por tudo o que eu faça/Mas por tudo o que Tu és/Eu sou como um vento passageiro/Que aparece e vai embora/Como onda no oceano/Assim como o vapor/E ainda escutas quando eu chamo/Me sustentas quando eu clamo/Me dizendo quem eu sou/Eu sou Teu/Eu sou Teu (Who Am I? Mark Hall, tradução Quem Sou Eu? PG)

RESUMO

O objetivo desta dissertação é analisar, através da História das Mentalidades, como os aspectos da mentalidade reformada do séc. XVII foram absorvidas pelos potiguara que se aliaram aos holandeses no Brasil Colonial, com a finalidade de afirmar que estes indígenas formaram a primeira igreja protestante do Brasil, a Igreja Reformada Potiguara. O trabalho aborda como o protestantismo foi um elemento essencial para o fortalecimento das relações entre holandeses e potiguaras, defendendo que a ideia de Igreja Universal, somada as condições específicas do Brasil Holandês pôs ambos em condições de mais igualdade e com maior participação indígena na administração da colônia. Demonstra ainda que os próprios potiguara ajudaram a implantar o protestantismo no Nordeste Colonial, evangelizaram outras tribos, tiveram um historiador, o primeiro mártir protestante brasileiro, e até ordenaram um pastor, e que sua igreja sobreviveu mais tempo que o Brasil Holandês.

PALAVRAS – CHAVES: Brasil Holandês, Mentalidade Reformada, Protestantismo Indígena, Igreja Potiguara.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to analyze, through the History of Mentalities, as aspects of the reformed mentality seven century, were absorbed by Potiguara Nation who joined the Dutch in Colonial Brazil, in order to say that these Indians were the first Protestant church in Brazil, the Reformed Church Potiguara. This work discusses how Protestantism was an essential element for the strengthening of relations between Dutch and potiguaras, arguing that the idea of the Universal Church, plus the specific conditions of Dutch Brazil put both under conditions of greater equality and greater indigenous participation in the administration of colony. It also demonstrates that the very Potiguara helped establish Protestantism in Colonial Northeast, evangelized other tribes, were a historian, the first Protestant martyr of Brazil, and even ordered a pastor and his church survived longer than Dutch Brazil.

KEY – WORDS: Dutch Brazil; Reformed Mentality; Indigenous Protestantism; Potiguara Church.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. CAPÍTULO 1 – A MENTALIDADE REFORMADA DO SÉC. XVII	14
2.1. PROTESTANTISMO, UMA NOVA FORMA DE VER O MUNDO.....	14
2.2. BRASIL: PARAÍSO DO PROTESTANTISMO.....	16
2.3. O QUE É MENTALIDADE, MENTALIDADE REFORMADA E MENTALIDADE REFORMADA INDÍGENA.....	20
2.4. O PROTESTANTISMO NO PROJETO COLONIAL HOLANDÊS.....	22
3. CAPÍTULO 2 – AS RELAÇÕES BATAVO – POTIGUARAS	38
3.1 OS CAPITÃES-REGEDORES: PEDRO POTY, ANTÔNIO PARAUPABA E FRANCISCO CARAPEBA.....	43
3.2 OS MESTRES – ESCOLAS JOÃO GONÇALVES, ÁLVARO JACÓ, BENTO DA COSTA E MELCHIOR FRANCISCO.....	51
3.3 OS PRINCIPAIS DA IBIAPABA NA “GENEBRA DOS SERTÕES”.....	53
3.4. O CLÍMAX DAS RELAÇÕES BATAVO-POTIGUARAS, O DOCUMENTO PRODUZIDO NA ASSEMBLEIA INDÍGENA DE 1645.....	56
4. CAPÍTULO 3 – O PROTESTANTISMO INDÍGENA	66
4.1. A PERIODIZAÇÃO.....	66
4.2. A ORGANIZAÇÃO ECLESIAÍSTICA.....	67
4.3. OS MINISTÉRIOS.....	68
4.4. A TEOLOGIA POTIGUARA.....	71
4.5. A PRÁXIS RELIGIOSA.....	77
4.6. A IGREJA NO REFÚGIO.....	81
4.7 A IGREJA NA PEREGRINAÇÃO.....	83
4.8. A HERANÇA REFORMADA.....	85
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
6. FONTES IMPRESSAS	95
7. REFERÊNCIAS	96

1. INTRODUÇÃO

Entre lágrimas, muito dor e esperança de dias melhores. Foi assim que fiz esta dissertação. Em meio a uma separação litigiosa de meus pais e desemprego no retorno à aridez do sertão do Ceará. Este é um trabalho feito pela periferia, de uma historiadora fora dos grandes centros, porém para uma grande universidade do maior centro acadêmico do Brasil. Antes de ler estas páginas é necessário ter em mente esta condição da confecção deste trabalho científico.

O grande Michel de Certeau em *A Escrita da História* nos alerta sobre o lugar de produção como uma fator determinante da capacidade analítica do historiador e Edward Hallet Carr em *O que é História? Sobre quem é o historiador que escreve*. Ver o fim de minha família nuclear, sair de casa, estar desempregada e viver da bondade de meus tios Geovane e Lúcia e de minha igreja me fez mais sensível na investigação das fontes.

Estas também foram pessoas que perderam família, posses e viveram de caridade. Apesar de estarem em um contexto completamente diferente do meu, minha dor fez com que os enxergassem mais humanamente. Pedro Poty, Francisco Carapeba, Antônio Paraupaba e os demais, deixaram de ser meros objetos de estudos para se tornarem vidas que queria conhecer. Foi neste espírito que escrevi esta dissertação, porém isto não a deixa menos científica, e sim muito mais rica.

Todo o meu trabalho gira em torno da ideia de que os potiguara, aliados dos holandeses, absorveram a mentalidade reformada dos mesmos. Esta ideia é o maior argumento que tenho para defender a tese de que este povo formou aquela, que acredito ser a primeira igreja protestante nativa – americana, e isto no Brasil do século XVII. Enfatizar que foi no Brasil é algo digno de nota, pois quando pensamos em protestantismo na América Colonial não pensamos no Brasil.

Isto apresenta uma grande característica da minha dissertação: ir de encontro a quase tudo o que se pensa sobre o tema. Não apenas em relação à história oficial luso-católica do Brasil Holandês, mas também do protestantismo brasileiro, se é que este tem uma história oficial. O Brasil foi o primeiro país americano a ter experiência considerável de protestantismo, tanto em sua versão de missão, imigração e colonial nos séc. XVI e XVII.

Outra característica deste trabalho – que é parte do projeto de pesquisa *etnia, identidade étnica e religião, identidade religiosa*, chefiado pelo Dr. João Baptista Borges Pereira - é que não usei nenhuma fonte inédita. Não me considero nenhum gênio, se tenho algum mérito neste trabalho, é simplesmente de deixar as fontes falarem. Por que é tão difícil

para parcela considerável dos historiadores brasileiros admitirem que um índio que diz: “*sou cristão, e melhor do que vós, creio só em Cristo, sem macular a religião com idolatria.*” Como fez Pedro Poty seja aquilo que ele diz ser?

Talvez porque a nossa preocupação em não escrevermos uma história meramente factual nos faça mergulhar tão profundamente em nossas teorias que manipulamos os fatos para que se encaixem na teoria e não o inverso. E quando digo isto não estou menosprezando a teoria, muito pelo contrário. Em todas as páginas deste trabalho, principalmente no capítulo primeiro sigo à risca o que Michel Vovelle diz sobre mentalidade.

Sim, esta é uma produção de História das Mentalidades, entendida aqui, segundo Vovelle, como as crenças formadas por uma dialética entre as visões de mundo de uma época e as características sociais e contexto histórico da mesma. Foi a partir desta concepção teórica que analisei minhas fontes e percebi três aspectos bem presentes na mentalidade reformada do séc. XVII: a ideia que uma igreja protestante não sobrevive fora de um estado protestante, a supervalorização do mártir e a visão da América como refúgio.

Três aspectos que serão cruciais para entendermos melhor como aconteceu a relação entre potiguaras e holandeses, que é abordado no segundo capítulo deste trabalho. Como, uma mentalidade religiosa comum a dois povos de cultura tão diferente uma da outra, pode criar laços sociais tão fortes capazes de estabelecer uma relação política estável durante todo o Brasil Holandês, é o grande problema trabalhado neste capítulo.

As implicações sociais de crer que tanto potiguaras quanto holandeses faziam parte da mesma igreja universal de Cristo, que tinham os mesmos direitos e deveres no Estado Holandês, cuja religião reformada era a do Estado vai muito além de frequentarem dominicalmente uma igreja. Mostrarei como a doutrina da igreja universal aliada à mentalidade de que esta igreja só sobrevive em um estado que a proteja criou noções de igualdade entre potiguaras e holandeses, evitando no Brasil a barbárie do apartheid.

Não apenas porque os holandeses precisavam político e militarmente dos índios, esta condição de contexto histórico os forçou a fazer alianças com os potiguaras. Cederam em alguns aspectos e passaram a interpretar a doutrina da igreja universal de uma maneira mais transcultural. Ora se não for assim, como explicar o porquê não foram racistas ao ordenarem quatro índios a mestre – escola, um oficialato da Igreja Reformada Holandesa, que poderia levar o professor a ser ministro, dependendo de sua atuação. Muito provavelmente tivemos nosso primeiro pastor brasileiro, um índio, João Gonçalves.

Antônio Paraupaba em suas *Representações* é muito claro, e sua escrita deixa o historiador (de óbvio olhar) perceber que este chefe potiguara absorveu os três aspectos da mentalidade reformada aqui trabalhados. Inúmeras vezes Paraupaba afirma que sem o Estado Holandês e sua proteção a igreja indígena não sobreviverá. Vê a Serra da Ibiapaba, para onde foram após a expulsão dos holandeses, como o refúgio potiguara e descreveu a morte de Pedro Poty como um martírio e este como um mártir.

Para muitos Paraupaba apenas usa a religião como discurso político, ora se assim o fez, é porque sabia que causaria efeito nos holandeses, portanto acreditava no seu poder como fator de aliança. A aliança entre potiguaras e holandeses foi muito mais profunda do que a historiografia do período está acostumada a lidar. Não considerar o poder da religião no séc. XVII é um tremendo anacronismo.

A base da aliança batavo-potiguara era o fato de terem um inimigo em comum, mas com o aprofundamento da relação entre os dois povos, as características universalizantes da fé reformada tornou-se uma espécie de “cola” que iria deixar estes povos de cultura tão diferentes, mais unidos ainda. O mundo reformado proporcionava bases do que futuramente seriam a democracia representativa, os direitos individuais e a tolerância religiosa.

O conhecimento deste mundo, este mundo completamente novo e diferente do católico tornou a escolha potiguara para o lado neerlandês mais fácil. Na carta de Pedro Poty vemos claramente seu profundo conhecimento de geopolítica internacional e da situação dos holandeses. Os potiguara experimentaram até a criação de uma lei e de uma espécie de estado dentro do estado, tal era sua participação na administração do Brasil Holandês.

Esta participação revela a profundidade de suas relações com os holandeses, e esta relação, por sua vez, aponta para o papel do protestantismo na mesma. E este era um protestantismo diferente. O protestantismo do século XVII ainda estava em formação, no caso do Brasil tanto houve a experiência de protestantismo de imigração (franceses, ingleses e outras nacionalidades) de colonização (a Igreja Reformada Holandesa) e de missão (quando os potiguara evangelizaram os tabajara).

A que chamo de Igreja Reformada Potiguara, é o que acredito ser, a Primeira Igreja Protestante Nativo – Americana e talvez a primeira não-européia da História. No terceiro e último capítulo de minha dissertação dediquei-me a descrevê-la. Através das mesmas fontes, já conhecida por todos, procurei, com a metodologia da História das Mentalidades, perceber como os potiguara entendiam e praticavam seu protestantismo.

Esta igreja produziu exegetas, professores, pastor e mártir. Conhecê-la torna-se uma experiência ímpar. Procurei em todas as páginas deste trabalho científico ser a mais profissional possível, deixar com que as fontes revelem quem eles eram percebendo como concebiam sua crença e o mundo em que viviam. Mas uma aventura científica não precisa anular uma narrativa atraente, minhas palavras são simples, como do lugar de onde vim, porém procurei ser a mais erudita em minhas limitações para estar à altura de quem ler.

CAPÍTULO I

A MENTALIDADE REFORMADA DO SÉC. XVII

“Faz parte do gênio característico dos holandeses parecerem ao mesmo tempo comuns e incompreensíveis.” Simom Schama

INTRODUÇÃO

No senso comum mentalidade é um termo muito usado com o sentido de designar o que uma pessoa em particular pensa sobre a vida. Ouve-se bastante dizer que alguém tem mentalidade de criança, por exemplo, este conceito é de certa forma bastante conhecido por aqueles que não se preocupam em pensá-lo.

Porém o uso acadêmico do termo é bem diferente. Em História quando o termo mentalidade é usado não é para descrever a visão de mundo particular de uma pessoa, mas de uma época. Os homens nem sempre pensaram a mesma coisa. Isto parece óbvio, entretanto quando nos questionamos quando uma forma de pensar, de ver o mundo é criada ou mudada as coisas começam a complicar.

O que pensavam os homens do séc. XVII? Um cristão reformado era diferente dos demais? E se este cristão for um índio brasileiro, como ele entendia e via o mundo através de sua nova religião? São questionamentos que serão tratados neste primeiro capítulo.

2.1 O PROTESTANTISMO, UMA NOVA FORMA DE VER O MUNDO

O Que faz um cristão protestante ser diferente dos outros? Hoje com a existência de inúmeras denominações e teologias é difícil até definir o termo protestantismo, mas no século XVII, esta nova fé ainda estava em busca de sua identidade. Muitos catecismos e confissões de fé foram redigidos para dar uma identidade doutrinária à religião nascente.

A maioria dos catecismos e confissões produzidas nos séculos XVI e XVII tem preocupações parecidas. Como definir o que é Deus, a Trindade, sobre a Autoridade da Bíblia, a Salvação, a Perdição, o Governo Civil e Eclesiástico, e sobre o Batismo e Ceia do Senhor, além da Volta de Cristo.

A experiência religiosa do primeiro grande reformador, Martinho Lutero, e a forma como ele divulgou a nova fé, parece uma espécie de prefácio do protestantismo. Lutero começa a pensar diferente quando ler Romanos 1:17: “e o justo viverá pela fé.” E usa a escrita para divulgar sua maneira de pensar, que deu origem ao que hoje chamamos de protestantismo.

O universo da escrita e da leitura talvez tenha sido o grande diferencial da nova fé. O novo cristão, o cristão protestante, era o cristão da Palavra, e isto não significa ser apenas o cristão que fundamenta sua fé na Bíblia, mas que também usa a escrita para explicar a sua fé. Daí a enorme quantidade de confissões e catecismos produzidos neste período.

O poder da palavra é nitidamente visível na Igreja Reformada Potiguara. É formidável que no séc. XVII índios brasileiros deixaram documentos onde declaram sua fé “somente em Cristo sem macular a religião com idolatria.” Como disse Pedro Poty a Felipe Camarão em uma carta curiosamente escrita no dia 31 de outubro, dia da Reforma Protestante.

Assim como a França e a Itália, analisadas por Natalie Zenon Davis e Carlo Guinzburg em *Culturas do povo* e *O Queijo e os Vermes*, os índios potiguara também sofreram com o impacto do universo da escrita em sua cultura oral. Davis ao comentar sobre os inúmeros grupos de leitura surgidos na França do século XVI, deixa bem claro que o que merece mais destaque são os protestantes:

Mas os grupos de leitura mais inovadores eram as reuniões protestantes secretas, em dias de festa ou tarde da noite na casa de alguém – inovadores entre outras razões porque reuniam homens e mulheres que não necessariamente pertenciam à mesma família, ao mesmo ofício ou até à mesma vizinhança. Como uma reunião em Paris, em 1559, que incluía um oficial ouvires do Gatinais, um estudante universitário de Lyon, um oficial sapateiro e muitos outros, todos de várias partes da cidade. Um dos primeiros conventículos na cidade de Saintes, organizado por dois artesãos pobres em 1557, tinha acesso a uma Bíblia impressa, da qual copiavam passagens por escrito, para discussão. Encorajados por Deuterônimo 6:7 a falar da lei de Deus não importa quão pequeno fosse seu saber, os artesãos programavam pregações para todos os domingos, escritas pelos seis integrantes que sabiam ler e escrever. Do mesmo modo os tecelões de linho hereges de Cambrai, andando pelos campos com sua Bíblia impressa, esses protestantes liam, falavam, cantavam e rezavam. (DAVIS, 1990, p. 176)

Carlo Guinzburg ao estudar sobre a vida de um moleiro friuliano da época da Reforma, destaca que o impacto da palavra escrita na cultura oral européia, não apenas criou grupos de leitura, mas alguns ousaram formular seus próprios pensamentos.

Foi o choque entre a página impressa e a cultura oral, da qual era depositário, que induziu Menochio a formular – para si mesmo em primeiro lugar, depois aos seus concidadãos e, por fim, aos juízes – as ‘opiniões’ [...] [que] saíra, da sua própria cabeça. (GUINZBURG, 2004, p. 15)

No livro intitulado *A Bíblia Inglesa e as Revoluções do séc. XVII*, Christopher Hill apesar de afirmar que “Não devemos dar demasiada importância à imprensa(...) Ao longo da expansão protestante para os cantos mais obscuros da Terra, a palavra falada era muito mais

importante do que a imprensa...” (HILL, 2010, p. 58). Deixa bem claro o impacto que a impressão da Bíblia no vernáculo causou no povo, chega a usar o termo “Revolução Bíblica.”

Não deveríamos pensar na Bíblia apenas como um livro a ser lido, ou sobre o qual deve ser ouvido. Ela estava em toda parte, na vida dos homens, mulheres e crianças. Não somente nos cultos dos quais todos deveriam participar, mas igualmente nas baladas que entoavam e no meio em que circundava. (...) A Bíblia era, portanto, onipresente em quase todas as casas. Mas às casas devemos acrescentar as cervejarias, que junto com as igrejas, eram os principais centros da vida comunitária. (HILL, 2010, p. 59)

Seguindo a linha de raciocínio de Hill pode-se afirmar que não somente a Inglaterra, mas o mundo protestante do séc. XVII, o qual se inclui a Holanda, estava imersa em uma cultura bíblica. Cultura esta que foi decisiva para a formação da mentalidade reformada do séc. XVII, crenças bíblicas e a realidade vivida a formaram.

2.2 BRASIL: PARAÍSO PARA O PROTESTANTISMO

Em 1492 Cristovão Colombo descobre a América e 25 anos depois Lutero afixa na Catedral de Witemberg suas 95 teses, marco consagrado como inicial da Reforma Protestante. E quando isto aconteceu a visão de América como Paraíso já estava consagrado no imaginário Europeu.

O próprio Colombo sonhava em encontrar o Grande Can, Caminha descreve nossos indígenas como almas inocentes, sem pecado, como Adão e Eva no Paraíso. O próprio nome Brasil refere-se a uma terra mítica que seria o Éden na mitologia celta, não demoraria muito para que os protestantes europeus dessem um novo significado para este paraíso.

As perseguições sofridas pelos tais forçaram muitos a saírem de suas terras natais e buscarem proteção na terra de príncipes que os protegessem. Com o passar dos anos os Estados europeus foram se definindo religiosamente e conseqüentemente surgindo os primeiros paraísos protestantes. Como a República Holandesa, que recebeu protestantes refugiados de toda Europa.

A idéia de poder transformar um paraíso em um refúgio não parece exigir tanto esforço intelectual em um contexto de guerras religiosas e perseguições. A América como refúgio é uma concepção fortemente alicerçada na mentalidade dos protestantes europeus dos séculos XVI e XVII. Mas o que parece incrível nesta história é que o primeiro país americano transformado em refúgio protestante não foram as colônias inglesas dos puritanos, mas nosso Brasil. E os primeiros a fazerem isso foram os franceses.

Um Refúgio. Esta é a palavra que diz tudo, um refúgio às perseguições sofridas na Europa era o que os protestantes dos séculos XVI e XVII pensavam da América. Segundo Frans Leonard Schalkwijk era até plano de Calvino criar uma espécie de refúgio protestante

internacional na América Central, para receber todos os perseguidos na Europa. (SCHALWIJK, 2004, p. 381).

Entre 1555 e 1557, é formada uma colônia francesa na Baía da Guanabara, a conhecida França Antártica. Nicolau Durant de Villegaigon foi seu mentor, e segundo Jean de Lery, em *Viagem à Terra do Brasil*, Villegaigon, ao receber os pastores reformados na Baía da Guanabara teria afirmado ser sua intenção criar:

“...um refúgio para os fiéis perseguidos em França, na Espanha ou em qualquer outro país de além-mar, a fim de que sem temer o rei e nem o imperador nem quaisquer potentados, possam servir a Deus com pureza conforme a sua vontade.” (LERY, 1967. p. 75 – 76). Segundo o mesmo Lery este foi o argumento usado para convencer a Gaspar de Coligny, líder dos huguenotes (reformados franceses) na política, a intermediar junto a Henrique II para a constituição desta colônia.

Nas Atas da Igreja Reformada Holandesa no Brasil foi decidido fazer cultos públicos para agradecer a Deus a liberdade que tinham no Brasil e orar pelos que sofriam na Europa:

Visto que gosamos tranquillidade e paz nesta conquista e pelo contrario os fieis na Allemanha, Inglaterra, etc., gemem sob uma guerra sanguinolenta, pergunta-se si não é neces-sario pedir que se marque um dia para preces publicas, em parte para agradecer a Deus, pelos benefícios nesta conquista, como tambem pelo miseravel estado da egreja de Christo na desolada Christandade.A Assembléa acha ser extremamente necessario e util e que se deve cuidar disso com urgencia.(MAIOR In CRESPIN, 2007, p. 176 – 177)

Até mesmo Sérgio Buarque de Holanda no prefácio à segunda edição de *Visão do Paraíso*, concorda que, diferentemente dos católicos que aqui chegaram, os protestantes viam na América mais que o Jardim do Éden:

...a demanda do Paraíso entre os descobridores ou conquistadores latinos, e acentuando o papel, nesse sentido, dos sacerdotes católicos que compunham aqueles homens, nota o autor como vinham eles animados pela crença em um Éden que generosamente se oferecia, e estava “só à espera de ser ganho” (*merely waiting to be gained*), tanto que já Colombo anunciara ao seu soberano que o tinha achado quase com certeza. Em contraste com eles, os peregrinos puritanos, e depois os pioneiros do Oeste, vão buscar nas novas terras um abrigo para a Igreja Verdadeira e perseguida, e uma “selva e deserto”, na acepção dada a estas palavras pelas santas escrituras, que através de uma subjugação espiritual e moral, mais ainda do que pela conquista física, se há de converter no Éden ou Jardim do Senhor. (HOLANDA, 2000. p. XIII)

Se a América era vista como um refúgio, não poderia ser de fato um refúgio se os católicos os perseguissem aqui também, então como constituir um refúgio na América? Como

na época, desde 1526, seguia-se o princípio de cada Estado com sua religião, a única solução seria a fundação de Estados protestantes para prover a existência e proteger a religião protestante. Assim foi na França Antártica e no Brasil Holandês.

O protestantismo implantado no Brasil Colonial era estratégico para a Reforma, já que sua estratégia consistia em salvar os próprios membros. A ideia que a América representava refúgio serviu também para incorporá-lo nos projetos colonizadores da França e da Holanda.

A forma de protestantismo que perdurou por mais tempo em nosso país no período colonial foi o Reformado Holandês que conseguiu em 24 anos implantar 22 igrejas, das quais uma era de língua inglesa, uma de língua francesa e três exclusivamente formadas por índios potiguaras.

E é a esta igreja que se dará mais atenção nesta dissertação de mestrado. Criar um projeto colonial no Nordeste brasileiro estava dentro do contexto de guerra de independência que a Holanda Reformada lutava contra a Espanha Católica, portanto também era uma guerra religiosa que os protestantes não queriam perder. A religião era parte do projeto colonial.

Mas isto leva a um questionamento muito simples: os índios que se confessavam protestantes de fato o eram? Ou apenas assumiam tal posição por interesse político? A história não sonda corações, mas pode dá uma boa indicação do que homens e mulheres pensavam sobre a vida, sobre si mesmos.

Tentar entrar na mente dos homens ao qual se estuda é um sonho constante entre os historiadores, e este sonho a História das mentalidades tenta realizar. É através desta abordagem da Nova História que se tentará solucionar os questionamentos acima por uma possível resposta que esteja de acordo com o referencial teórico.

Tudo começa na Alemanha, pelo menos quando se pensa em Reforma Protestante. Na época de Lutero não existia este país, o que existia era o Sacro Império Romano Germânico, formado por um punhado de principados, em que teoricamente o Imperador era o soberano principal.

A Alemanha que conhecemos hoje nasceu do processo de unificação destes principados no século XIX pelo “marechal de ferro” Otto Von Bismark. Quando caiu o

Império Romano do Ocidente no séc. V, dar-se-á o que os historiadores marxistas gostam de chamar de síntese. Dois modos de produção irão se fundir para surgir um novo: o servil.

Os germânicos quando partiam para guerra juravam fidelidade ao líder, este tinha a obrigação de partir os espólios de guerra aos seus guerreiros. Com o passar dos anos, isto se configurará no feudalismo, com o Senhor feudal e seus servos. Surgirão as regiões, como Baviera, Saxônia e Prússia.

No ano 800, Carlos Magno, é coroado Imperador, as antigas regiões germânicas agora passarão a ser principados deste novo império, que tem como imperador um bárbaro. Nasce o Sacro Império Romano-Germânico.

Os príncipes eram vassallos do imperador, mas que, pelo menos no caso do que hoje é a Alemanha tinham bem mais poder do que os seus colegas italianos. E com o ressurgimento do direito romano em face do direito germânico estes príncipes se tornaram soberanos em suas terras, na prática mais até que o Imperador. Pois:

O princípio jurídico romano da territorialidade das leis, ou seja, a submissão aos costumes locais, qualquer que fosse a origem da pessoa, ganharia força aos poucos, sobretudo a partir do século XIII. Somente então 'nação' passou a ter caráter também geográfico e político. (JÚNIOR, 2004, p. 51)

Isso significava que o príncipe poderia fazer o que quisesse em seu território, já que por causa da teoria do corpo político místico, o território de um soberano era o próprio corpo do soberano. Assim quando Frederico da Saxônia concedeu a liberdade religiosa e de consciência aos luteranos estes só o tinham em seu território. A famosa Paz de Augsburgo de 1555 reconhecia a liberdade religiosa do Estado e não dos cidadãos, pois se fundamentava no princípio do *cujus regio ejus religio*, ou seja, a confissão do súdito será dependente da do senhor territorial.

A teoria do corpo político místico também se adapta à idéia jurídica do fundo público (a terra) como domínio e patrimônio régios: a terra (entendida como todos os territórios herdados ou conquistados pelo rei e todos os produtos que neles se encontram ou nele são produzidos) se transforma em órgão do corpo do governante, transmissível a seus descendentes ou podendo ser, em parte, distribuída sob forma do favor. Essa terra patrimonial é, sem sentido rigoroso, a pátria (cujo sentido vimos acima) e é ela que os exércitos do rei juram defender quando juram 'morrer pela pátria. (CHAUÍ, 2000, p. 83)

Esta verdadeira intimação força os protestantes de territórios cujo governante era católico a duas escolhas: ou fingiam ser católicos e praticavam o protestantismo em segredo ou migravam para os territórios cujos governantes eram protestantes. Muitos optaram pela segunda opção.

Um exemplo claro foi a verdadeira diáspora huguenote (protestantes franceses) para a Holanda depois do famoso massacre da Noite de São Bartolomeu (24/08/1572). A imigração foi tamanha que em sua luta contra Felipe II, o príncipe reformado holandês Willem d'Orange tinha a sua disposição tropas formadas só por franceses fugidos da perseguição.

Nota-se que a Paz de Augsburgo não acrescentou nada de novo as concepções teóricas do Estado Moderno, pois não dizia nada de diferente da teoria do Direito Divino dos Reis e nem da teoria do corpo político místico. Mas na prática ela teve muito significado, pois àquela altura a Europa continuava com uma religião dominante e extremamente poderosa, a Igreja de Roma e outra que cada vez mais ganhava força a Reformada.

No jogo político religioso europeu, católicos e protestantes iram guerrear por mais de um século e não apenas por liberdade política e religiosa, mas também por interesses econômicos, e no caso brasileiro, coloniais. O Brasil foi o primeiro país americano em que os protestantes europeus planejaram colonizar, ou melhor, se refugiar.

2.3 O QUE É MENTALIDADE, MENTALIDADE REFORMADA E MENTALIDADE REFORMADA INDÍGENA

A obra *Ideologias e Mentalidades* de Michel Vovelle orienta em relação ao conceito de mentalidade, o método que se deve usar em relação à análise das fontes, e sobre o próprio conceito de fonte para esse campo de estudo da historiografia.

Para Vovelle mentalidade seria: “sobre a definição da própria noção de ‘mentalidade’, não conheço ainda melhor definição do que a proposta por Robert Mandrou, centrada nesse ponto: uma história das “visões de mundo”. (VOVELLE, 2004, p. 15). Baseado em Vovelle esta dissertação considerará mentalidade toda uma construção do real, ou seja, todas as crenças que conduzem a humanidade a agir de uma maneira e não de outra, ou como o próprio autor diz, a visão do mundo.

Na obra *Os Reis Taumaturgos*, Marc Bloch dá um bom exemplo disto. Ele estudou a crença de franceses e ingleses no período medieval no poder de seus reis curarem escrófulas. A conclusão que chegou tornou-se uma das frases mais conhecidas da historiografia mundial “O que criou a fé no milagre foi a ideia que ali deveria haver um milagre”. (BLOCH, 2005, p. 278)

Isto significa que para manter a crença no poder curativos dos reis precisaria ter toda uma base, ou estrutura mental que sustentasse tal crença. Isto é mentalidade, é uma visão de mundo, uma maneira de enxergar e perceber a realidade. Não determina, mas influencia e muito nas ações humanas, como seres construtores desta realidade.

“As mentalidades remetem, portanto, de modo privilegiado, à lembrança, à memória, às formas de resistência. Em resumo: aponta aquilo que se tornou corrente definir como “a força de inércia das estruturas mentais”... (VOVELLE, 2004, p. 19)

O mental não surge de um nada sem significado, todos os seres humanos buscam a sobrevivência. Estão inseridos em um determinado contexto sócio-cultural que também influencia suas ações. Desta feita Vovelle acredita que A história das mentalidades deve transitar na dialética do universo real e objetivo e as construções do mental.

“História das mentalidades: estudo das mediações e da relação dialética entre, de um lado, as condições objetivas da vida dos homens e, de outro, a maneira como elas narram e mesmo como a vivem.” (VOVELLE, 2004, p. 24)

Depois de definido o que seria mentalidade e história das mentalidades, é necessário ter em mente como este campo da historiografia vê as fontes. Tudo, literalmente tudo passa a ser visto como fonte, desde os tradicionais documentos escritos até mesmo a disposição dos móveis em uma casa, pode ser entendida como fonte.

Na origem dessa revolução se inscreve, provavelmente, a emergência das novas fontes do cotidiano, do banal, do que toca à vida das massas anônimas em sua continuidade. As tabelas de preços de cereais e as séries do estado civil antigo, batismos, casamentos e sepultamentos foram as primeiras a serem exploradas e forneceram como que os princípios à filosofia da História serial atual. (VOVELLE, 2004, p. 276)

Tudo se transforma em fonte, pois o historiador das mentalidades busca permanências ou mudanças. Em relação ao trabalho evangelístico dos holandeses no Nordeste Colonial, um dos referenciais é a tese de doutorado de Maria Aparecida de Araújo Barreto Ribas intitulada *O leme espiritual do navio mercante: a missionação calvinista no Brasil Holandês (1630 – 1645)*. Nesta tese há duas ideias centrais de seu trabalho, a primeira que o projeto missionário era a “alma do negócio” como a autora diz:

Como mostrou Lucien Febvre num estudo clássico, a religião, para o homem desse período, não se desvincula das demais dimensões da experiência humana em público e em privado; ou seja, o temporal e o espiritual se confundiam inclusive dentro do Estado que, em sua “natureza, espírito e constituição se encontra ainda impregnado de cristianismo.” Nesse sentido, o projeto missionário da Igreja Cristã Reformada – qual seja, a “implantação da religião verdadeira, para levar muitos milhares de pessoas à luz da verdade e à salvação eterna” – evidentemente não foi uma ação externa ao projeto mais amplo da colonização neerlandesa no Brasil; pelo contrário,

como pretendemos mostrar detalhadamente ao longo deste estudo, a missão era, por assim dizer, a “alma” do projeto, ainda que em constante tensão com a sua dimensão “material” (os interesses econômicos, políticos, administrativos e militares). (RIBAS, 2007, p. 31)

A outra ideia defendida por Ribas é que os missionários holandeses pregaram sob “fundamento alheio”, ou seja, que não evangelizaram pessoas que desconheciam o Deus Cristão, mas que já tinham ouvido falar dEle por intermédio dos jesuítas. Porém por questões de diferenças doutrinárias, mesmo assim os predicantes reformados tiveram de criar neologismos para ensinarem sua fé.

Portanto, acredito poder afirmar que, assim como os predicantes se apropriaram da língua geral como meio de (re)evangelização dos *brasilianos*, da mesma forma apoderaram-se pragmaticamente do dialeto colonial para a confecção do catecismo do predicante David van Doorenslaer e sua equipe viram-se obrigados a inventar. Mas indubitavelmente, sua tarefa foi bem menos árdua do que fora a dos inicianos e jesuítas. (RIBAS, 2007, p. 120)

O que chamo de mentalidade reformada, seguindo o próprio conceito de mentalidade que adotei, é um conjunto de crenças as quais formavam a visão de mundo de todos aqueles que se consideravam cristãos reformados nos séculos XVI e XVII. Logicamente essa mentalidade podia sofrer variações por conta de questões espaciais e temporais, mas sua essência permanecia.

Já mentalidade reformada indígena, seria a construção de como ver o mundo a partir de olhos reformados sem abandonar a cultura indígena. Por exemplo, os índios que cresceram sendo evangelizados pelos mestres - escolas holandeses, são índios que as condições de evangelização os fizeram ver o mundo com uma nova lente.

2.4 O PROTESTANTISMO NO PROJETO COLONIAL HOLANDÊS

A Holanda já havia presenciado um movimento pré-reformista liderado por Geert Groote no século XV conhecido como Irmãos da Vida Comum, seus ideais podem ser conhecidos através do livro *Imitação de Cristo* de Tomás de Kempis, mas a Reforma Protestante chega de fato nos Países Baixos em 1520. Politicamente falando a Holanda pertencia ao Sacro Império Romano Germânico e cada uma de suas províncias tinha uma espécie de governador ou *stadhouder*.

O que comumente no Brasil chamamos hoje de Holanda, na verdade surgiu da união de sete províncias, tendo Holanda e Zelândia como principais. Logo a província da Holanda, com sua capital Amsterdã destaca-se. Estas províncias estavam “se convertendo ao

protestantismo”, e esta nova religião conquistou tanto pobres, como burgueses e nobres, o stadhouder Willen D’Orange é um bom exemplo.

Durante o reinado de Carlos V as primeiras perseguições aconteceram, e a medida que as perseguições aumentavam, aumentavam os adeptos da fé reformada. O imperador havia concedido a administração daquelas terras a Felipe II, este foi carrasco com os protestantes intensificando as perseguições, e pioraram quando este se tornou seu governante.

Começaram uma série de *bloedplakaten* “editais de sangue” no qual milhares foram condenados à fogueira da inquisição, estima-se que mais de 18.000 holandeses morreram queimados só durante o período do governo de Felipe II. O problema tornou-se duplo: um governador estrangeiro estava tirando tanto a liberdade política quanto religiosa dos neerlandeses.

Revoltados, milhares de protestos eclodiram nos Países Baixos, o mais marcante foi a invasão de igrejas católicas e destruição de imagens, Felipe foi sanguinário na vingança. Suas medidas ditatoriais não atingiam apenas as massas, os nobres também, até o filho de Willem d’Orange *stadhouder* das províncias da Holanda e Zelândia foi sequestrado.

Willem então liderou a revolta contra a Espanha, mais quatro províncias o apoiaram, as províncias reformadas Utrecht, Frísia, Groningen e Gélria, formando a União de Utrecht de 1579, que daria origem a República Holandesa. A luta pela independência dos Países Baixos tinha tanto um caráter político quanto religioso, uma guerra que duraria 80 anos.

Outro momento crítico para os Países Baixos foi o de 1588 quando Felipe II planejou invadir a Inglaterra e Holanda, mas a maior frota de navios já reunidos até então em toda a história foi derrotada. Ainda seria preciso 21 anos para que Espanha e Holanda assinassem uma trégua, e quando assinaram esta durou 12 anos de 1609 a 1621.

Em 1618 eclodiu a Guerra dos Trinta anos e milhares de refugiados protestantes migraram para a Holanda, como uma grande parte era composta de burgueses, este contingente populacional deu um impulso e tanto na economia holandesa. Essa é denominada a Era de Ouro holandesa, nesse período são criadas as Companhias das Índias Orientais e Ocidentais.

Quando a guerra retorna em 1622 os Países Baixos passaram a usar a mesma tática que a Inglaterra, a pirataria, ou seja, saques aos galeões espanhóis e não apenas saques, invasão às colônias espanholas patrocinadas pela Companhia das Índias Orientais e Ocidentais. E é aí que o Brasil entra na história, pois desde 1580 com a União das Coroas Ibéricas o Brasil passou a ser espanhol.

A estratégia holandesa de combate ao Império Espanhol era de atacar o ponto forte do inimigo, não o fraco. A riqueza espanhola aquelas alturas provinha do açúcar brasileiro, já que o ouro Inca já havia sido, ou gastado ou furtado pelos piratas e corsários ingleses de Elizabeth. A Holanda queria matar a Espanha de inanição.

A experiência de colonização holandesa no Brasil foi única por várias razões, uma delas é óbvia, a Holanda foi o primeiro Império Protestante da História. Foi nas terras do nosso país onde de fato seria implantada a primeira experiência de protestantismo colonial, praticamente 100 anos antes do protestantismo colonial inglês.

Muito diferente do protestantismo colonial inglês dos séculos XVIII e XIX, ou mesmo do próprio protestantismo colonial holandês do mesmo período acima citado, este não tinha uma mentalidade de branqueamento e nem de levar a civilização às terras julgadas bárbaras. O alvo principal não era ganhar almas para Cristo, mas sim a sobrevivência da própria religião. Missões era uma estratégia.

A mentalidade reformada da época via o Brasil como um refúgio, um lugar onde as pessoas e os Estados acreditavam que era possível viver e praticar sua religião em paz. Não se pode esquecer jamais que durante as Guerras Religiosas dos séculos XVI e XVII na Europa, os dois maiores impérios do mundo eram os católicos Portugal e Espanha.

Os Estados Protestantes ou eram cantões suíços insignificantes ou principados paupérrimos alemães ou reinos que mal haviam se constituído como Estado-Nação, como era o caso da Inglaterra, ou inexpressivos como eram os escandinavos. O único país protestante que de fato se tornou um Império neste período e que tinha condições de lutar contra a Espanha era a pequenina República Holandesa. Sobreviver era crucial.

Os holandeses quando aportaram na Bahia em 1624 não chegaram aqui com a mentalidade de trazer a civilização ou branquear o Brasil, o que eles queriam era um lugar para viver em paz, é claro que isto não exclui seus interesses econômicos. Afinal de contas

sem recursos econômicos também não se vive. A Holanda precisava barrar a Espanha para sobreviver como Estado Nação Protestante, e sendo a Holanda o único império protestante dos séculos XVI e XVII, a própria Reforma precisava do poder imperial holandês.

O medo de morrer ainda na adolescência era grande no mundo reformado. A Inglaterra, por exemplo, além de todas as razões políticas, econômicas e sociais, os puritanos liderados por Oliver Cromwell realmente tinham medo de um retorno da influência católica e espanhola em sua amada ilha durante o governo de Charles I e este foi também um dos motivos pelo qual cortaram sua cabeça nos idos de 1640.

O grande historiador da Revolução Inglesa, Christopher Hill em *O mundo de ponta cabeça*, chega a afirmar que a própria identidade nacional do nascente Estado Inglês estava alicerçada em ser anticatólico e antiespanhol. E enquanto cabeças rolavam na Inglaterra, Maurício de Nassau transformava Recife na primeira grande cidade do continente americano. Um verdadeiro paraíso cosmopolita.

Foi no Brasil Holandês, durante o governo de Nassau onde a primeira experiência de tolerância religiosa do mundo moderno foi aplicada. Católicos, protestantes e judeus podiam livremente professar sua fé. A verdadeira liberdade que a América representava ficava de fato abaixo da Linha do Equador.

É bom deixar bem claro que a experiência do protestantismo implantado nas Colônias Inglesas da América foi uma empresa particular, feita por indivíduos, não por Estados. Aliás, quando a Inglaterra quis se impor e mostrar com mais intensidade a força do seu Estado, os colonos reagiram e fizeram a Revolução Americana. Esta foi, na verdade, uma revolução reacionária, já que queriam apenas manter o que sempre tiveram: uma certa independência, e para garanti-la fundaram uma República.

No Brasil o protestantismo seria implantado de uma forma bem diferente, seria patrocinado pelo Estado, como parte de um projeto colonial. Somente duzentos anos depois da expulsão dos holandeses o protestantismo seria implantado em nosso país pela iniciativa particular, seja por grupos, como os imigrantes alemães luteranos ou por indivíduos como o escocês, Dr. Robert Kalley.

Não se pode afirmar que os homens protestantes do século XVII, imersos em uma Cultura Bíblica, como afirma Christopher Hill analisando a Inglaterra, agiam apenas por interesses políticos, militares ou econômicos. Eles também agiam movidos por suas crenças religiosas. Hill faz uma excelente consideração sobre isto:

É preciso que estejamos conscientes de certos anacronismos quanto a este ponto. Dizer que a política e a economia eram discutidas usando como referência a Bíblia

pode nos levar a supor que os homens e as mulheres da época eram influenciados pela “religião”, ao contrário do que acontece com os homens e mulheres do nosso século (...) Devemos diferenciar a linguagem bíblica utilizada pelos homens de suas ações concretas, que precisam ser descritas hoje em termos seculares. Entretanto, é, ao mesmo tempo, importante que evitemos a armadilha oposta, de supormos que a “religião” era usada como um “disfarce” para encobrir motivos seculares “reais”. Este pode ter sido o caso de alguns poucos indivíduos, mas para a maioria dos homens e mulheres a Bíblia foi o ponto de referência de todo o seu pensamento. (HILL, 2010, p. 54 – 55)

Estes homens assim agiram porque estavam imersos em uma mentalidade reformada, que tem três características bem presentes no Brasil: **1) o conceito que uma igreja protestante só poderia sobreviver em um Estado Protestante.** Para a implementação da França Antártica, a primeira tentativa francesa de criar uma colônia, onde o protestantismo era parte do projeto colonial nas Américas nos idos de 1555. Villegaignon recorre a políticos reformados franceses, o argumento que ele usou para convencê-los foi “que seu veemente desejo e mais forte empenho era procurar um sítio de repouso e tranqüilidade, onde pudesse estabelecer os perseguidos em França por causa do evangelho.” (CRESPIN, 2007, p. 26)

A própria Confissão de Fé Belga, a oficial da Igreja Reformada Holandesa deixa bem claro que é dever do Estado proteger a Igreja. Este era um dos documentos eclesiásticos usados na evangelização dos índios. Em seu artigo 36 intitulado *O Ofício das Autoridades civis*, está assim escrito:

Cremos que nosso bom Deus, por causa da perversidade do gênero humano, constituiu reis, governos e autoridades. Ele quer que o mundo seja governado por leis e códigos, para que a indisciplina dos homens seja contida e tudo ocorra entre eles em boa ordem. Para este fim Ele forneceu às autoridades a espada para castigar os maus e proteger os bons (Romanos 13:4). Seu ofício não é apenas cuidar da ordem pública e zelar por ela, mas também proteger o santo ministério da igreja a fim de promover o reino de Jesus Cristo e a pregação da Palavra do Evangelho em todo lugar, para que Deus seja honrado e servido por todos, como Ele ordena na sua Palavra. Depois, cada um, em qualquer posição que esteja, tem a obrigação de submeter-se às autoridades, pagar impostos, render-lhes honra e respeito, obedecer-lhes em tudo o que não contraria a Palavra de Deus, e orar em favor delas para que Deus as guie em todos os seus caminhos, "para que vivamos vida tranqüila e mansa com toda piedade e respeito" (1 Timóteo 2:2)

Outra Confissão de Fé muito importante para o protestantismo do século XVII, a Escocesa, em seu Capítulo 24 intitulado *Do Magistrado Civil*, assim afirma sobre o dever do Estado proteger a Igreja:

Além disso, confessamos e reconhecemos que todos os que foram colocados em autoridade devem ser amados, honrados, temidos e tidos na mais respeitosa estima, pois fazem as vezes de Deus, e em seus concílios o próprio Deus se assenta e julga. São eles os juizes e príncipes a quem Deus entregou a espada para o louvor e defesa dos bons e para justo castigo e vingança de todos os malfeitores. Além disso, afirmamos que a purificação e preservação da religião é, sobretudo e particularmente, dever de reis, príncipes, governantes e magistrados. Não foram eles

ordenados por Deus apenas para o governo civil, mas também para manter a verdadeira religião e para suprimir toda idolatria e superstição. Pode-se ver isso em Davi, Josafá, Josias, Ezequias e outros altamente recomendados pelo seu singular zelo.

A Segunda Confissão de Fé Helvética, adotada pelas Igrejas Reformadas da Suíça, França, Escócia, Hungria, Polônia, dentre outros países. Afirma o seguinte sobre a Magistratura Civil:

O dever do magistrado. O principal dever do magistrado é garantir e preservar a paz e a tranqüilidade pública. Indubitavelmente, ele nunca realizará isso com tanto sucesso como quando é de fato temente a Deus e religioso. Quer isso dizer, quando segundo o exemplo dos mais santos reis e príncipes do povo do Senhor, promove o magistrado a pregação da verdade e a fé sincera, extirpa as mentiras e toda a superstição, juntamente com toda impiedade e idolatria e defende a Igreja de Deus. Certamente, ensinamos que o cuidado da religião pertence especialmente ao santo magistrado. Tenha ele, pois, em suas mãos a Palavra de Deus, tomando cuidado de que não se ensine nada contrário à mesma. Governe também o povo, que lhe foi confiado por Deus, por meio de boas leis, elaboradas segundo a Palavra de Deus, conservando-o na disciplina, no dever e na obediência. Exerça o seu ofício de magistrado, julgando com justiça. Não faça acepção de pessoas, nem aceite subornos. Proteja as viúvas, os órfãos e os aflitos. Use sua autoridade para punir os criminosos e até bani-los, bem como aos impostores e bárbaros. Pois, não é sem motivo que ele traz a espada. (Rom 13.4).

E a mais famosa das confissões protestantes produzidas na época, a de Westminster, que estava sendo confeccionada durante o período holandês no Brasil e portanto não oferece influência, mas sua análise demonstra o que se pensava sobre o Governo Civil, diz o seguinte:

Os magistrados civis não podem tomar sobre si a administração da palavra e dos sacramentos ou o poder das chaves do Reino do Céu, nem de modo algum intervir em matéria de fé; contudo, como pais solícitos, devem proteger a Igreja do nosso comum Senhor, sem dar preferência a qualquer denominação cristã sobre as outras, para que todos os eclesiásticos sem distinção gozem plena, livre e indisputada liberdade de cumprir todas as partes das suas sagradas funções, sem violência ou perigo. Como Jesus Cristo constituiu em sua Igreja um governo regular e uma disciplina, nenhuma lei de qualquer Estado deve proibir, impedir ou embaraçar o seu devido exercício entre os membros voluntários de qualquer denominação cristã, segundo a profissão e crença de cada uma. E é dever dos magistrados civis proteger a pessoa e o bom nome de cada um dos seus jurisdicionados, de modo que a ninguém seja permitido, sob pretexto de religião ou de incredulidade, ofender, perseguir, maltratar ou injuriar qualquer outra pessoa; e bem assim providenciar para que todas as assembleias religiosas e eclesiásticas possam reunir-se sem ser perturbadas ou molestadas.

Os pastores que aqui chegaram ao século XVII acreditavam piamente que era dever do Estado proteger a igreja, pois em uma época onde o Estado era unido à Igreja a sobrevivência de uma igreja protestante fora de um Estado Protestante era quase impensável. Não é à toa que a experiência de tolerância religiosa durante o governo de Nassau é admirado por todos.

O que significa então esta ideia que uma igreja protestante só sobrevive em um Estado Protestante que a proteja no Brasil Holandês? Pode-se muito bem acreditar, em não apenas a manutenção do *status quo*, ou seja, a manutenção do governo holandês, mas também a protegê-la dos próprios holandeses.

No Brasil Holandês os pastores eram pagos pela Companhia das Índias Ocidentais, esta companhia de comércio só visava o lucro e explorava a mão-de-obra indígena, muitas foram as queixas dos pastores contra esta exploração. Sem a conversão do indígena, esta religião talvez jamais pudesse sobreviver por aqui. Portanto proteger o índio significava proteger a igreja.

Na Nódula Diária de 10 de outubro de 1639, o reverendo Dooreslaer faz uma petição para que seus índios não sejam mais obrigados a trabalhar, ou ir à guerra, para que assim possa instruí-los melhor nas doutrinas reformadas. O documento assim afirma:

Mas visto que o bom trabalho esta sendo obstruído por que eles cada vez têm que ser usados nos campos de guerra ou nos engenhos, assim lhes foi consentido que os habitantes tivessem o privilegio de não mais serem obrigados de irem a guerra ou de trabalharem nos engenhos. Eles ficarão em suas aldeias e plantarão suas roças, e produzirão muita farinha para vender aos engenhos e outros habitantes, de maneira que eles fiquem em casa para serem instruídos na religião cristã e que com o passar do tempo a boa influencia deste exemplo se espalhe na vizinhança.

Esta ideia de proteção, do Estado ser o provedor de tal, não só permeou as mentes dos pastores holandeses, mas de suas ovelhas também. Quando o Brasil Holandês chegou ao fim, muitos dos índios que eram seus aliados não acreditaram no perdão português da Capitulação de Taborda, ao invés disto resolveram fugir para a Serra da Ibiapaba no Ceará.

Lá um de seus líderes conseguiu fugir para a Holanda e pediu para fazer uma representação aos Estados Gerais Holandeses. Antônio Paraupaba pediu proteção para seu povo da seguinte maneira:

“Se lhe faltar esse auxilio, aquelle povo tem necessariamente de cahir afinal na garras dos crueis e sanguinarios Portuguezes, que desde a primeira occupação do Brasil têm destruído tantos centenaes de mil pessoas de sua nação, e especialmente depois que ella procurou a proteção das armas deste Estado a adoptou o verdadeiro culto divino, que agora, se fôr abandonada, terá de fazer penitencia, extirpando.”(MAIOR, 1912, p. 77)

Sem seus protetores, os potiguara reformados tiveram que buscar refúgio na serra cearense. O que é notável neste aspecto é que eles tinham consciência que eram refugiados. Isto é de se chamar a atenção, já que é uma novidade protestante ver a América como um refúgio.

2) A visão da América como um refúgio. Como este ponto já foi abordado, é necessário atentar para sua implicação direta. Quem se refugia? Quem precisa de refugio? Obviamente aqueles que estão ou se sentem perseguidos. Em um mundo cheio de refugiados, alguns não conseguem tal *status*, muitos então morrem. Suas mortes se transformam em sacrifícios e os sacrificados em mártires. Que é o outro aspecto bem presente na mentalidade reformada da época.

3) A supervalorização do mártir. No clássico *O Peregrino*, John Bunyan ao retratar o martírio de Fiel na Feira da Vaidade o coloca na posição de herói, que parece ser o destino dos mártires.

“Que doces cantos ouvi eu de Cristão, enquanto caminhava! ‘Grande foi a tua felicidade no Senhor, meu bom amigo Fiel’, dizia ele...Bendize a Deus, amigo Fiel, e canta: teu nome será eterno, porque vives, apesar de te haverem morto.” (BUNYAN 2004, p. 146). Esta mentalidade é presente na documentação produzida pelos potiguaras.

Em *A Bíblia Inglesa e as Revoluções do século XVII*, Christopher Hill informa que um dos livros mais lidos pelos protestantes da época era o sugestivo *Livro dos Mártires* de John Foxe. Este clássico da literatura protestante tem um capítulo dedicado apenas para os mártires dos Países Baixos. A descrição sobre a morte de Willem D’Orange, ou Guilherme de Nassau, nesta versão, é a que deve ter causado mais impacto nos holandeses:

Guilherme de Nassau caiu vítima da perfídia, assassinado aos cinquenta e um anos de idade por Baltasar Gerard, natural do Franco Condado, na província da Borgonha. Este assassino, com a esperança de uma recompensa aqui e no além por matar um inimigo do rei da Espanha e da religião católica, empreendeu a ação de matar o Príncipe de Orange(...)o príncipe somente disse: "Senhor, tem misericórdia de minha alma, e desta pobre gente", e depois expirou imediatamente.As lamentações pela morte do Príncipe de Orange foram gerais por todas as Províncias Unidas, e o assassino, que foi apreendido de imediato, recebeu a sentença de ser morto da forma mais exemplar, mas tal era seu entusiasmo, ou contra-senso, que quando lhe desgarravam as carnes com pinças candentes, dizia friamente: "Se estiver livre, o farei de novo". O funeral do Príncipe de Orange foi o maior jamais visto nos Países Baixos, e talvez a dor pela sua morte a mais sincera, o caráter que honradamente merecia, o de pai de seu povo. (FOXÉ, 2003, p. 193)

Estes três aspectos que pode-se considerar bem presentes na mentalidade reformada da época, que cruzou o oceano e encontrou morada nos corações e mentes dos indígenas reformados. Antônio Paraupaba foi o encarregado de informar aos holandeses sobre a situação dos índios que estavam refugiados na Serra da Ibiapaba. Fez duas representações aos Estados Gerais Holandeses sobre o assunto e apresenta estes aspectos da mentalidade reformada da época.

1) Paraupaba busca auxílio na Holanda por que o Estado Holandês era protestante como aqueles índios eram.

“Portanto confiamos firmemente que V.^a Ex.^a (que sempre se mostraram como verdadeiros pais e defensores dos oprimidos e desamparados, e sinceros paladinos da verdadeira Igreja de Deus) mandarão o mais depressa possível para lá o socorro suficiente para a subsistência da infeliz nação dos Brasilianos e para a conservação da Igreja Cristã Reformada, a única verdadeira.” (HULSMAN, 2006, p. 53)

2) Paraupaba vê a Serra da Ibiapaba como refúgio potiguara, já que foi lá o lugar para onde a igreja reformada indígena se refugiou depois da expulsão dos holandeses e da Capitulação de Taborda em 1654.

“Sendo por isso o suplicante enviado a V.^a Ex.^a por esta nação que se refugiou com mulheres e crianças em Cambressive no sertão além do Ceará, a fim de escapar aos ferozes massacres dos Portugueses...” (HULSMAN, 2006, p. 52)

O Estado do qual eles pertenciam já não existia mais, e nem os espaços em que estavam inseridos. Agora a Serra, lugar para onde fugiram depois da expulsão dos holandeses, era o seu refúgio, eram refugiados em sua própria terra. “Ele apresentou e mostrou o estado triste... em que se encontra essa nação fiel..., pedindo humildemente assistência e ajuda.”(HULSMAN 2006, p. 54)

3) Paraupaba apresenta Pedro Poty como um mártir. Poty foi capturado durante a Segunda Batalha dos Guararapes em 19 de Fevereiro de 1649, levado à Prisão do Cabo de Santo Agostinho em Pernambuco. Lá foi torturado até a morte pelos jesuítas portugueses a fim de renegar sua fé, coisa que não o fez, tornando-se o primeiro mártir protestante brasileiro. Paraupaba relata seu martírio desta forma :

“Que ele, um indigno, tendo, por uma mercê não merecida e incompreensível, reconhecido a Deus e ao Pai de todas as graças na verdadeira religião, a Reformada, que tinha a certeza de ser não só a verdadeira, mas a única aprazível a Deus, e que estava resolvido a não abandoná-la nem na vida e nem na morte.” (HULSMAN, 2006, p. 59 – 60)

Paraupaba apresenta Poty, não como um grande guerreiro, mas como um mártir e ele faz essa apresentação citando-o como um exemplo de fidelidade dentre outros da nação brasileira. Isto pode revelar uma fé verdadeira mesmo que misturada com os interesses políticos desses índios. Em uma carta endereçada a Felipe Camarão, Poty usa o argumento que Felipe luta ao lado dos portugueses por que é católico:

“Sou christão e melhor do que vós: creio só em Christo, sem macular a religião com idolatria, como fazeis com a vossa. Aprendi a religião christã e a pratico diariamente, se vós a tivésseis aprendido, não serviríeis com os perfidos e perjuros portuguezes, que apezar das promessas do rei e do juramento feito por elle, depois

de roubarem os bens dos Holandezes, vêm atacar traiçoeiramente a esses e a nós mesmos; mas não de receber o castigo de Deus.” (MAIOR, 1912, p. 66)

O próprio Evaldo Cabral de Mello afirma que nas guerras holandesas no Brasil a dimensão religiosa e a dimensão política parecem até se fundir de tão importante que uma é para a outra: “... nas guerras holandesas, haviam-se solidarizado a religião católica e o espírito nacional a tal ponto que se tornara impossível separá-los, determinar onde um terminava e começava o outro.” (MELLO, 1997, p. 327)

Paraupaba é genial ao citar a parábola dos talentos. Se os holandeses não dessem o socorro “dificilmente se justificaria perante o Grande e Todo Poderoso Deus, que é contra os que enterram a sua libra com medo de a colocar na usura.” (HULSMAN 2006, p. 53). Primeiro ele fala da fidelidade da Igreja Filha e depois traz à responsabilidade a Igreja Mãe. Para Paraupaba mais do que súditos do mesmo Estado, potiguaras e holandeses eram membros da mesma Igreja, que para ele era eterna e transcultural, ele usou intensamente a doutrina de Igreja Universal:

“Cremos e confessamos uma só igreja católica ou universal. Ela é uma santa congregação e assembleia dos verdadeiros crentes em Cristo. Esta igreja existe desde o princípio do mundo e existirá até o fim(...) A santa igreja também não está situada, fixada ou limitada em certo lugar, ou ligada a certas pessoas, mas ela está espalhada e dispersa pelo mundo inteiro. Contudo, está integrada e unida, de coração e vontade, no mesmo Espírito, pelo poder da fé.”(CONFISSÃO DE BÉ BELGA, 2005, p. 25 - 26)

Pela análise desses documentos tudo leva a crer que Paraupaba via o mundo com os olhos de sua mentalidade religiosa, seu mundo era religioso. Ele não vê mais seu país apenas como a terra de seus ancestrais, mas se sente um refugiado em sua própria terra, não vê Pedro Poty somente como um grande guerreiro, mas também como um mártir, vê seu próprio povo como parte da Igreja Universal de Cristo e a ele mesmo como um pobre cristão em busca de justiça.

Deve-se perceber que a dimensão da religião reformada que os chama a atenção, era a dimensão social, que lhes proporcionava liberdade e tolerância em um mundo de tiranias. É isso que vemos nas palavras de Pedro Poty:

“Estou bem aqui e nada me falta; vivemos mais livremente do que qualquer de vós, que vos mantendes sob uma nação que nunca tratou de outra cousa senão nos escravizar... Não acrediteis que sejamos cegos e que não possamos reconhecer as vantagens, que gosamos com os Holandezes (entre os quaes fui educado). Jamais se ouviu dizer que tenham escravizado algum indio ou mantido como tal, ou que hajam em qualquer tempo assassinado ou maltratado algum dos nossos...Elles nos chamam e vivem conosco como irmãos; portanto, com elles queremos viver e morrer.” (MAIOR 1912, p. 65)

A base da governabilidade holandesa no Brasil foi a sua aliança com os índios, grande parte desses, os da tribo potiguara, aparentam serem reformados de fato. A religião reformada ajudou a constituir essa base da governabilidade, como afirma Manuela Carneiro da Cunha:

“Não é o caso de buscar definir aqui as razões pelas quais parte dos índios se aliou aos holandeses, sequer de avaliar se a aliança estabelecida resultou positiva para os primeiros, o que tem sido negado (MELLO, 1979: 207). Em relação a um aspecto, contudo parece haver consenso, e este é relevante para o entendimento da aliança, ou seja, a liberdade religiosa e a tolerância que prevaleceram sob o governo de Nassau (HEMMING, 1978: 289; REGNI, 1988, VOL I: 70), das quais os grandes beneficiários teriam sido os judeus e os índios.” (CUNHA, 2002, p. 439)

Só o fato de nosso país ter abrigado protestantes no século XVII já é algo admirável. Afinal de contas fomos colonizados em primeira instância por um dos principais impérios católicos da época, o português. Além disso, depois da União Ibérica em 1580, o paladino do catolicismo, Felipe II da Espanha, se tornou o Felipe I de Portugal. Ter a presença de um protestantismo em terras assim é importante em si, muito mais ainda quando este protestantismo deixa seus frutos.

O protestantismo do Séc. XVII era um protestantismo muito diferente daquele que vemos hoje. Na época a religião estava nascendo, dando seus primeiros rebentos, formando sua identidade. O protestantismo que veio ao Brasil com os holandeses era um protestantismo que estava em seu nascedouro, portanto é de um anacronismo sem medida comparar este protestantismo com o nosso hoje. Emile G. Leonard, talvez o maior historiador do protestantismo brasileiro afirma que:

Do ponto de vista doutrinal, o calvinismo que acreditavam difundir já era uma diluição de diluições anteriores; o presbiterianismo americano já era ele mesmo uma adaptação do presbiterianismo britânico que por sua vez, através de um século de lutas contra o catolicismo e o anglicanismo, se havia distanciado longamente do pensamento de Calvino. E como quase sempre acontece com as Igrejas distantes de sua fonte de inspiração – e por isso mesmo mais ortodoxas em vontade que em espírito, o que era importante para estes missionários era a adesão aos textos denominacionais sob a forma da tardia e duvidosa Confissão de Fé de Westminster (1647), profundamente marcada pelas lutas às quais nos referimos acima, em seu Pequeno e Grande Catecismo. (LEONARD, 1963, p. 132)

Para entender o protestantismo indígena (capítulo III) é necessário primeiro compreender que ele não é igual ao de hoje. Parece uma afirmação óbvia e indigna de estar presente em uma dissertação de mestrado, mas é crucial. O que faz os protestantes de hoje serem diferentes daqueles do século XVII não são questões doutrinárias, e nem apenas sócio-culturais, é também mental. Simplesmente não se pensa e vê o mundo mais como no séc. XVII.

Mentalidade é um conceito interessante, os homens agem e nem sempre percebem que estão sendo movidos por ela. O século XVII era uma época de transição epistemológica, em parte eram muito medievais, em relação ao ver o mundo de uma forma hierofânica e em parte modernos, por começarem a racionalizar este mundo hierofânico.

A experiência de conversão de Martinho Lutero, com já foi dito anteriormente, parece um prefácio do protestantismo. Lutero entra num mosteiro após prometer a Santa Ana que assim o faria se salvasse sua vida de raios. Ele era um homem que não tinha explicação científica para o raio, para ele vinha de Deus e não de descargas elétricas.

Porém toda a verdadeira revolução que faz no cristianismo ocidental parte de sua leitura em Romanos 1 e 17. Ou seja, da sua racionalidade. Lutero e os protestantes da época usaram tecnologia de ponta para espalhar a nova fé: a imprensa. Eram muito mais ousados e revolucionários que os protestantes conservadores que os amam hoje em dia.

Se atualmente não se vê muitas diferenças entre protestantes e católicos, naquela época era o oposto. Diferente não apenas porque os protestantes tinham uma fé revolucionária, herética, mas porque de fato o protestante era um novo tipo de homem. Quando Oliver Cromwell criou seu Exército de Novo Tipo durante a Revolução Inglesa, ele o chamou apropriadamente, seus homens eram diferentes.

Os protestantes dos séculos XVI e XVII foram homens e mulheres que criaram uma nova maneira de ver e viver o mundo. Se o protestantismo fez uma revolução na Europa nos séculos XVI e XVII, quanto mais ele não causou no Brasil Colonial e mais ainda em adeptos nativos. A versão desta nova religião que chegou em nossas terras foi uma versão muito rica, a holandesa.

A Holanda nascendo como país junto com o protestantismo, os mártires desta nova fé se confundem com os heróis nacionais, como por exemplo, o pai da pátria holandesa, Willem D'Orange, que tem sua morte registrada no livro dos mártires de Foxe. A Holanda tornou-se o primeiro Império Protestante da História. Isto faz seu protestantismo ser muito rico, pois luteranos, calvinistas e outras minorias buscaram proteção em suas terras.

A Holanda também foi a sede de, talvez, a maior controvérsia da História do Protestantismo, o arminianismo x o calvinismo. Foi com o Sínodo de Dort que a doutrina calvinista em relação a salvação foi sistematizada nos famosos cinco pontos do calvinismo. Em relação a arte os holandeses não seguiram alguns calvinistas radicais que perseguiram principalmente a pintura. Era a era de ouro da Pintura Holanda. Aliás foi através de olhos

protestantes que a Europa enxergou pela primeira vez o Brasil. A missão artística e científica de Nassau não foi apenas a primeira a retratar o Brasil, mas a América.

A experiência holandesa foi tão única, que foi diferente até das outras experiências do colonialismo holandês em outros lugares. Durante os poucos anos que os holandeses estiveram aqui não houve a menor possibilidade de apartheid, chegaram até a ordenar índios oficiais da Igreja Reformada Holandesa (capítulo II).

Por um lado era um protestantismo esplêndido, visionário, empreendedor, revolucionário e por outro lado displicente e escandaloso. Displicente porque não importava o quanto os pastores predicassem, beber era o esporte nacional. E escandaloso porque o protestantismo na Holanda talvez tenha sido o mais liberal em termos de sexualidade.

Segundo Simon Schama em *O Desconforto da Riqueza* era muito comum andar pelas ruas de Amsterdã ver casais de namorados de mãos dadas e se beijando em público. Comportamento este que era considerado escandaloso em alguns países ocidentais até meados do século XX! E Schama ainda reitera que os holandeses foram os primeiros a acreditar e formular a doutrina do “destino manifesto”:

Em certo sentido, foram os inventores da inevitabilidade patriótica: a noção de que um destino holandês específico jazia imanente na crosta da história europeia, esperando que uma erupção predeterminada o libertasse de seu invólucro antigo e inatural. Essa era uma mitologia poderosa, sem dúvida. Entretanto teria sido efêmera se fosse apenas a fantasia egoísta de alguns poucos intelectuais e aristocratas humanistas. Sua força estava no fascínio do autoreconhecimento. Para ser livres e merecer a ajuda divina, dizia-se aos holandeses, eles só precisavam ser o que eram e permanecer fiéis a si mesmos. (SCHAMA, 2009, p. 557)

É preciso reiterar esta característica única da experiência protestante no Brasil Holandês, pois será muito difícil perceber que o protestantismo indígena também era diferente. O Brasil, foi o Brasil e não os EUA, o primeiro país da América a ter de fato uma experiência de protestantismo tanto de povoamento, de missão, e de colonização.

No Brasil Holandês centenas de franceses, ingleses, holandeses, belgas, alemães, dentre outros vieram tentar a sorte e fugir das perseguições na Europa. Foi também no Brasil Holandês que um contingente considerável de pastores cruzaram o Atlântico para fazer missões. E foi também onde a nova religião foi implantada pela primeira vez como uma experiência colonial.

A experiência de colonização holandesa, juntamente com seu protestantismo que veio ao Brasil no século XVII foi único até mesmo para os próprios holandeses. Primeiro o contexto de conquista holandesa no Brasil está inserida num contexto de guerra de independência da própria Holanda, a chamada Primeira Guerra Mundial por Charles Boxer.

Segundo, este interesse militar, político, econômico estava embebida pelos interesses religiosos, pois a guerra era de independência política e também religiosa. A Holanda adquiria identidade nacional ao mesmo tempo que o protestantismo adquiria identidade doutrinária, 1630 são apenas alguns poucos anos do Sínodo de Dort, que “resolvia” a controvérsia arminiana.

Como os pastores eram pagos pela Companhia das Índias Ocidentais, controlada por calvinistas, a preocupação com o ensino em estar de acordo com as resoluções dos Cânones de Dort era grande. Em uma cópia diária de 23 de fevereiro de 1638, percebe-se esta preocupação:

Eles também relataram que um certo Jan Michielsz, que foi enviado à dois anos para cá de Zeeland, para exercer a função de proponente e que naquele tempo tinha sido declarado como incapaz pelo conselho da Igreja, por que ele não tinha estudos, agora foi aprovado por eles e podia ser contratado e eles pediram ao conselho para que isto fosse aprovado.

Para Frans Leonard Schalwijk foi essa excessiva preocupação com a doutrina que poderia ter travado a impressão do catecismo em tapuia. Ao mesmo tempo que este era um protestantismo preocupado com a doutrina era também um protestantismo inovador. Não tenho conhecimento se na época alguém, além dos holandeses tenha levado nativos americanos para sua pátria e ensinado suas doutrinas.

Além disso, este protestantismo também era colonial, tinha que corresponder aos interesses da Companhia das Índias Ocidentais. A República Holandesa foi o primeiro império protestante da História. E o choque entre o fervor de uma religião nascente e os interesses coloniais foi grande no Brasil. Muitas foram as reclamações de maus tratos aos indígenas feitas pelos empreendedores da WIC que os pastores denunciaram.

Este era o protestantismo que veio ao Brasil, um protestantismo ainda nascente, ganhando corpo e adeptos. Formando suas doutrinas, diferenciando-se do catolicismo e do ortodoxismo. Sua identidade estava em formação. Este protestantismo estava em pleno vapor e o fervor da Reforma era grande. Os homens genuinamente tinham crenças firmes.

Um protestantismo que acreditava firmemente que precisava de um Estado protestante para que uma igreja protestante pudesse sobreviver. Que via a América como um refúgio e que tratava como mártires aqueles que morriam pela causa de Cristo. Estas características peculiares eram bem presentes na mentalidade dos índios reformados.

Esta é uma forma de protestantismo morto. Que não existe mais. O cristianismo é uma religião viva, apesar de serem em um Deus Trino, em Jesus como Salvador, na Bíblia como a palavra de Deus, os cristãos expressaram de maneiras bem diferentes estas crenças ao

longo dos anos. É bom deixar isso bem claro para não cair na tentação de enxergá-los como se eles fossem iguais aos protestantes de hoje.

Mas antes de encerrar este primeiro capítulo e adentrar no segundo com a discussão sobre as relações batavo-potiguaras é importante também saber o que se pensava ser a Igreja no séc. XVII. Na visão protestante igreja é muito mais que uma comunidade de fiéis, onde há uma hierarquia a ser respeitada, igreja é o Corpo de Cristo.

Os documentos eclesiásticos da época estão recheados deste conceito. Na Confissão de fé Belga, oficial da Igreja Reformada Holanda, está assim no artigo 27 intitulado A Igreja Católica ou Universal:

Cremos e confessamos uma só igreja católica ou universal. Ela é uma santa congregação e assembléia dos verdadeiros crentes em Cristo, que esperam toda a sua salvação de Jesus Cristo, lavados pelo sangue dEle, santificados e selados pelo Espírito Santo. Esta igreja existe desde o princípio do mundo e existirá até o fim. Pois, Cristo é um Rei eterno, que não pode estar sem súditos. Esta santa igreja é mantida por Deus contra o furor do mundo inteiro, mesmo que ela, às vezes, por algum tempo, seja muito pequena e na opinião dos homens, quase desaparecida. Assim, Deus guardou para si, na perigosa época de Acabe, sete mil homens, que não tinham dobrado os joelhos a Baal. Esta santa igreja também não está situada, fixada ou limitada em certo lugar, ou ligada a certas pessoas, mas ela está espalhada e dispersa pelo mundo inteiro. Contudo, está integrada e unida, de coração e vontade, no mesmo Espírito, pelo poder da fé.

Os índios eram parte desta igreja universal. Sentiam-se assim. Este não é um aspecto mental, mas doutrinário, porém para um protestantismo que foi implantado via colonização é de se destacar. Isto significa que eles tinham os mesmos direitos e deveres que seus colonizadores, pois eram membros da mesma Igreja Universal de Cristo.

É óbvio que muitos holandeses estavam preocupados em apenas explorar os índios, principalmente os representantes da WIC, mas houveram sim, muitos preocupados com o bem estar destes. Tinham o entendimento que eram membros do Corpo de Cristo. Isto faz uma enorme diferença, se comparado com a mentalidade jesuíta na evangelização em nossas terras.

Uma coisa é alguém que crer que Deus tem escolhidos na América e que deve pregar o evangelho a toda criatura para alcançar esses escolhidos. Outra é pregar apressadamente para torná-los católicos antes que os luteranos e calvinistas os tornem hereges protestantes. Por esta concepção diferente de igreja é que os pastores cuidavam tanto de suas ovelhas como se verá no capítulo II. E além de serem parte da Igreja Universal de Cristo, os índios também deviam:

Esta santa assembléa é a congregação daqueles que são salvos, e fora dela não há salvação. Cremos, então, que ninguém, qualquer que seja a posição ou qualidade, deve viver afastado dela e contentar-se com sua própria pessoa. Mas cada um deve se juntar e se reunir a ela, mantendo a unidade da igreja, submetendo-se a sua instrução e disciplina, curvando-se diante do jugo de Jesus Cristo e servindo para a edificação dos irmãos, conforme os dons que Deus concedeu a todos, como membros do mesmo corpo. Para observar melhor tudo isto, o dever de todos os fiéis é, conforme a Palavra de Deus, separar-se daqueles que não pertencem a igreja, e juntar-se a esta assembléa em todo lugar onde Deus a tenha estabelecido. Este dever deve ser cumprido, mesmo que os governos e as leis das autoridades o contrariem e mesmo que a morte ou a pena corporal sejam a consequência disto. Por isso, todos os que se separam desta igreja ou não se juntam a ela, contrariam a ordem de Deus.

Este é o artigo 28 da Confissão Belga intitulado *O Dever de juntar-se a igreja*. Seriam motivados por esta crença os pastores holandeses? Em uma Nódula Diária de 22 de novembro de 1639, Daniel à Doreslaer e Johannes Eduardus, dois Dos mais importantes pastores do Brasil Holandês assim pediam ao Alto Conselho:

Acima de tudo isto também é certo que esta maneira de agir é muito desfavorável para o serviço e a felicidade celeste destas pobres pessoas, que no meio de sua formação estão sendo retiradas dos cuidados de seus professores e que por causa de toda esta perturbação esquecem tão rápido e facilmente tudo que lhes foi apascentado com tanto esforço. Por isso pedimos a sua Excelência e o Alto Conselho para que, eles remediam o mais que possível, por zelo a felicidade e seus bens estar, em nome de seus pobres cidadãos nesta difícil situação, e não deixar que aqueles que querem se educar pelas lições sagradas do predicante sejam levados contra a sua vontade.

CAPÍTULO II

AS RELAÇÕES BATAVO – POTIGUARAS

Não me falleis sôbre a fraqueza dos Holandezes. Estive e me eduquei no seu paiz. Existem lá navios, gente, dinheiro e tudo em tanta abundancia como as estrelas no céu; e disso tem vindo para cá alguma coisa. Tem sido tambem por meio de seus navios e tropas que esse d. João se tem sustentado há quatro annos, no throno, e tem podido reinar, sendo para esse fim ajudado pelo príncipe de Orange e Estados Geraes, dando-lhes, entretanto, tão máo pago.

Pedro Poty

INTRODUÇÃO

Muitas pesquisas foram feitas sobre a relação entre os índios e os holandeses. Sobre os interesses de ambas as partes, e no dizer da professora Regina Célia Gonçalves os indígenas não eram “massa de manobra”, mas sim atores em todo este jogo de interesse político.

A perspectiva desta dissertação de mestrado é perceber que a aliança político-militar entre holandeses e indígenas tem um componente que reforça e muito a mesma. O entendimento que formavam a Igreja de Cristo, que índios e neerlandeses eram membros do Corpo de Cristo.

Portanto para introduzir a questão sobre como um aspecto religioso pode ser um reforço na aliança político-militar entre dois povos culturalmente muito diferentes, é preciso conhecer o que a Igreja Reformada Holandesa pensava sobre a igreja. Em termos teológicos é necessário conhecer bem a eclesiologia.

Neste capítulo as relações batavo-potiguaras serão analisadas através das vidas dos índios mais importantes para a governabilidade holandesa no Brasil, como os regedores Pedro Poty, Antônio Paraupaba e Francisco Carapeba. Como também daqueles que anonimamente fizeram história na Famosa Assembleia dos Índios em 1645. Apesar de também destacar os índios na Ibiapaba, eles receberão mais atenção no terceiro capítulo.

O que é ser Corpo de Cristo?

Na tradição protestante a Igreja é entendida muito além de uma simples instituição com sua hierarquia. Igreja é o Corpo de Cristo. Dentre os protestantes, aqueles que se dizem reformados acreditam nisso e em mais. Igreja é o Corpo de Cristo, formado por todos os escolhidos de Deus, desde o primeiro até o último, de todas as épocas e lugares.

Esta crença explica o fato, de no século XVII, nativos americanos serem ordenados oficiais da Igreja Reformada Holandesa. Afinal de contas quantos anos seriam

precisos para a Igreja Católica ordenar um padre índio ou negro? Crer que faziam parte do Corpo de Cristo rompeu com as barreiras e preconceitos raciais dos holandeses no Brasil.

O fato de ter poucos casamentos entre holandeses e índios explica-se mais pelo fato de que protestantes são aconselhados a casar com protestantes do que por causa de barreiras raciais. A colonização holandesa no Brasil foi completamente diferente da de outras colônias holandesas.

Aqui a possibilidade de apartheid era quase nula, por uma simples razão: os holandeses precisavam dos índios. Precisavam tanto que tiveram que romper com as barreiras raciais, e além disso, seu protestantismo ainda estava em formação, muito fervoroso e tinha uma mentalidade de que fazer missões estava mais para salvar a religião da morte do que civilizar os bárbaros. José Gonçalves de Mello faz menção da preocupação de Nassau e da WIC em manter a simpatia dos índios:

Durante todo o período da dominação holandesa no Brasil, uma das preocupações mais constantes de seu governo foi a de atrair e conservar a amizade dos brasileiros – assim chamados os tupis – e dos tapuias. Nassau reconheceu a importância de tais aliados e não se descuidou de procurar a sua amizade. Veremos como, mesmo na Holanda, não deixou de lhes enviar presentes e escrever-lhes cartas. No seu relatório de 1644 diz que “da amizade dos índios depende em parte o sossego e a conservação da colônia do Brasil e que se tendo isto em vista deve-se lhes permitir conservar a sua natural liberdade, mesmo aos que no tempo do rei da Espanha caíram ou por qualquer meio foram estrangidos à escravidão, como eu próprio fiz, libertando alguns.” (...) Nassau aqui não fez senão repetir a opinião de seus predecessores e reiterar o ponto de vista do Conselho dos XIX. Se, afinal de contas, nem sempre a política de aproximação e amizade com os índios foi estável, disto não se deve culpar o governo holandês, mas os seus prepostos, os *commandeurs*, os encarregados das aldeias, os exploradores que contratavam o serviço dos índios; enfim, segundo palavras de Gedeon Morris de Jonge, pela “diabólica cobiça da inconstante riqueza” foram os índios brutalizados, conservados e mesmo vendidos como escravos. Não obstante tudo isto, o que nos mostram os documentos é que a política da Companhia foi sempre a de manter a todo o custo a amizade dos índios. Para isto empregou o serviço de pessoas dedicadas e que se sentiam perfeitamente à vontade entre eles. (MELLO, 2007, p. 210 – 211)

Marcus Meuwese em sua tese de doutorado intitulada “*For the peace and well-being of the country*”: *intercultural mediators and dutch-indian relations in New Netherland and Dutch Brazil, 1600 – 1664*. Trabalha comparando os dois modelos de colonização holandesa nas Américas e suas alianças com os indígenas. Para o autor, no Brasil os holandeses foram mais bem sucedidos com os índios por causa do que chama de dependência mútua.

In explaining why Poty and Paraupaba were able to expand their influence as intercultural mediators, I suggest that Dutch imperial policies as well as frontier conditions in Brazil contributed to their success. Instead of an antagonistic relationship between natives and newcomers in mid – Atlantic North America., Tupi – Dutch relations in Brazil were shaped by mutual dependency. While the Dutch West India Company (WIC) needed the Tupis as military force and workers in the

colonial economy, many Tupis welcomed the Dutch invaders as highly useful allies in the Tupis struggle against Portuguese colonialism. These mutual needs subsequently facilitated the rise of Poty and Paraupaba as mediators between the Dutch and the Tupis. At the same time, relations between the Tupi and the Dutch were loyal supporters of the WIC, they never deemed themselves subjects of the Dutch colonial order. Instead, the Tupi mediators primarily viewed the alliance with the Dutch as an opportunity to promote Indian autonomy from European colonialism. For all their usefulness as skilful and reliable negotiators, Poty and Paraupaba were therefore never fully trusted by Company officials. (MEWESE, 2003, p. 151 – 152)

Mais a frente em sua tese, Mewese até cita um caso, que o próprio considera como excepcional: holandeses que serviam de secretários dos regedores. Pedro Poty era este regedor indígena que teve por 21 meses um secretário holandês! Que tipo de colônia era esta onde o colonizador era secretário do colonizado?!

In addition, the High Council provided Poty with a personal secretary for almost two years to assist him in corresponding with WIC officials. In mid-February 1647, Johannes Engelaer, “schoolmaster and comforter of the sick to the Brazilians, requested rewards for services, as his son Samuel Engelaer had been in service of Brazilians for 21 months and been used as writer for the Regidor Pedro Pottij.” This situation seems to have been exceptional since no other documentary evidence exists of Dutch colonists serving as secretaries for the Tupi *regidors*. However, the appointment of a European personal assistant to a native leader for almost two years clearly reveals the importance of the Tupi mediators for the WIC. (MEWESE, 2003, p. 187)

É muito improvável que em uma sociedade que considera a possibilidade de um colonizador, e não um colonizador qualquer, um mestre-escola e consolador de enfermos. Oficial da igreja oficial do Estado, seja um secretário de um índio, praticar o apartheid por motivos raciais.

A colonização holandesa no Nordeste brasileiro foi ímpar, singular, única até para eles mesmos, como foi exposto no capítulo anterior. Um dos aspectos que a torna tão diferente foi a condição de sua religião oficial. O protestantismo holandês que chegou em 1630 no Brasil ainda era um protestantismo temeroso de morrer na infância.

Um protestantismo que respirava o frescor da chama dos primeiros reformadores, que travava uma guerra religiosa contra a Espanha. Muito diferente do protestantismo holandês da segunda metade do séc. XVII. No Brasil o capitalismo ganancioso da WIC ainda era combatido pelos próprios holandeses, coisa que não ocorreu em outras colônias.

O protestantismo no Brasil Holandês foi um fator de inclusão e não de exclusão. A religião foi usada para incluir os índios na cultura, sociedade e Estado Holandês. A nota nº41 do quarto capítulo de *Tempo dos Flamengos* traz a transcrição de um documento precioso que não deixa nenhuma dúvida acerca de como os holandeses viam o protestantismo

como um elemento de inclusão. É interessante também observar as considerações de José Gonçalves de Mello.

“Instruções dadas a Servaes Carpentier por parte do Conselho Político, o qual vai em missão do mesmo Conselho ao Conselho dos XIX a expor a situação do Brasil”, datado do Recife, 20 de fevereiro de 1636. É pois um documento oficial, redigido pelos mais altos representantes da Companhia no Brasil, e deve refletir o fruto das observações por eles acumuladas. Conclui o item 27 das Instruções, que vimos traduzindo: “Das escolas os meninos não sairiam antes – e só então – de saberem ler, escrever e falar holandês e dar provas de estarem no caminho da salvação e no da verdadeira religião. Os jovens brasileiros que nunca se alimentaram senão de farinha e frutos silvestres seriam alimentados, enquanto na escola, pelos seus próprios pais, o quais de preferência devem trazer por mês a farinha de que os seus filhos necessitarem, assim como panos de algodão e outras coisas necessárias ao vestuário. Os meninos que ao fim se mostrarem mais ágeis de entendimento seriam escolhidos para prosseguir no estudo, ou seja, em uma escola a ser criada no Brasil ou então enviados para a Holanda, de modo que nas suas próprias nações haja alguns que lhes falem de Cristo. Finalmente, por este meio uniremos firmemente a nós todos os brasileiros, não só pelo uso de uma mesma língua como pelo seguro laço da religião verdadeiramente compreendida.” (MELLO 2007, p. 223 – 224)

É preciso destacar a seguinte afirmação: ***“Finalmente, por este meio uniremos firmemente a nós todos os brasileiros, não só pelo uso de uma mesma língua como pelo seguro laço da religião verdadeiramente compreendida.”*** Ser Corpo de Cristo não tem uma implicação puramente religiosa, mas também social.

Para uma religião nascente acreditar que o fiel está unido espiritualmente com seu Deus e com seus irmãos, em uma união mística que transpõem as barreiras do tempo e do espaço é muito confortável. Assim o crente desta fé pode “sentir-se em casa” em qualquer lugar do mundo, se estiver com outro irmão que professa esta mesma fé.

Quanto mais esta crença é reforçada em um ambiente de perseguições e guerras religiosas que viviam os holandeses? Na Holanda o protestantismo foi revolucionário, esteve ligado com a luta pela liberdade nacional, portanto foi um dos constituintes da identidade nacional daquele povo. Parte do que é ser holandês, naquela época, confundia-se com ser protestante também.

Porém o protestantismo holandês da primeira metade do século XVII era multi-étnico, pessoas de várias partes da Europa se refugiaram na Holanda, buscando abrigo às perseguições e guerras religiosas. Basta ver a multiplicidade étnica do Brasil Holandês: franceses, ingleses, alemães, belgas, poloneses, além de judeus, portugueses, índios e africanos.

Ora se mentalidade é uma dialética entre visões de mundo e a realidade, então a crença universalizante do protestantismo, refletida mais visivelmente em sua doutrina da Igreja como Corpo de Cristo. Associada a um contexto de luta de independência onde a

religião era um aspecto libertador e que recebeu migrantes de várias etnias que professavam esta mesma fé. Cria um ambiente favorável para romper barreiras raciais.

Esta Holanda, ainda não era a Holanda, pelo menos no Brasil, que criou o apartheid na África do Sul. Por isso as relações com os indígenas aqui foram de inclusão e não de exclusão. Não é à toa que na carta em resposta ao primo Felipe Camarão, Pedro Poty convida-o a juntar-se aos holandeses e com eles formarem a nação.

As funções da Aldeia

Segundo Marcus Meuwese a Aldeia no Brasil Holandês tinha função tripla:

1. Suporte para a exploração de açúcar;
2. Forte militar;
3. Laboratório protestante.

From the perspective of High Council in Recife, the considerable Tupi population inhabiting the *aldeias* in Dutch – controlled Brazil was useful for three important purposes. First, like the Portuguese before them, the Dutch considered the Tupis a cheap and readily available labor force for the sugar mills and Brazilwood harvesting that dominated the economy of northeastern Brazil. The second purpose that the *aldeias* served for the Dutch was as an important supplier of auxiliary troops, guides and carriers for the WIC army. (...) The third and final use of the *aldeias* for the High Council was as an isolated laboratory to civilize the Tupis and convert them to Protestant Christianity. Like the Jesuits before them, the High Council and Dutch Calvinist ministers considered it prudent to concentrate the traditionally mobile Tupi communities in fixed settlements where they could be better taught the ways of European Christian civilization such as monogamous marriages, baptisms, church services, reading, writing, agriculture, and limited number of crafts. Ironically, this goal of civilizing the Tupi in their *aldeias* was undermined by the purpose of enlisting the Tupi economic and military tasks. (MEUWESE, 2003, p. 153 – 154)

Torna-se nítido perceber que os holandeses tinham propósitos militares, econômicos e sociais nas aldeias. Estes três propósitos eram imprescindíveis para os tais e, sendo em áreas sensíveis, não demoraria muito para gerar conflitos. Muitas foram as reclamações do clero protestante em relação à exploração do trabalho indígena.

Índios se rebelaram contra os representantes da WIC, como os do Ceará que até mataram o governador holandês da capitania, Gedeon Moris de Jong. Estes conflitos são naturais, e o fato de existi-los é uma prova contundente, que, se houve conflitos, é porque os índios também tinham seus interesses em jogo.

Para esta dissertação é interessante fazer uma nova divisão, porém baseada em Meuwese. A Aldeia tinha uma função político-militar, político-econômico e cultural-religiosa. O político é acrescido ao militar porque no Brasil Holandês a força militar se confundia com a política, o econômico pelo trato dos principais com a economia açucareira e interesses culturais e religiosos dos holandeses na catequização indígena.

O curioso é que se os holandeses tinham um propósito triplo para as aldeias, eles também estabeleceram três formas onde os índios seriam encaixados nestes propósitos. Assim o Brasil Holandês teve índios com funções político-militares (regedores), político - econômicas (os principais) e cultural-religiosas (mestres – escolas).

O capitão era um funcionário público da República Holandesa, seu soldo era pago pela Companhia das Índias Ocidentais, como todos os outros funcionários, até mesmo Nassau era pago pela WIC. Sua função era prover a segurança das praças conquistadas e conquistar mais. Pedro Poty, por exemplo, tinha a seu dispor cerca de 200 homens na sua Aldeia, Massurepe na Paraíba.

Poty e seus homens tanto lutaram nas duas Batalha dos Guararapes como, muito provavelmente, na Conquista de Angola. O cargo de Regedor, que se complementa ao de capitão veio após 1645 com a famosa Assembleia Indígena que ocorreu naquele ano, a qual criava uma espécie de Câmara de Deputados Indígena no Brasil Holandês, onde três regedores foram eleitos para representar os índios no Alto Conselho do Brasil Holandês. Portanto um cargo político, que se funde a um militar quando um capitão é eleito regedor.

Principal é um cargo político-econômico, político porque o principal é um cacique, um homem respeitado pela sua tribo. Econômico porque era com os principais que os representantes da WIC tratavam quando necessitavam da mão-de-obra indígena. Gaspar Paraupaba, principal dos potiguaras do Ceará, era quem tratava com Mathias Beck, governador do Ceará Holandês, sobre a exploração das possíveis Minas de Prata.

E mestre – escola era um cargo exclusivamente cultural - religioso. A função de um mestre – escola era ensinar a leitura, a escrita e a doutrina reformada. No protestantismo o crente deve ler a Bíblia, aliás, o Livre-Exame das Escrituras e o direito de ler a Bíblia no vernáculo foi um das principais reivindicações conquistadas pela Reforma Protestante do séc. XVI, João Gonçalves e Álvaro Jacó foram os que mais se destacaram nesta função.

3.1 OS CAPITÃES REGEDORES: PEDRO POTY, ANTÔNIO PARAUPABA E DOMINGOS FERNANDES CARAPEBA

Antes de adentrar em uma pequena biografia de cada um destes regedores é necessário ter em mente qual o primeiro contato que dois deles, Pedro Poty e Antônio Paraupaba tiveram com o holandês. Estes dois foram levados para a Holanda em 1625 quando a frota de Boudewyn Hendricksz aportou na Baía da Traição, Paraíba, naquele ano.

Duas das mais proeminentes famílias dos potiguara estavam reunidas naquele lugar, isto leva a crer que os potiguara estavam realizando um importante encontro quando os

holandeses ali chegaram. O encontro deve ter sido muito político para ambas as partes, já que há uma enorme probabilidade dos potiguara falarem francês, pois fizeram aliança com os piratas franceses anos antes. “Since the French had been frequent visitors to the área, it is possible that the some Potiguars spoke French as well.” (MEUWESE, 2003, p. 83)

Pelo outro lado, também há uma enorme possibilidade que entre os holandeses houvessem alguns belgas ou huguenotes franceses fugidos de França, já que muitos deles compunham o exército do Príncipe de Orange, além dos belgas. Só isto explica o fato de 13 potiguaras, dentre estes 6 eram das “famílias nobres” que embarcaram para a Holanda e tiveram papel fundamental no estabelecimento do Brasil Holandês.

Os índios queriam saber com quem estavam se aliando, já que a aliança com os franceses não tinha sido muito eficaz na luta contra os portugueses. Para o lado holandês era estratégico que aqueles índios falassem e pensassem como um holandês para servirem de mediadores e de serviço de inteligência para um possível segundo ataque à Costa Nordeste.

Esta tese parece ser confiável, na carta que Pedro Poty escreveu a Felipe Camarão, ele diz que prefere ficar ao lado dos holandeses na guerra. Seu argumento demonstra um grande conhecimento da política e economia dos Países Baixos e também de Portugal.

Não me falleis sôbre a fraqueza dos Hollandezes. Estive e me eduquei no seu paiz. Existem lá navios, gente, dinheiro e tudo em tanta abundancia como as estrelas no céu; e disso tem vindo para cá alguma coisa. Tem sido tambem por meio de seus navios e tropas que esse d. João se tem sustentado há quatro annos, no throno, e tem podido reinar, sendo para esse fim ajudado pelo príncipe de Orange e Estados Geraes, dando-lhes, entretanto, tão máo pago. (MAIOR 1912, p. 409)

Pedro Poty

Pedro Poty é um daqueles homens que despertam paixões e ódios, sua história ainda é muito pouco conhecida pela historiografia brasileira, apesar de sua vida estar intimamente ligada com nossa história. Estudá-lo é quase como embarcar em um romance de aventura ala Spielberg.

Em prováveis 44 anos de vida, ele passou a infância e parte da juventude na Paraíba, o início de sua vida adulta na Holanda, onde recebeu a melhor educação holandesa em seu período áureo, volta para o Brasil ainda jovem para se tornar líder de sua tribo, os potiguaras.

Guerreiro respeitado tanto pelos potiguaras quanto pelos holandeses, participa da Campanha da Angola (há fortes indícios que apontam par tal), quando os holandeses conquistam esse território dos portugueses, morre com status de herói e de mártir. Foi uma espécie de diplomata, militar, líder político e religioso. Um homem cuja vida merece ser conhecida.

Era filho de Iaguarani e neto de Araorena, tinha pelo menos um irmão chamado Lippe Tocaju e seu nome em potiguara era Itaque. Diogo Pinheiro em uma carta endereçada a ele diz que: “O vosso avô o ancião Araorena, vosso pae Iaguarani e todos os outros amigos dizem que vos deveis passar.” (MAIOR, 1913, p. 404)

Já em outra carta escrita por Diogo da Costa há a informação que Poty teria perdido a mãe em 1645, aos 40 anos e menciona um nome de um irmão seu, que também morreu. “O chefe deseja muito a vossa vinda, portanto parti. Não me tendes amizade? O vosso ermão Lippe Tocaju morreu e nossa mãe morreu.. Isso, oh! Meu ermão, vos comunica o vosso ermão mais velho, Diogo da Costa.” (MAIOR, 1913, p. 405)

Apesar dos índios constantemente se tratarem por irmãos e irmãs, esta carta aparenta ter informações específicas da família de Poty, sendo que pode-se acreditar que realmente Diogo da Costa era seu irmão mais velho.

Em outra carta endereçada a Poty, Pinheiro Camarão o chama de capitão Itaque. “O Senhor Deus seja convosco e que gozeis de boa saúde. Oh! Senhor capitão Itaque, eu me regosijaria muito em saber de vossa saúde, eu ficaria tranquillo para não vos dar motivo algum de tristeza, por isso mando-vos a todos minha palavra.” (MAIOR, 1913, p. 405)

Pode-se acreditar que nasceu em Massurepe, sua aldeia, na Paraíba em 1605, e aos 20 anos em 1625 esteve, talvez com seu pai Iaguarani para este encontro dos chefes potiguaras na Baía da Traição. O fato de nem seu pai, avô e irmão terem nomes cristãos revela que a família de Poty não foi batizada pelos jesuítas. O próprio Poty é chamado de Itaque.

Um documento da WIC relaciona os índios que embarcaram para a Holanda em 1625, seu nome já é grafado como Pieter Poty. Pode-se concluir que Poty ganhou seu nome cristão Pedro direto dos holandeses e isto revela muito do que os holandeses esperavam nele.

From these thirteen there are six whose names strongly indicate some previous form of contact with the Portuguese. In two Dutch documents dating from the late 1620s six Potiguars from northeastern Brazil are mentioned as being in the Republic with the following names: “Caspar Paraupaba, of Ceara, 60 years old”, “Andreas Francisco, of Ceara, 30 years old,” “Pieter Poty, 20 years old” “Antonio Guirawassauay, of Paraíba, 30 years old,” “Antonio Francisco” and “Luis Caspar”. Except for the Tupi sounding names of “Paraupaba”, “Poty”, and “Guirawassauay” all their first and last names clearly suggest that they were baptized by Catholic missionaries prior to the arrival of the WIC fleet in Paraíba. (MUEWESE, 2003, p. 84)

O nome Pedro sempre disse muito no cristianismo, Pedro não é apenas sinônimo do primeiro Papa na tradição católica, mas também do apóstolo do qual Cristo usou como exemplo que edificaria sua igreja. Pedro era explosivo, cuja personalidade era forte e tinha

momentos de comportamentos contraditórios. Foi Pedro quem negou a Cristo, mas foi ele também o único a se arriscar a andar sobre as águas.

Poty honrou seu nome cristão até na personalidade forte e no comportamento contraditório. Se este era o índio que gostava de beber e dançar, também foi o primeiro brasileiro a morrer por não negar sua fé em Cristo. Sua vida é muito interessante.

Na Holanda o jovem Poty conheceu várias cidades, principalmente Groningen e Amsterdã aprendeu a ler e escrever em neerlandês e se converteu à Religião Reformada. Lá vários pilotos holandeses o procuram para saber de informações da costa do Brasil. Essas informações chegaram à Companhia que dirigiu-se ao Príncipe de Orange-Nassau com o objetivo de nova conquista no Brasil, desta feita em Pernambuco, isto em 1628.

Poty volta ao Brasil dois anos depois aos 25 anos, uns seis meses depois da tomada de Recife provavelmente na frota de Hendrick Lonck, pois este recebera como instrução complementar a conquista da Paraíba. A missão de Poty para os holandeses era de servir como uma espécie de diplomata, ou mediador na linguagem de Marcus Meuwese. Além de traduzir o tupi e o holandês, arrebancar os índios para o lado holandês.

Porém talvez a primeira missão oficial de Poty na Conquista Holandesa do Nordeste do Brasil tenha sido no Ceará, com Elbert Smient em 13 de outubro de 1631. Em servir como intermediário nas conversações com os tapuias das capitânicas do Ceará e Rio Grande junto com Gaspar Paraupaba, índio potiguara do Ceará, que também era um dos que foram à Holanda. O Rio Grande interessava à Companhia por causa de suas ricas salinas e o Ceará pela possibilidade da existência de minas de prata.

Desta viagem Poty enviou um relatório aos Senhores 19, seu relatório tem caráter de inteligência já que além do Ceará, Poty viajou pelo interior do nordeste, do Rio Grande do Norte ao Pernambuco, investigando sobre a situação das aldeias. Cumpriu sua missão no Ceará, foi ao Rio Grande e desceu ao Pernambuco. Isto mostra como este índio foi importante para o estabelecimento do Brasil Holandês.

Poty related how he both had interrogated na Indian envoy named “Marica Latira” and had traveled the long distance from Rio Grande to Pernambuco to supply the Dutch with intelligence about a recently – made truce between the “Tapeuia” and the “Peputama” Indians. The two peoples had agreed “to wage war against the Portuguese and their allies.” Despite the enormous linguistic and cultural differences between the Brazilian Indians and the Dutch, Poty’s expertise as an intercultural diplomat clearly revealed that both sides were able to effectively communicate and establish political ties with each other. (MEUWESE, 2003, p. 69)

Poty viveu na aldeia de Massurepe onde era capitão, lá liderava 198 guerreiros potiguaras. Nesta aldeia o inglês Thomas Kemp foi o professor reformado no tempo de Poty e

Davi à Doreslaer o pastor responsável. Mas dos ministros reformados holandeses em que Poty mais se apegou sem dúvida foi a Johannes Eduardus, foi este o missionário que traduziu as famosas “cartas tapuais” do tupi para o neerlandês em 1646.

Outra missão importante que Poty participou foi a tomada do forte Santa Catarina em Cabedelo na Paraíba em 1637 na frota de Van Schoppe, lutando ao lado de Antônio Paraupaba e Maurício de Nassau. Participou do culto de Ação de Graças realizado pelo pastor Samuel Folkerus, o primeiro da Paraíba.

Outro momento marcante na vida de Poty foi sua participação na primeira Ceia do Senhor onde participou brasileiros, esta Ceia foi realizada em 1640, em sua aldeia, Massurepe, onde índios de outras aldeias também participaram. Thomas Kemp, deve ter sido o ministro protestante que celebrou esta Ceia do Senhor. A vida de Poty parece se confundir com os primórdios do protestantismo brasileiro.

A mostra de suas habilidades como guerreiro e líder militar, aliado à sua habilidade de “diplomata” que já demonstrara no Brasil deve tê-lo feito muito popular e, talvez por isso, foi eleito regedor-mor dos índios da Paraíba, na Assembleia Indígena de 1645. Aos 40 anos, Pedro Poty já era uma unanimidade entre os índios aliados aos holandeses no Brasil.

Com os holandeses ele aprendeu também maus hábitos, na verdade o pior de seus pecados que os próprios holandeses consideravam, o da bebedeira. Mesmo sendo um cristão reformado, Poty era conhecido por suas recaídas alcoólicas, mas isso não fazia dele um bêbado descontrolado, só um homem fraco para a bebida, lembrando que os índios não conheciam a bebida com forte teor de álcool.

Não sabemos se ele casou, não há documentação que fala sobre isso, mas como Poty fora capturado pelos portugueses na Segunda Batalha dos Guararapes, sua esposa receberia uma pensão, e sendo esposa de Pedro Poty ela seria muito conhecida, como não aparece documentação até agora encontrada que prove isso, podemos afirmar que ele era solteiro.

O período em que mais sabemos de sua vida foi durante a Insurreição Pernambucana, onde liderou seus potiguaras contra os portugueses. Durante esse período trocou várias cartas com Felipe Camarão, seu primo, afim de convencê-lo a desistir de lutar pelos portugueses e sim lutar ao lado dos holandeses, que considerava os libertadores dos índios do Brasil.

Dessas cartas apenas uma de cada se salvou, a sua foi produzida em 31 de outubro de 1645, dia da Reforma Protestante, provavelmente de propósito. Neste valioso documento Poty mostra toda a sua fé na Religião Reformada e em um Brasil formado por índios e holandeses, além de todo o seu ódio aos portugueses. Será que Poty encarnou para si a ideia do herói europeu? Quis ele ser o Willem de Orange dos índios. Quis ser um símbolo de resistência? Tinha consciência que estava se transformando em um mártir e queria ser um?

Antônio Paraupaba

Assim como Pedro Poty, Antônio Paraupaba também embarcou na frota de Boudewyn Hendricksz em 1625, recebeu a mesma educação de Pedro e também se converteu a mesma fé reformada que Pedro. Também retorna ao Brasil junto com o irmão e amigo potiguar. Paraupaba tinha função semelhante a Poty no Brasil, porém Paraupaba aparenta ter mais habilidades de oratória que Poty.

Nos primeiros anos da presença neerlandesa no Brasil, Pedro Poty atuou como um agente da inteligência dos Estados Gerais Holandeses, investigando, catalogando informações e é claro, fazendo alianças, talvez seja por isso que se destacou mais como militar. Já Antônio Paraupaba assumiu desde cedo seu caráter de mediador, e talvez seja por isso, que Paraupaba tenha se destacado mais como diplomata, assim desenvolveu mais sua oratória.

A primeira missão diplomática de Pararupaba foi acompanhar seu pai nas negociações com os Trairus e Nhanduís do Rio Grande do Norte em 1631 e 1633. Ter estas tribos como aliadas eram de extrema importância estratégica para os holandeses. Fazer aliança com o maior número de tribos inimigas dos portugueses eram as palavras de ordem.

To make possible communication between the WIC and the Tarairius the Political Council once again included some of the Potiguars who had been trained in the United Provinces. Among those Indian liaisons that were sent along with the WIC campaign were simply very skilled interpreters, it is also likely that the political council had purposefully selected the potiguar father and son as mediators for his expedition because they were perceived by the Dutch as prestigious hereditary leaders who could perhaps persuade the tarairiu “king” Nhandui and other Indian leaders to join the Dutch in an alliance against the Portuguese. (MEUWESE, 2003, p. 99)

Durante a Assembleia dos Índios realizada em 1645 em Tapisserica, Paraupaba foi eleito regedor-mor do Rio Grande, ao lado de Pedro Poty, da Paraíba e Domingos Fernandes Carapeba de Itamaracá e Pernambuco. Paraupaba desenvolveu missões importantes para o governo holandês, principalmente junto aos potiguaras do Ceará, terra de seu pai Gaspar, e os janduís do Rio Grande, os recrutando ao lado holandês, como fora mostrado acima.

Mas sua vida ficou marcada por ter produzido dois importantíssimos documentos e por ter liderado uma marcha épica pelos sertões nordestinos, conduzindo cerca de 4000 índios por mais de 750 km de Pernambuco até a atual Viçosa do Ceará. Estes eram índios tapuias (aliados políticos dos holandeses) e potiguaras (índios convertidos à fé reformada) de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande e Itamaracá depois da capitulação de Taborda de 26/02/1654, pois não acreditavam no perdão português, pelo visto nem ele, e nem estes 4000 índios.

A viagem teve ter durado cerca de um ou dois meses, pois em Agosto deste mesmo ano ele já estava na Holanda informando aos Estados Gerais a situação destes índios e pedindo ajuda para a sobrevivência dos mesmos. E o seu pedido de ajuda é interessantíssimo, pois o argumento usado por Paraupaba para convencer os Estados Gerais Holandeses que era obrigação deste ajudar aqueles índios é que aqueles eram súditos holandeses e não do rei de Portugal e eram seus irmãos de fé, membros convertidos da Igreja Reformada Holandesa.

Era casado com Paulina e pai de pelo menos dois filhos. Ele pede socorro para sua família em sua segunda representação. Segundo Hulsman, tudo leva a crer que tenha morrido na Holanda entre abril e maio de 1656, sua mulher recebeu uma pensão vitalícia por ser esposa de um funcionário público do Estado Holandês, o que aconteceu a ela e seus filhos até agora é um mistério. E o mesmo Hulsman deixa sua impressão sobre o grande regedor-mor dos índios do Rio Grande:

De qualquer modo, pode-se afirmar que Antônio Paraupaba foi uma figura notável. Viajou do Brasil para os Países Baixos pelo menos três vezes, além das viagens dele para o Ceará e Ibiapaba. Hábil com a caneta, cavalo e espada, era um homem que gostava de beber, mas também sabia citar sua Bíblia. (HULSMAN, 2006, p. 48)

Domingos Fernandes Carapeba

Na documentação é mais comum apenas o Domingos Fernandes. Porém aqui será chamado de Carapeba. O terceiro nome citado nesta dissertação como capitão regedor, porém ele foi o primeiro eleito para tal cargo na Assembleia de 1645. Aliás esta assembléia foi reunida na aldeia onde ele era capitão junto com Matheus Monteiro, Tapisserica.

No documento que os índios produziram, assim descrevem os critérios usados na eleição para regedor: “Escolhemos essas pessoas entre as mais honradas, competentes e inteligentes de todas as aldeias, esperando que Vas. Exas. Se dignen confirmar nossa eleição.” (MAIOR, 1913, p. 496)

Se analisarmos quem os índios elegeram para o Rio Grande do Norte e Paraíba, Antônio Paraupaba e Pedro Poty, dois índios educados na Holanda. Que deixaram documentos nos quais nos dizem que além de serem cultos, tinham muita retórica, a eleição

de Domingos Fernandes Carapeba para a principal capitania, Goiania, ou seja, Pernambuco e Itamaracá revela que, apesar de não ter tido a experiência dos dois, deveria ser um homem notável para os índios.

Quando Pedro Poty foi capturado na Segunda Batalha dos Guararapes em 19 de fevereiro de 1649, foi a ele que seus duzentos homens foram confiados. Há uma grande possibilidade de Carapeba ter embarcado junto com os holandeses para o Caribe, depois da Restauração. Mathias Beck, ex-governador do Ceará Holandês, escreveu uma carta de Barbados em 8 de outubro de 1654, na qual informa sobre a situação dos índios refugiados na Serra da Ibiapaba com Paraupaba. Como saberia sobre isso?

Porém também há uma grande possibilidade de Carapeba ser um dos refugiados na Serra, já que a maioria dos índios que para lá foram estavam debaixo de sua jurisdição como regedor, e se ele era tão honrado assim como os índios o descreveram, teve ter ficado com os seus.

Marcus Meuwese concorda com este ponto de vista e afirma que Carapeba embarcou com Paraupaba para a Holanda em 1654. Paraupaba, Paulina e seus filhos permaneceram lá e Carapeba teria embarcado para o Caribe, onde, segundo este historiador, passou por pelo menos três ilhas, a colônia francesa de Guadalupe, Barbados, onde já havia refugiados do Brasil Holandês e Tobago.

Mas o mais importante das informações que Meuwese afirma da vida de Carapeba foi que ao ser levado para o Caribe, sua função era introduzir e ensinar a produzir açúcar. O simples fato de um índio nordestino ter a responsabilidade de introduzir uma prática econômica de grande riqueza em outro país já é fascinante. Quanto mais no século XVII e como funcionário público do Estado.

After Paraupaba's death, his wife Paulina and Carapeba soon left the United Provinces. Unhappy with his position in a military unit somewhere in the Republic, Carapeba relocated to the Caribbean. Carapeba initially moved to the French colony of Guadeloupe sometime in the fall of 1656. While it may seem strange that Carapeba was a French Caribbean island, it is important to realize that a number of WIC officials relocated to the Caribbean after Dutch evacuated Brazil in January 1654. Because of their expertise in the sugar trade, these refuge colonists and official were actively welcomed by French and English authorities respectively in Guadeloupe and Barbados to improve the cultivation of sugar on these islands. One of these refuges Johannes Listry, the former Director of Brazilians. After he was decommissioned from WIC service, Listry began a career as sugar planter on the French colony of Guadeloupe during the early 1660s. Since Carapeba knew Listry personally from Brazil, it is possible that Carapeba followed Listry to Guadeloupe in the fall of 1656. (MEUWESE, 2003, p. 211)

E mais que um professor de produção do açúcar, Carapeba também exerceu a função de mediador entre holandeses e índios nativos do Caribe. Isto é algo de se admirar, até

porque barreiras linguísticas teriam que ser transpostas. Esta é uma percepção que o índio era muito mais incluído no sistema colonial holandês do que no português e de como eles foram importantes para sua governabilidade. Eles tinham tanta voz que sua mudança para Tobago foi em resposta a um próprio pedido seu atendido pela WIC.

On January 5, 1657, the States-General discussed na official petition from Carapeba, who sought to travel to the Caribbean island of Tobago, just off the Venezuela coast. A strategic island that had been alternately occupied by Spanish, Dutch, and English since the early seventeenth century, Tobago had been claimed by the WIC in 1655. However, because the WIC was bankrupt, it had leased the island to the Lampsins brothers, who were members of a prominent mercantile family from Zeeland. Although it is unclear what Carapeba intended to go at Tobago, the WIC provided him with a small yearly salary, which indicates that he was to serve as a colonial official. Perhaps the relative close proximity of Tobago to Brazil provided Carapeba with a base from which he and maybe other Tupi refugees of his earlier career as intermediary in Brazil, Carapeba might have been employed as negotiator between the Dutch and the local Carib Indians of Tobago. In this respect it is interesting to note that WIC officials in the Republic refer to conflicts with Tobago Indians in 1656. Unfortunately, after his petition of January 1657, Carapeba disappears from Dutch sources. (MEUWSE, 2003, p. 212)

O regedor dos índios de Pernambuco aparentava ser um homem realmente preocupado com seu povo, pois segundo esta citação ,Carapeba pede para se mudar para Tobago por ser mais próximo do Brasil e pela possibilidade de trazer refugiados da Ibiapaba para lá. Estas informações expostas por Meuwese reforçam a importância deste regedor.

3.2 OS MESTRES – ESCOLAS JOÃO GONÇALVES, ÁLVARO JACÓ, BENTO DA COSTA E MELCHIOR FRANCISCO

O mestre – escola era um cargo dentro da Igreja Reformada Holandesa que, junto com o de diácono, estava mais próximo com o Magistrado Civil. Os diáconos eram responsáveis, além de cuidar da ordem do templo, de hospitais, orfanatos e demais instituições ligadas ao bem – estar do povo. Isto só era possível porque a igreja fazia parte do Estado.

Ao mestre cabia a responsabilidade de ensinar a ler, escrever, noções de aritmética, história, geografia, ciências e é claro, as doutrinas reformadas. É no mínimo admirável que em pleno século XVII tivemos professores indígenas em nosso país. E sua formação financiada pelo dito “invasor”. João Marcos Leitão Santos em recente artigo assim afirma sobre a pedagogia protestante:

Para o protestantismo os pais são responsáveis pela educação dos filhos, no exercício da responsabilidade e da autoridade que vem de Deus, devendo ser brandos e firmes. Ao Estado compete organizar o ensino, de matriz religiosa, pois sua intervenção é obrigatória, uma vez que a religião é a base da educação. (...) Além da questão puramente formativa havia ao mesmo tempo o componente político, que associava a Reforma aos nacionalismos, bem como o entendimento de que era imprescindível ao movimento de Reforma que se criasse uma via de acesso

direto aos textos sagrados – a alfabetização – como mecanismo de restauração do cristianismo antigo puro. (SANTOS, 2010, p. 57)

Estes homens seriam responsáveis pela educação que possibilitaria o acesso à Religião Reformada, não podiam ser qualquer um. Foram muito bem treinados, e deveriam ter um caráter exemplar para dar bons exemplos aos curumins. E obviamente acreditar no projeto colonial holandês para o Brasil, já que eram pagos pela WIC. Segundo Maria Aparecida de Araújo Barreto Ribas a formação destes índios se deu na colônia e não na Holanda:

É muito provável que a formação teológica do índio-professor, habitante da aldeia de Sua Excelência, tenha sido obra do incansável Soler. A documentação permite afirmar que este dedicado predicante não se limitou ao trabalho entre os franceses, grupo pelo qual era responsável; mas que se dedicou também, e de forma incansável, à catequese e à alfabetização dos índios pertencentes à aldeia de Sua Excelência, o conde Maurício de Nassau. Vimos acima que, em 1636, Soler pedira autorização para construir uma galeria no templo onde predicava, para que assim os brasileiros pudessem ouvir a sua pregação. (RIBAS, 2007, p. 156)

Muito provavelmente estes eram Melchior Francisco e João Gonçalves, pois a mesma afirma que os outros dois professores só foram nomeados em 1651, eram Bento da Costa e Álvaro Jacó. Mas além do trabalho de Soler, dois outros pastores se destacaram na formação de professores indígenas estes foram os reverendos Dooreslaer e Eduardus.

Com efeito, a aldeia Maurícia, na Paraíba – primeiro campo missionário de Doorenslaer e dos primeiros professores -, parece ter-se tornado uma verdadeira “estufa” de índios – professores. No ano de 1641, quando os índios do Rio Grande pediram professores para ensinarem a seus filhos, a Assembléia deliberou que “a Classe da Parayba nomêe três índios habilitados para mestres.” Neste mesmo ano, em carta a Nassau e seu Alto Conselho, os Dezenoves Senhores exprimiam satisfação e contentamento pela colaboração de vários índios neoconvertidos à obra de missionação, advertindo as autoridades eclesias para que pudessem todo o empenho na instrução das crianças indígenas. (RIBAS, 2007, p. 157)

Álvaro Jacó e Bento da Costa

Nomeados professores somente em 1651 devem ter tido trabalho árduo, pois estavam imersos no período da Guerra da Restauração e muitos de seus alunos estavam cerrando fileiras nos campos de batalha. Muito pouco sabemos sobre estes dois professores, mas há uma grande probabilidade deles terem recebido formação com Dooreslaer e Eduardus, pois aquela altura Soler já havia retornado à Holanda.

Devem ter trabalhado longe das áreas de conflitos mais intensos, portanto no sertão, acredito que a probabilidade destes dois professores terem ensinado a índios Cariris, Tapuias e Jandhuis é grande. Pois até em meados do século XVIII vemos jesuítas produzirem obras apologéticas contra a heresia calvinista. Para que se não existe mais o Brasil Holandês? Pergunta João Marcos Leitão Santos.

É Também de se supor a continuidade da influência das missões holandesas quando se observa que no século XVIII obras de caráter apologético ainda eram produzidas no Brasil Colônia para condenar os erros do protestantismo reformado, o que torna pertinente interrogar acerca do significado de uma obra contra luteranos e calvinistas no Brasil deste período. (SANTOS, 2010, p. 56)

Maria Aparecida de Araújo Barreto Ribas, parece concordar com tal afirmação:

Por seu turno, os professores-índios Álvaro Jacó e Bento da Costa começaram seu trabalho de ensino em 1651, já bem adiantada portanto a guerra de Restauração, vencida pelos luso-brasileiros nos dois decisivos confrontos de Guararapes. Ainda que indiretamente, esses indícios esparsos em documentos de diferentes momentos da presença neerlandesa me permitem afirmar a presença de mestres-escolas na Serra da Ibiapaba; isso porque, três anos depois de finda a guerra, possivelmente estes professores, com muitos de seus alunos, integraram o grupo de fugitivos que rumaram sertão adentro e serra acima. O que esclarece, em parte, a firmeza doutrinária, os livros, e a leitura que tanto incomodou – para não dizer preocupou – o arguto Padre Antônio Vieira. (RIBAS 2007, p. 158)

Jacó ou Jacob, era proveniente da Aldeia de Carece. Ele foi eleito escabino da Câmara de Goiania, seu nome foi indicado pelos índios na Assembleia de 1645. Sobre Bento da Costa não tenho mais informações.

Melchior Francisco e João Gonçalves

Estes foram os dois primeiros índios brasileiros a receberem formação pedagógica e terem como profissão a de professor. É quase certo que receberam a formação de Soler. Sobre Melchior Francisco a única informação que tenho é que foi professor e auxiliou os pastores na evangelização indígena. Já João Gonçalves, um dos quatro professores indígenas, é sobre quem tenho mais informações.

João Gonçalves participou da expedição de Mathias Beck ao Ceará em 1647 junto com o predicante Thomas Kemps. Ele auxiliou o pastor na obra de catequese, pois em seu diário Beck relata que o reverendo celebrou casamentos, batismos e profissões de fé. Existe um requerimento feito pelo governador de Pernambuco, Antônio Félix Machado da Silva e Castro ao rei D. Pedro II sobre a prisão de um tal João Pregador. Que ele destaca como um dos principais líderes tapuias da guerra do Rio Grande, que se encontra preso na cadeia de Pernambuco. O requerimento de 5 de setembro de 1692.

Seria João Gonçalves? Teria ele ido junto à Serra da Ibiapaba e depois se ajuntado aos tapuias na Guerra dos Bárbaros? Segundo Frans Leonard Schalwijk a designação de pregador é muito típica do protestantismo, que índio poderia ser um pregador em 1692? Tenho fortes inclinações para crer que se trata de Gonçalves.

3.3 OS PRINCIPAIS DA IBIAPABA NA “GENEBRA DOS SERTÕES”

Quando os holandeses foram expulsos do Brasil em 1654, derrotados pela Insurreição Pernambucana, os índios que eram seus aliados, não aceitaram a Capitulação de

Taborda e se refugiaram na Serra da Ibiapaba no Ceará. Liderados por Antônio Paraupaba, o plano era permanecer lá até que os holandeses o levassem dali para outras possessões neerlandesas.

Assim Paraupaba embarca para Holanda, faz duas representações aos Estados Gerais Holandeses em 1654 e 1656. Os índios que ficaram na Serra então foram liderados por seus principais. Portugal envia o mais eloquente de seus pregadores para recatolisá-los, Antônio Vieira, e Vieira passa a trocar cartas com os principais na Serra.

O único documento que faz referência a estes índios produzido por um holandês é um trecho de uma carta de Mathias Beck, antigo governador do Ceará Holandês, que este o fez em Barbados, quando saiu do forte Schooneborch para aquela ilha do Caribe, o trecho diz:

"Os indios que se haviam escapado e retirado de Pernambuco, vieram em numero superior a 4,000 almas de Itamaracá, Parahyba e Ri Grande, por terra, refugiar-se no Ceará. Disseram francamente que todo o Brasil acabava de ser vergonhosamente perdido e entregue, por assim dizer sem resistencia, aos Portuguezes. Não se cançavam de praguejar e vociferar contra os Flamengos, a quem serviram tão fielmente e ajudaram durante um grande numero de annos, e que agora sem ousar encarar o inimigo, abandonaram Itamaracá com todas as fortalezas, Parahyba e Ri Grande, de sorte que elles agora só tinham em perspeciva - cahir nas garras dos Portuguezes para soffrer perpetua escravidão. Achavam-se tão exaltados que enviaram na frente mensageiros aos indios do Ceará com ordem de massacrar os Flamencos, onde quer que os encontrassem, e não poupar a vida a nenhum delles. Ficando unicos senhores do Ceará, elles jamais permitiriam, nem aos Portuguezes nem aos Flamengos se encaixarem lá, e projectaram fazer daquella capitania o seu lugar de restabelecimento e de rendez-vous". (MAIOR 1912, p. 81 -82)

Esta carta foi escrita em 8/10/1654, provavelmente uns seis meses depois da chegada dos índios à Ibiapaba, é interessante que Beck não faz nenhuma referência a religiosidade apenas diz que "Não se cançavam de praguejar e vociferar contra os Flamengos, a quem serviram tão fielmente e ajudaram durante um grande numero de annos" parece que Beck faz referência aos índios tapuias, aliados políticos dos holandeses, e não dos potiguaras, que eram membros da Igreja Reformada Holandesa.

Não sabemos para quem Beck escreveu esta carta e em resposta a qual indagação, mas pelo conteúdo, deduz-se que alguém queria saber a situação dos tapuias, o que eles pensavam sobre os holandeses, pois sobre os potiguaras os Estados Gerais já sabiam a pelo menos dois meses com a primeira representação de Antônio Paraupaba e esta carta deve ser a resposta de Beck.

Esta interpretação parece ser confiável, pois está coerente com as informações contidas no documento até agora encontrado, que mais ricamente detalha a vida e pensamento

destes índios, a famosa, Relação da Missão da Serra da Ibiapaba do Padre Vieira, que parece descrever os anos de 1656 a 1660.

Vieira começa seu relato falando dos Tabajaras, que antes amigos dos portugueses, passaram a ser amigos dos holandeses e que se tornaram “mais feras depois que vierão ajuntar com ellas outras estranhas e de mais refinado veneno, que forão os fugitivos de Pernambuco.”(VIEIRA, 1904, p. 92) Este refinado veneno, a teologia reformada, prova que estes índios eram maduros em sua fé. Em seu relato Vieira diz que:

“Com a chegada destes novos hospedes ficou Ibiapaba verdadeiramente a Genebra de todos os sertões do Brazil por que muitos dos Índios de Pernambuco forão nascidos e creados entre os Hollandezes, sem outro exemplo nem conhecimento da verdadeira religião. Os outros militavão debaixo de suas bandeiras com disciplina de seus regimentos que pela maior parte são formados da gente mais corrupta de todas as nações da Europa.” (VIEIRA, 1904, p. 93)

A princípio eles não acreditavam muito nos padres, achando que eles eram espiões dos portugueses, prenderam até um na serra, o padre Pedro Pedrosa, e segundo Vieira era os de Pernambuco que os “envenenavam”. A missão teve certo sucesso, alguns que se casaram no rito protestante se converteram a fé católica, mas parece que a maioria dos protestantes permaneceram fiéis a sua fé até o fim.

E o mais incrível é que os índios desenvolveram a mesma mentalidade em relação a Ibiapaba que os protestantes europeus em relação à América: um refúgio. Paraupaba disse que: “Sendo por isso o supp. enviado a V. Exas. Por aquella Nação que se refugiou com mulheres e crianças em Cambressive, no sertão alem do Ceará, afim de escapar aos ferozes massacres dos Portuguezes”(MAIOR, 1912, p. 76) e Antônio Vieira que:

“...os de Ibiapaba que as jornadas ao Ceará, e de Pernambuco, forão só a prevenir dobrados socorros soccoros, com que os arrancar a todos das suas serras, chegando a desconfiar das mesmas muralhas inacessíveis, com que as fortificou a natureza, e fazendo como soldados velhos da guerra do Brazil uma estrada oculta pelo mato, que no caso que não se podessem defender lhes servisse para a retirada, a qual já tinham disposta para partes tão remotas no interior da América, que nunca lá podesse chegar o nome, quanto mais as armas dos Portuguezes.” (VIEIRA, 1904, p. 114)

Em resposta a suas cartas, os principais da Serra escreveram o seguinte:

“Eis aqui como era verdade e que até agora todos cuidávamos; e como os Padres não tiverão nunca outro intento se não de nos arrancar de nossas terras para nos fazerem escravos de seus parentes, os brancos.” (VIEIRA, 1904, p. 117)

A outra diz: “Se por sermos vassallos de El-Rey, quereis que vamos para o Maranhão, estas terras também são de El-Rey; e se por sermos Christãos, filhos de Deus, Deus está em toda parte.” (VIEIRA, 1904, p. 117)

Além de toda essa demonstração de confiança e obediência as próprias convicções, estes índios demonstravam também grande conhecimento doutrinário reformado. Vieira continua seu relato informando que:

“Na veneração dos templos, das imagens, das cruzes, dos sacerdotes, e dos sacramentos, estão muitos delles tão Calvinistas e Lutheranos como se nascerão em Inglaterra ou Allemanha. Estes chamão á Igreja , *igreja de moanga*, que quer dizer, *igreja falsa*; e da doutrina *morandubas dos Aborés*, que quer dizer *patranhas dos padres*; e faziam taes escarucos e zombarias dos que acudiam á Igreja a ouvir a doutrina que muitos a deixarão por esta causa.” (VIEIRA, 1904, p. 121)

Como protestantes que eram só reconheciam dois sacramentos, o batismo e a Ceia do Senhor, e nesta o pão e o vinho não viram o corpo e sangue de Cristo. E a prova de seus conhecimentos teológicos vem do que o padre jesuíta registrou a opinião de um destes em relação a conversão. “Um disse, que de nenhuma cousa lhe pesava mais, que ser Christão, e ter recebido o batismo.” (VIEIRA, 1904, p.121)

Na verdade muitos deles permaneceram firmes na sua fé até o fim “... e os da Serra sem o exemplo e doutrina dos Pernambucanos, que erão os seus maiores dogmatistas...” (VIERA, 1904, p.137) Para o jesuíta ficariam bem mais fácil de catequizar. Foram levados ao Maranhão e muitas famílias conservaram noções Calvinistas por gerações. (SCHALKWIJK 2004, p.262)

3.4 O CLIMAX DAS RELAÇÕES BATAVO-POTIGUARAS, O DOCUMENTO PRODUZIDO NA ASSEMBLEIA INDÍGENA DE 1645

A estrutura administrativa do Brasil Holandês, apesar de grande parte ser aproveitada da colonização portuguesa, como a câmara dos escabinos, diferiu radicalmente. Principalmente porque a Holanda não era uma Monarquia como Portugal, mas uma República. Tendo seu Alto Conselho Político em Recife como órgão máximo da administração holandesa no Brasil. Como o Brasil Holandês seria impossível sem os índios estes também tinham sua própria estrutura administrativa.

O documento que será estudado mais detalhadamente a partir de agora, revela que os índios eram tão parte do Estado do Brasil Holandês que aparentavam até formarem um Estado dentro do Estado. A Assembleia Indígena de 1645 teve como objetivo principal

organizar ainda mais as tribos aliadas aos holandeses e definitivamente incorporá-las na estrutura administrativa deste Estado.

Estiveram presentes todos os capitães e adjuntos das 20 aldeias aliadas dos holandeses, 15 tenentes e 15 alferes, além de 14 juízes e seus respectivos adjuntos. Ao todo 175 índios e com a presença de alguns holandeses e luso-brasileiros aliados somavam um total de cerca de 200 pessoas.

A Assembleia teve início em 30 de março de 1645 e terminou em 3 de Abril do mesmo ano, portanto 5 dias de muitos debates, discussões e resoluções. O resultado de todas as discussões foi a confecção de uma proposta de lei ao Supremo Conselho do Recife baseada em uma lei dos Senhores 19 da WIC sobre a liberdade dos índios e demais habitantes do Brasil datada de 24 de novembro de 1644. A assembleia contou com a presença do comandante dos índios Johannes Listry, sua presença era importante, porém não teve direito a voz e voto.

Seriam necessários pelo menos dois meses para que esse documento, que os índios tinham em mãos chegasse ao Brasil. Portanto, eles tomaram conhecimento desta lei somente em Janeiro de 1645 e logo decidiram agir. Talvez levaram todo o mês de fevereiro e março para a logística do evento, já que todos os principais líderes de seu povo estavam reunidos. Isto mostra o tamanho efeito desta lei neles e também sua capacidade de organização.

Quebrando velhos estereótipos dos índios brasileiros, como de não terem a capacidade organizacional de seus vizinhos Incas, Maias e Astecas que desenvolveram grandiosos Impérios na América Central. E também a famosa tríade de povos sem “*fé, lei e rei*” que os jesuítas os acusavam. Como este documento foi produzido em Amsterdã é de se concluir que os primeiros a lerem foram Pedro Poty e Antônio Paraupaba, por dominarem o neerlandês.

Talvez o documento até tenha sido entregue diretamente em mãos à Paraupaba por este ter se destacado mais na função de mediador que Poty. Na proposta de lei feita pelos índios, quem sabe a primeira das Américas, a lei vinda de Amsterdã foi indexada. Por isso a conclusão que sua lei seja uma resposta ou um complemento da lei holandesa. O preâmbulo da lei diz:

“Antes de tudo, exibimos a provisão que nos foi enviada pela Assembléia dos XIX, na Hollanda, datada de Amsterdã em 24 de novembro de 1644, referente à liberdade concedida a nós assim como aos demais habitantes do Brasil.” (MAIOR, 1913, p. 418) Todo o documento que foi traduzido e publicado por Pedro Souto Maior na Revista do Instituto

Histórico e Geográfico Brasileiro é escrito em duas colunas, na direita é a proposta de lei dos índios e na esquerda o veredito do Conselho do Recife.

A lei é composta de 9 artigos, além da lei, os índios mandaram uma relação de nomes que seriam eleitos pelo Conselho do Recife para a Câmara dos Escabinos. E foi assinada por todos os 20 capitães e pelo escrivão de nome Clemente da Silva. Para a tristeza dos índios pouco depois desta proposta de lei ser aprovada, Nassau deixou o Brasil.

Logo no primeiro artigo os índios enfatizam o desejo de fazer como que a lei produzida pelos holandeses fosse cumprida no Brasil: “Que Vas. Exas. Se dignem mandar pôr em execução essa lei; a qualquer da nossa raça, que por acaso ainda tenha sido mantido como escravo, seja logo concedida a liberdade.” (MAIOR, 1913, p. 418) A resolução do Conselho do Recife foi enfática:

Todos os índios sob a nossa jurisdição, sem exceção, são considerados homens livres, e quem quer que conserve consigo algum contra a sua vontade, deve imediatamente soltar-o, e se não o fizer, se deve dar queixa contra elle a este Conselho, para que o obrigue a cumprir a lei. (MAIOR, 1913, p. 418)

Os artigos 2º, 3º e 4º falam de fusão de aldeias, porém que cada gente obedeça a seu capitão. Isto demonstra que a necessidade da fusão das aldeias está mais para questões militares e econômicas, do que por crise política entre os capitães indígenas. Aquelas alturas o Brasil já estava com sete anos de paz, porém à beira de uma nova guerra, e os índios foram também participar da campanha da Angola, estavam militarmente um tanto desestruturados.

O interesse econômico é explicitado no final do artigo 4º quando é determinado que alguns membros da Aldeia São Miguel se unam à Nassau por “seis mezes para nesse interim poderem beneficiar as suas roças.” (MAIOR, 1913, p. 419) O artigo 5º, o mais importante para esta dissertação, trata sobre o desejo dos índios que lhe sejam enviados mais pastores e mestres – escolas com a finalidade de suprir suas necessidades espirituais.

Rogamos humildemente a Vas. Exas. Se dignem de nos prover dos necessários pastores (ministros protestantes) e mestres de escola, como nos foi prometido pelos Nobres Membros da Assembléa dos XIX na dita provisão, e quanto a nós garantimos não deixar de cumprir os nossos deveres sem a mínima falta. (MAIOR, 1913, p. 419)

Em 1645 começa o período que Frans Leonard Schalkwijk, em *Índios Evangélicos no Brasil Holandês*, chama de Conservação, que é precedido pelos anos de Expansão, coincidentemente o mesmo período de Nassau no Brasil. O estado da Igreja

Reformada Holandesa entre os índios no Brasil ainda não era precária, e fato de os próprios índios desejarem a evangelização protestante é admirável.

Muito se questiona sobre os efeitos negativos que missionários provocam em tribos indígenas hoje em dia, aculturando as tribos, transmitindo valores ocidentais. Para muitos antropólogos o simples contado já é prejudicial aos índios. Porém este valiosíssimo documento revela que os índios, a próprio punho ansiavam pela evangelização. Demonstrando, que pelo menos os seus líderes, viam o protestantismo como algo bom.

Este argumento torna-se forte pelo ano em que o documento foi escrito, como há a pouco foi mencionado, 1645 foi o primeiro ano do início do declínio da Igreja Reformada Holandesa no Brasil. A assembleia foi realizada no começo do ano, ou seja, simplesmente os índios estavam sendo supridos com assistência espiritual, não tinham a necessidade. E também não demonstram terem fins políticos com este artigo, já que as alianças já estavam bem alicerçadas há pelo menos 15 anos.

O protestantismo não era um mero meio político dos índios negociarem com os holandeses, porém era algo visto como benéfico para os mesmos e que tinham desejo de praticá-lo. Este artigo faz cair por terra qualquer tese que veja o protestantismo como algo que não tem a capacidade de se misturar à nossa cultura, sendo algo estranho a nós brasileiros, como uma religião de estrangeiros. Até porque este era outro protestantismo (capítulo III).

O sexto artigo trata da criação de três câmaras com suas respectivas aldeias sob sua jurisdição, no sétimo há o nome dos três regedores escolhidos para presidirem estas câmaras. Os mesmos afirmaram que “Escolhemos essas pessoas de entre as mais honradas, competentes e inteligentes de todas as aldeias, esperando que Vas. Exas. Se dignem confirmar a nossa eleição.” (MAIOR, 1913, p. 421) O Artigo assim diz:

Para melhor commodidade da nossa nação e do Governo solicitamos humildemente a Vas. Exas. A fundação de tres camaras a saber: Que nesta capitania seja a Aldeia Tapeçirica séde de uma, sob cuja jurisdição ficarão Tapeçirica, Tapucuramo, Carace, Miagoay, Urutaquaram, S. Miguel e Nassau. A segunda camara, a da capitania da Parahyba, terá a sua séde na Aldeia Maurícia tendo sob sua jurisdição as Aldeias Maurícia, Miarigeriba, Pontado, Goaragoasu e Tapua. A terceira camara, a da capitania do Rio Grande, terá a sua séde na Aldeia Orange, tendo sob sua jurisdição as Aldeias de Pirari, Jaragoa e Bopeba. (MAIOR 1913, p. 420)

Da mesma forma que o artigo quinto não deixa dúvidas sobre a importância do protestantismo para estes índios. Este artigo não deixa dúvidas também sobre o quão profunda era a influência dos índios na administração do Brasil Holandês. Nem em sonho uma coisa parecida como essa aconteceu nas Américas Portuguesa, Espanhola e Inglesa. Só na América

Holandesa, se assim posso dizer, tal coisa aconteceu. No artigo sétimo os índios declaram quem presidirá cada câmara e enfatizam que querem ser administrados por eles mesmos.

No governo de cada uma dessas camaras é muito necessario e conveniente que seja collocada uma pessoa da nossa nação, a saber: 1º Na capitania de Goiania e seu districto, Domingos Fernandes Carapeba; 2º Na capitania da Parahiba, Pedro Poty. 3º Na capitania do Rio Grande do Norte, Antonio Paraupaba. (MAIOR, 1913, p. 420 – 421)

Três pessoas escolhidas estrategicamente a dedo, Pedro Poty e Antônio Paraupaba falavam neerlandês e Francisco Carapeba gozava de grande respeito. Quem melhor do que eles para serem seus líderes, num verdadeiro triunvirato potiguara. A ênfase de que fossem os de sua nação ao governarem dá-se pelo fato de muitos representantes da WIC não serem bem sucedidos no trato com os índios. Muitos chegaram a verdadeiramente escravizar os índios.

O oitavo artigo trata acerca da substituição de um capitão na Aldeia Nassau, já que o anterior abandonou o posto. O nono e último artigo é bem enfático em relação ao direito de ir e vir dos índios. Seus próprios chefes determinaram castigos para troca de aldeias sem a permissão do capitão, tendo como motivo não prejudicar famílias e roças.

É uma preocupação semelhante ao dos ministros protestantes em relação a este assunto, sendo que estes últimos suplicavam a fixação em uma só aldeia para desestimular a poligamia e o abandono do lar, preocupação constante nas Atas da Igreja Reformada Holandesa no Brasil. Por isso é de se acreditar que a determinação veio da Holanda e os índios a complementaram.

Como os moradores das Aldeias, sem permissão dos seus capitães, corram de uma para outra aldeia, e se estabeleçam noutros logares, abandonando assim as famílias e as roças, com grande prejuízo, das plantações e das aldeias; Propomos que todas as pessoas que mudem de aldeia sem permissão sejam presas e postas em tronco e assim conduzidas às suas aldeias, afim de ahi sofrerem a pena a que forem condemnados pelos juizes das Camaras. (MAIOR, 1913, p. 425 – 426)

Termina a lei, seguida pelas assinaturas dos 20 capitães. O que este magnífico documento revela em suas entrelinhas? O documento em si já é maravilhoso, talvez tenha sido o primeiro conjunto de leis escritas por indígenas na América durante seu processo colonial. É um documento que não deixa dúvidas sobre a participação dos índios na administração colonial holandesa.

A observação mais atenta da estrutura da lei, revela como foi o processo de discussões na Assembleia Indígena de 1645. Como foi afirmado anteriormente, talvez apenas Pedro Poty e Antônio Paraupaba tinham conhecimento do conteúdo da lei holandesa, que os índios chamavam de provisão. A lei indígena estrutura-se da seguinte forma:

Artigo	Descrição
1º	Exigia que a lei vinda da Holanda sobre a liberdade indígena fosse posta em prática.
2º,3º,4º	Redistribuía as aldeias aliadas de uma nova forma, como fusão entre elas,mas sem alterar a liderança.
5º	Exigia a presença de pastores e mestres – escolas para a assistência espiritual, além de se comprometerem a respeitar os oficiais da Igreja.
6º,7º	Criava as câmaras e quais aldeias estavam sob sua jurisdição e estabelecia o regedor de cada câmara.
8º	Estabelece a substituição de um capitão que abandonou sua aldeia.
9º	Determina o castigo para aquele que descumpria um artigo da provisão holandesa que determinava que nenhum índio poderia sair da Aldeia sem a permissão de seu capitão.

A Assembleia se realizou em cinco dias, de 30 de março a 3 de abril de 1645. Pela estrutura da lei supõe-se que o primeiro dia foi gasto organizando a estrutura da reunião, como quem presidir, mediar e o nome do escrivão. Junto à leitura da provisão holandesa, muito provavelmente por Antônio Paraupaba, em seguida de uma discussão e aprovação da mesma pelos índios.

Nos segundo, terceiro e quarto dia estabeleceram a administração das tribos, com a criação das câmaras, fusões de aldeias e uma nova redistribuição jurisdicional das aldeias, e da escolha de regedor de cada câmara, além da indicação de nomes para a câmara dos escabinos em documento anexo. Tudo isto demanda tempo e muitas discussões políticas, já que o jogo de alianças era complexo.

O quinto deve ter sido gasto em discutir a necessidade de envio de pastores e mestres – escolas, o nome do novo capitão da aldeia que ficou sem, e a pena para quem descumprisse a determinação holandesa de não sair da aldeia sem a permissão do capitão. Junto a isto discutiram como iriam organizar sua proposta de lei, a confeccionaram, leram em voz alta para todos aprovarem, aprovaram e seus capitães assinaram.

Já uma análise “filosófica” da proposta de lei indígena revela aspectos muito mais profundos. Os índios estabeleceram formas para a criação de um verdadeiro Estado dentro do Estado. Criaram as bases para a existência de um Estado Indígena dentro do Brasil Holandês

para garantir sua eterna participação como agentes da história neste Estado, e quem sabe até, no futuro, sem os holandeses.

Inclusive, isto explica uma passagem da carta de Pedro Poty a Felipe Camarão, que dizia para passar para o lado holandês e viver junto com eles com nossa família, na nossa nação. A estrutura deste Estado Indígena é visível nesta proposta de lei. Primeiro eles estabeleceram uma jurisdição, a forma de administrá-la, quem iria administrar e julgar, além da religião que o Estado professava.

O “ESTADO INDÍGENA” DO BRASIL HOLANDÊS

TIPO DE GOVERNO	Democracia Representativa
FORMA ADMINISTRATIVA	Aldeias administradas por um capitão divididas jurisdicionalmente em três câmaras presididas por um regedor.
PODER EXECUTIVO	Regedores das Câmaras e Capitães das Aldeias.
PODER LEGISLATIVO	Os escabinos.
PODER JUDICIÁRIO	Os juízes das aldeias.
RELIGIÃO DO ESTADO	Protestantismo.

O protestantismo era tão importante para estes índios que elegeram três regedores, de que, pelo menos dois sabemos que eram reformados, e um das sedes das câmaras, Maurícia, sede da Câmara da Paraíba, era a verdadeira Genebra do Brasil. Foi em Maurícia onde os quatro mestre-escolas indígenas foram formados pelo incansável trabalho dos reverendos Joaquim Soler, Davi van Dorenslaer e Johannes Eduardus.

O Brasil Holandês foi de fato único, enquanto os idolatrados “pais peregrinos” matavam índios na América do Norte, aqui, os negligenciados holandeses, não só fizeram alianças com os índios, como os incorporaram no Estado. Em nenhuma das formas de colonização que a América teve, algo assim foi visto e praticado. O índio fez parte do Estado.

As representações de Antônio Paraupaba, documento que será analisado com detalhes no próximo capítulo faz agora muito mais sentido. A carta do Regedor Pedro Poty, torna-se um documento oficial de quem liderava os índios das aldeias sob sua jurisdição. Eles não eram apenas líderes indígenas, eram representantes de um Estado que ajudaram a criar e manter.

De onde vem, ou melhor, o que sustenta mentalmente esta possibilidade? Acredito que é uma somatória de aspectos. Primeiro, a mentalidade de América como refúgio, faz o

holandês protestante se sentir parte da América e não apenas um aventureiro explorador sem compromisso com o lugar.

Segundo, a mentalidade de que fazer missões não é branquear os índios, mas espalhar uma religião, antes que ela morra na infância. Faz com que estes mesmos holandeses protestantes sejam mais tolerantes em relação a questões raciais, de formar por exemplo, mestres-escolas indígenas. E até ter um holandês como secretário do Regedor Pedro Poty.

Terceiro, sentir-se Corpo de Cristo em anos de perseguição e angústia torna qualquer um em uma pessoa mais aberta, compreensiva, tolerante. Os índios foram incorporados em um Estado em que as pessoas pensavam assim, obviamente resguardadas as devidas proporções. Este foi um momento único da História do nosso país. Em nenhum outro momento de nossa história os índios tiveram e desempenharam papéis tão importantes.

Índios brasileiros como verdadeiros chefes de estado, diplomatas, mediadores, empreendedores, como Domingos Fernandes Carapeba, que implantou e ensinou a arte de fazer açúcar no Caribe. Acredito que nada disso seria possível, sem as condições ímpares que tivemos no Brasil, os holandeses precisavam dos índios, e da mentalidade protestante dos holandeses que chegaram aqui. Em suma sem as condições impostas pela realidade e a mentalidade protestante, nada disso seria possível. Sobre estas condições específicas Meuwese afirma, comparando as duas colônias holandesas, no Brasil e na América do Norte:

Poty's letter and Van den Boaert's expedition clearly revealed that, when it came to Dutch – Indian communication and diplomacy, there were major differences between Dutch – Indian communication and diplomacy in northeastern Brazil and mid-Atlantic North America. While Poty's letter suggested that some Brazilian Indians learned Dutch well enough that the Dutch in North America were forced to adapt to Indian languages and diplomatic customs when dealing with native peoples. In this chapter I will explain how and why intercultural communication and diplomacy in these two colonial frontiers developed along such different trajectories. In doing so I argue that the differences were not necessarily caused by linguistic problems but by the contexts of cross – cultural contact in each frontier. In northeastern Brazil, some native peoples were willing to send their kinsmen to United Province to forge a stronger political alliance with the Dutch against the Portuguese. WIC officials saw the Tupi – speaking Potiguar diplomats as valuable mediators because the latter learned the Dutch language and adopted aspects of Protestantism. In contrast to the Brazilian Indians, the native people of mid – Atlantic North America did not show any interest in going to the Republic for an education as intercultural mediators. (MEUWESE, 2003, p. 70 – 71)

A fidelidade indígena ao Governo Holandês aponta para crença de que estes acreditavam no Projeto Colonizador e lutaram por ele. Os índios queriam fazer parte deste projeto. A fidelidade indígena é apontada pelos próprios holandeses. Em uma das páginas do Projeto A Visão Holandesa do Brasil dos laboratórios Liber da UFPE, há a digitalização de *Memorável Viagem Marítima e Terrestre do Brasil*, onde Joan Nieuhof afirma:

A 2 de novembro, o Conselho recebeu aviso do Senhor Linge, datado de 1º do mesmo mês, [332] na Paraíba, no sentido de que André Vidal tinha entrado naquela Capitania com 200 homens e que Camarão tinha escrito a Pedro Potí insistindo para que desertasse do nosso serviço, com seus brasileiros; recebera também, porém, formal recusa. O Conselho enviou-lhe, como recompensa de sua fidelidade, duas peças de fino linho. Quando os portugueses começaram a se afirmar contra o Governo, procuraram induzir, por meio de cartas repletas de promessas, os regedores ou comandantes dos brasileiros a se reunirem a eles. Estes, porém, não acederam, ao contrário, enviaram ao Conselho, sem abri-las as cartas enviadas por Camarão e outros chefes revolucionários, a fim de evitar que sobre eles pairasse a suspeita de manter correspondência com o inimigo. Pedro Potí era parente próximo de Camarão. Desde então referidos chefes brasileiros se portaram tão corretamente e de tal forma atacaram os portugueses onde quer que os encontrassem, matando-os e pilhando-os, que jamais tivemos ocasião de duvidar de suas sinceridades e intenções.

Este relato demonstra claramente que a fidelidade indígena não era uma exclusividade de Pedro Poty, a liderança indígena aliada aos holandeses manteve a fidelidade. Tanta fidelidade a um invasor branco faz pensar sobre o motivo. Esta dissertação defende que a fidelidade deve-se ao fato na crença do Projeto Colonial Holandês, do qual os índios faziam parte, e este projeto colonial não era somente político, era religioso também.

E sobre especificamente o protestantismo, transcrevo uma longa, porém necessária referência da tese de Marcus Meuwese, que acredito, põe em cheque qualquer tese, que ainda por ventura possa existir, de que o protestantismo foi uma das razões do fracasso do Brasil Holandês. Que esta é uma religião que não tem nada haver com nossa cultura e portanto, não teria a capacidade de fazer prosélitos em nossas terras.

Muito pelo contrário, este historiador afirma que foi justamente o protestantismo e a existência de índios protestantes, um dos aspectos que facilitaram o sucesso do Brasil Holandês em comparação com a colônia holandesa na América do Norte. Chega até a afirmar que os holandeses acreditavam ser mais fácil para pessoas de culturas não-cristãs, como os indígenas da América rejeitar o catolicismo e abraçar o protestantismo.

The willingness of the Potiguars to establish an alliance with the Dutch was also expressed by conversion of some Brazilian Indians to Protestant Christianity. According to the De Laet, the Potiguars had “been instructed in the principles of the Christian religion” during their stay in the Republic. Although it is impossible to reconstruct the specific religious motivations of the Potiguars for embracing Dutch Calvinism due to a lack of sources, for the Indians visiting the Republic adopting the public religion of their host was an important way of strengthening bonds with their Dutch allies. Since the Potiguars, six of whom had baptismal names, readily identified the Portuguese with Catholicism, the Potiguars must have seen the theologically and ritualistically different Calvinistic religion as closely associated with the Dutch and the WIC. Some Potiguars may also have adopted Protestantism in an effort to tap into the perceived military and technological power of the Dutch. Like other European powers, the Dutch probably also attempted to impress foreign visitors with the military and economic might of the Dutch by taking their guests to military installations or to commercial towns. Dutch authorities were greatly impressed by and hopeful about the education of the Potiguars and their interest in Protestant Christianity. The WIC alliance with the Potiguars was considered so

useful for the Dutch that stadholder Frederick Hendrik (1584 – 1647) had hung a painting in his palace in The Hague that depicted the friendly encounter between the Potiguars and the Dutch in Paraíba in 1625. This now lost painting was displayed with other thematic paintings celebrating Dutch power in the great hall of the palace to impress domestic and foreign visitors with the recent successes of Dutch overseas expansion and prominence on the world stage. Similarly, for Dutch Protestants, the Indian Interest in Calvinism was strong evidence that non – Christian people rejected Catholicism and instead embraced the “true Christian religion”. Realizing the great potential of the Potiguars envoys to function as missionaries to their own people, the *Heeren XIX* subsequently supported a plan to prepare the Brazilian Indian envoys for a career as Calvinist catechist. In 1628, the WIC reportedly informed stadholder Frederik Hendrik that it was training some of the Potiguars as missionaries in the Republic. (MEUWESE, 2003, p. 89 – 90)

Ter em mente que o protestantismo foi crucial para as relações batavo-potiguaras é um ponto importante. Mas um de maior importância é conceber que protestantismo era esse. O que os índios entendiam da fé que professavam? Existiam aspectos únicos, era um protestantismo ortodoxo ou não? Estes são questionamentos cruciais para esta dissertação, entender, e descrever como era este protestantismo indígena é o objetivo do próximo, último e mais importante capítulo de todo este trabalho científico.

CAPÍTULO III

O PROTESTANTISMO INDÍGENA

“Nem a língua pode falar, nem a caneta pode descrever, Só o conhece aquele grande e Onisciente Deus que diz: a vingança é Minha.”

Antônio Paraupaba

INTRODUÇÃO

Falar em protestantismo indígena já soa estranho para nossos dias, quanto mais para o século XVII. Defender a existência de uma igreja protestante brasileira neste período é um desafio e tanto, sendo ela indígena, torna-se maior ainda. Esta igreja é a primeira igreja protestante brasileira e primeira (talvez) não-europeia da História. Para um país de raiz católica como o nosso, este conhecimento aparenta ser bastante surreal.

E para os protestantes também, já que quando se pensa em protestantismo na América Colonial, logo vêm em mente os peregrinos nas 13 colônias inglesas. Não foi nos EUA que a primeira igreja protestante americana foi fundada, e sim no Brasil. E isto não é de se admirar, o Brasil tem um histórico colonial protestante, até 1654, muito maior que os EUA.

A primeira colônia protestante das Américas foi no Brasil, a França Antártica, lá foram realizados o primeiro culto das Américas, a primeira Ceia do Senhor, a primeira Confissão de Fé e os primeiros mártires. Quando os holandeses chegam à costa nordestina realizam a primeira evangelização em massa das Américas. Gerando conseqüentemente o fruto desta igreja nativa americana.

A diferença então entre EUA e Brasil é que no Brasil o protestantismo nasce no séc. XVI e morre no XVII, e para enfim ressuscitar no XIX. Nos EUA não há essa ruptura, desenvolvendo-se ao longo dos séculos. Esta dissertação mostra que o protestantismo faz parte de nossa formação nacional, nem que seja pela negação de sua existência.

Um protestantismo indígena no séc. XVII no Brasil não é algo apenas curioso, mas um fato que deve ser levado em consideração. Porém a grande pergunta é: que protestantismo era esse? O que os índios entendiam por protestantismo? Como o praticavam? Neste último capítulo o desafio é descrever este protestantismo indígena.

4.1 A PERIODIZAÇÃO

A mais famosa periodização da Igreja Reformada Holandesa no Brasil é a que foi feita pelo Rev. Frans Leonard Schalkwijk, o qual a dividiu, assim como José Gonçalves de Mello, dividiu a História do Brasil Holandês. Divisão baseada em antes, durante e depois de Nassau. Eis a divisão:

- Preparação (1630 – 1636);

- Expansão (1637 – 1644);
- Conservação (1645 – 1654).

Baseada nesta divisão esta pesquisa propõe uma nova , que atenderá as suas necessidades. O primeiro contato entre holandeses e potiguaras foi na Baía da Traição em 1625. Treze índios embarcaram para a Holanda, e lá pelo menos dois se converteram à fé reformada.

A doutrina da Igreja na Confissão de Fé Belga está mais para um grupo de fiéis reunidos do que para uma instituição hierárquica, sendo assim, pode-se afirmar que a igreja indígena nasceu com a conversão de Pedro Poty e Antônio Paraupaba na Holanda. Sendo estes os primeiros cristãos protestantes brasileiros, e talvez, não-europeus da História. A igreja indígena nasce na Holanda.

Este primeiro período chamo de **PERÍODO HOLANDÊS (1625 – 1630)**. Que teve como principal característica o aprendizado indígena das doutrinas da igreja e da cultura holandesa. Foi a fase da apreensão por parte daqueles que exerceram a função de missionários protestantes, mesmo sem o serem. Já que uma das funções de Pedro Poty e Antônio Paraupaba como mediadores, era também contribuir para a fundação do protestantismo no Brasil.

E este é um fato extremamente relevante para esta pesquisa, pois diferente do que se acredita, o protestantismo não entrou no Nordeste Colonial como um completo estranho. Foi implantado com a ajuda de pelo menos, dois brasileiros. Dois índios protestantes abriram espaços para um diálogo religioso com os demais no Brasil. O catolicismo sim, foi uma religião totalmente estranha a estes índios, pois os portugueses não trouxeram em suas caravelas nenhum nativo católico para servir de mediador.

Concordo com Schalwijk em relação aos três períodos seguintes, mas proponho a existência de mais dois. O **PERÍODO DO REFÚGIO (1654 – 1660)**, que corresponde aos anos em que os índios reformados chegaram na Ibiapaba até o último registro do documento *Relatório da Missão da Ibiapaba* do Pe. Antônio Vieira. E o **PERÍODO DA PEREGRINAÇÃO (1661 – 1692)** que vai do ano posterior ao último registrado por Vieira em seu relatório até a prisão de João O Pregador, que acredito ser o mestre – escola indígena João Gonçalves.

4.2 A ORGANIZAÇÃO ECLESIASTICA

Assim como Igreja e Estado eram unidos no séc. XVII, Aldeia e Igreja se confundiram no Brasil Holandês. Lideranças da Igreja eram da Aldeia e vice-versa. Uma

igreja reformada tem por organização eclesial a presbiteriana. Os membros elegem presbíteros e diáconos para serem seus oficiais e formarem o Conselho da Igreja, junto com o ministro da Palavra, o pastor.

A Igreja Reformada Potiguara era uma igreja colonial, implantada por um Estado e que fazia parte do Estado. Não foi encontrado nome de índios como presbíteros e diáconos, porém uma das funções dos principais e capitães era de implantar e zelar pelo protestantismo. Desta forma acredito, que em relação à Igreja Potiguara, cargo político e militar se confundia com liderança da Igreja.

Sendo assim a Igreja Reformada Potiguara em organização eclesiástica estava mais para episcopal do que para presbiteriana. Esta característica se deve às próprias condições de sua implantação, desenvolvimento e resistência. Não quer dizer que não era uma igreja reformada, já que a mesma ainda estava ganhando corpo e identidade no mundo e os holandeses gostavam de chamar sua igreja de Verdadeira Religião de Cristo, ou seja, não usavam tanto o termo REFORMADO.

4.3 OS MINISTÉRIOS

Ministério é um termo muito teológico, significa uma espécie de área de atuação. Onde e como a igreja desenvolve seus trabalhos. Pelas fontes que uso, como as *Representações de Antônio Paraupaba, a carta de Pedro Poty a Felipe Camarão, o Relatório da Missão da Ibiapaba do Pe. Vieira*, além das inúmeras Nódulas Diárias, apontam para dois ministérios muito bem desenvolvidos na Igreja Reformada Potiguara: o ministério do ensino e do evangelismo.

O ministério do ensino

Desde o início dos trabalhos da Igreja Reformada Holandesa no Brasil, a preocupação com o ensino foi evidente. E desde cedo tratou - se também de treinar indígenas para serem mestres – escolas. No capítulo anterior há uma breve biografia dos quatro mestres – escola brasileiros, talvez os primeiros professores brasileiros: Álvaro Jacó, Bento da Costa, Melchior Francisco e João Gonçalves.

Também deve ser observado que em todos os lugares em que há crianças, e especialmente no Recife, se fundem escolas; neste último deve haver além disso um mestre português. (...) O terceiro meio é de estabelecer mestres de escolas, tanto holandeses como índios, se for possível nas aldeias de índios. (MAIOR In CRESPIAN, 2007, p. 105)

Todos formados na verdadeira Academia de Genebra das Américas, ou a Harvard brasileira (que no séc. XVII era um seminário), a aldeia paraibana de Maurícia. Seus professores Joaquim Soler, David à Dorenslaer e Johannes Eduardus cuidaram do treinamento

destes professores indígenas. A educação é um aspecto muito caro ao protestantismo, como já foi citado no capítulo I, esta é uma religião da Palavra.

A igreja reformada vai definir a religião a partir de uma relação íntima e pessoal com Deus e essa comunhão com o sagrado se dará pelo contato do cristão com os textos da Bíblia, elevada pela reforma protestante à categoria de revelação especial, a palavra de Deus (Anderson e Chanter, 1935). O próprio Lutero empenhou a sua vida na tradução da Bíblia para a língua alemã, a fim de colocar a Bíblia nas mãos do povo. Pouco ou nada adiantava colocar a Bíblia nas mãos de um povo analfabeto, mesmo após a vulgarização dos textos escritos pela invenção da imprensa (Brentano, 1968; Lessa, 1956; Buyers, 1873). A evangelização dos povos, imperativo da igreja reformada, não seria levada adiante sem uma estratégia da alfabetização dos leigos e educação refinada do clero. A meta reformada de abrir uma escola ao lado de cada igreja é por demais conhecida, mesmo pelos historiadores católicos para ser comentada neste texto. Dessa forma pode – se afirmar que a reforma protestante foi a pioneira na popularização do ensino e na abertura de escolas protestantes desde os seus primórdios (Bliss, 1897). (GOMES, 2000, p. 88)

Estes professores foram formados para ministrar tanto aulas de alfabetização, quanto as doutrinas da Igreja Reformada Holandesa. Seu material de estudos girava em torno da gramática holandesa e tupi, além da História e Geografia dos Países Baixos, o Catecismo de Heidelberg, a Confissão de Fé Belga, os Cânones de Dort; livros teológicos como o Católico Reformado de William Perkins e óbvio, a Bíblia.

O mais importante fato deste período é que o ensino começou a se “brasilianizar”, sendo novamente o Rev. Soler o idealizador desse novo e importante desenvolvimento. Foi ele quem observou que na aldeia de Nassau (bairro das Graças, do Recife atual, perto da casa de campo de Nassau) havia “um brasileiro razoavelmente experimentado nos princípios da religião, e no ler e escrever”, e capaz de instruir os índios. O pastor Eduardus, então, lembrou que havia alguns outros assim em Goiania. Decidiu-se sugerir ao governo que esses índios fossem nomeados professores nas aldeias, solicitando-se para eles um modesto salário. Os magistrados concordaram, prometendo um salário de 12 florins mensais. Os Senhores XIX, na Holanda, alegraram-se muito ao ouvirem que os brasileiros podiam instruir sua própria nação “no conhecimento do verdadeiro Deus e do caminho reto da salvação.” Andrae, com razão, salienta que esses devem ter sido os primeiros professores indígenas da igreja evangélica na América do Sul. Esse foi o início da utilização de obreiros indígenas e da potencial independência da primeira igreja evangélica indígena das Américas. Professores eram considerados obreiros semi-eclesiásticos e, às vezes, eram ordenados posteriormente. (SCHALKWIJK, 2006, p. 240 – 241)

O ministério do evangelismo

Na Igreja Reformada Potiguara este ministério parece que se inseriu no ensino e na mediação. Desta feita os primeiros indígenas a fazer evangelismo no Brasil foram Pedro Poty e Antônio Paraupaba, como já foi citado anteriormente. Os mestres – escolas também faziam evangelismo quando ensinavam, pois o objetivo principal de seu trabalho era alfabetizar para ler a Bíblia.

Evangelismo por evangelismo só ocorreu na fase do Refúgio e da Peregrinação. O Pe. Vieira em seu relatório da Missão da Ibiapaba ao comentar sobre a nova postura dos

tabajara escreveu que estes eram outrora amigos dos portugueses, porém agora bebem do veneno dos de Pernambuco, seus maiores dogmatistas. Além disso, também retrata que os tabajara admiravam muito o fato dos potiguaras de saberem ler e escrever.

Com a comunicação e exemplo e doutrina destes hereges não se póde crêr a miseria a que chegarão os pobres *Tabajaras*, porque dantes, ainda que não havia nelles a verdadeira fé. Tinham comtudo o conhecimento e estima della, a qual agora não só perderão, mas em seu lugar forão bebendo com a heresia um grande desprezo e aborrecimento das verdades e ritos catholicos, e louvando e abraçando em tudo a largueza da vida dos Hollandezes, tão semelhante à sua, que nem o herege se distinguia do gentio, nem o gentio do herege. Os males que sahindo desta sua Rochella fizerão em todo este tempo os *Tabajaras* da serra, não se podem dizer, nem saber todos, que elles os sepultavão dentro em si mesmos (...) Esta era a vida barbara dos *Tabajaras* de Ibiapaba, estas as fêras que se creavão e se escondião naquellas serras, as quaes forão ainda mais feras depois que se vierão ajuntar com ellas outras estranhas e de mais refinado veneno, que forão os fugitivos de Pernambuco. (VIEIRA, 1904, p. 90 – 92)

Aí está meu principal argumento para acreditar na presença de João Gonçalves entre eles, e quem sabe até dos demais mestre – escolas indígenas. Pois como conservariam tamanha firmeza doutrinária sem eles? Assim no período do refúgio tanto exerceram o ministério do evangelismo como do ensino. Além de que, pelas próprias condições adversas, sem ministros para realizarem as cerimônias religiosas, há uma possibilidade de que na Ibiapaba João Gonçalves ter se tornado pastor.

O evangelismo dos Potiguara aos Tabajara na Serra da Ibiapaba talvez seja o primeiro evangelismo protestante de índios para índios na História. Até hoje é raríssimo este tipo de evangelismo protestante em nosso país. Em relação a João Gonçalves tenho fortes motivos para crer que, por causa das condições em que a Igreja viveu na Serra, Gonçalves teve que exercer a função de pastor. Pode até ter sido ordenado pelo conselho da igreja na Serra para esta função.

Se esta possibilidade de fato aconteceu, e quando se encontrarem mais fontes que a comprovem, poder-se-á afirmar que ele foi o primeiro pastor brasileiro e não José Manuel da Conceição. Apesar de que fazer comparações entre os dois não seria pertinente. Porque quando o Pe. José Manuel da Conceição deixa a batina para se tornar ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil, esta já tinha condições de fazer uma ordenação oficial e regular dentro da legislação da própria igreja.

Gonçalves não tinha essas condições. Aliás, acredito que sua possível ordenação, foi justamente pela falta destas condições. Os índios estavam na Serra em caráter de resistência, as condições precárias é que forçaria Gonçalves a deixar de ser mestre – escola

para se tornar ministro. Reverendo João Gonçalves, índio potiguara, o provável primeiro pastor brasileiro.

E há fortes razões para crer sobre o porquê o Conselho da Igreja Reformada Potiguara o tenha ordenado pastor. Além do fato de já ser mestre – escola, Gonçalves foi, provavelmente dentre os mestres – escola indígena, o que teve contato mais íntimo com o trabalho pastoral. Ele foi o “braço direito” do Rev. Thomas Kempius na Missão de Mathias Beck na Conquista do Ceará Holandês.

Ao lado de Kempius, Gonçalves viu como criar e administrar uma igreja, além de como pregar. Este índio aparenta ter uma personalidade fascinante, se ele for de fato o João O Pregador preso em 1692, ele passou pelo menos 40 anos de sua vida servindo ao protestantismo. E este é um tempo bastante considerável. Com a saída de Paraupaba e Carapeba para a Holanda em 1654, repousou sobre ele, a responsabilidade de não deixar o protestantismo morrer na Serra da Ibiapaba.

4.4 A TEOLOGIA POTIGUARA

Poucos são os termos teológicos usados pelos índios, porém os poucos termos usados são centrais da teologia reformada. São eles: a frase “Creio só em Cristo” de Pedro Poty que reflete o *Sola Chistus*, um dos cinco solas da Reforma, e idolatria, também citado por Pedro Poty. Ele escreveu a seu primo com estes termos: “Sou Cristão e melhor do que vós, sem macular a religião com idolatria.”

É óbvio que Poty estava criticando a práxis religiosa católica, além de refletir o desapego a imagens do Protestantismo Holandês. Mas há um aspecto mais profundo nesta afirmação. No século XVI um fenômeno religioso chamado de Santidade foi bem estudado por Ronaldo Vainfas, uma espécie de profetismo indígena. O referido autor trabalha com a ideia de que os índios fazem uma espécie de mistura de elementos católicos ao animismo como uma resistência à colonização.

Falar em idolatrias insurgentes significa referir-se, antes de tudo, a movimentos sectários, animados por mensagens francamente hostis ao europeu, sobretudo à exploração colonial e ao cristianismo, não obstante algumas delas tenham assimilado, em maior ou menor grau, ingredientes do catolicismo que tanto rejeitavam. Na dinâmica de tais idolatrias, organizadas em função da defesa das tradições ameríndias, as atitudes de resistência oscilavam da “guerra cósmica” à luta armada – mais factível esta última quando os movimentos ocorriam em regiões de fronteira, ou seja, em áreas incompleta ou precariamente dominadas pelos colonizadores. (VAINFAS, 2005, p. 33 – 34)

Ao afirmar que não macula sua religião com idolatria, Poty parece não deixar nenhuma brecha para qualquer espécie de uma reinvenção desta Santidade, uma santidade protestante, por exemplo. Mais especificamente não dá espaço para sincretismo religioso.

Nas Representações de Antônio Paraupaba aparecem os seguintes termos teológicos:

- Reino de Jesus Cristo;
- Grande e Todo Poderoso Deus;
- Uma citação da Parábola dos Talentos;
- Igreja de Deus; (estes termos são usados na primeira representação)
- Compaixão Cristã;
- Frase: *“Onisciente Deus que diz: a vingança é minha.”*;
- Deus Todo Poderoso;
- Deus verdadeiro;
- Deus, Pai de todas as graças;
- Frase: *“dons da sua misericórdia.”*;
- Deus de Misericórdia;
- Graça Singular;
- Graça de Deus;
- Grande Deus;
- Especial Graça;
- Frase: *“Jesus Cristo, seu Salvador.”*;
- Graça Maravilhosa de Deus;
- Frase: *“A luz da Palavra Santa de Deus.”*;
- Onipotente;
- Culto Divino.

No entanto destacarei uma fração da Segunda Representação de Antônio Paraupaba que considero a mais fortemente alicerçada na doutrina reformada. Quando ele ao citar novamente a Parábola dos Talentos, coloca o índio como se fosse o talento e o holandês, o trabalhador. E ainda mostra seus conhecimentos de Escatologia, quando claramente fala do Retorno de Cristo.

O suplicante, além disso, pede a Vª Exª, em nome desses homens miseráveis, para que entendam com coração e alma os princípios da maravilhosa graça de Deus nesse pobre povo. Como gostou o Onipotente de levar muitas dessas criaturas pobres da escuridão para a luz e do poder de Satã para Ele mesmo. Como agradou a Sua

Majestade Divina, chamar e usar a V^a Ex.^a (que também foram redimidos do paganismo) para pregar a eles o Seu Santo Evangelho. Este instrumento é na realidade a libra ou o talento que foi tão fortemente recomendado a V^a Ex.^a a colocar em usura. Queiram gastar o mesmo para o lucro desses miseráveis, assim que quando o Patrão Severo voltar, um dia para acertar as contas, ele observará como V^a Ex.^a foram fiéis em seu serviço, fazendo crescer o Seu Santo Evangelho. (HULSMAN, 2006, p. 60 – 61)

Esta citação tem tanta profundidade teológica que chega a ser quase uma prédica. Paraupaba cita a Parábola dos Talentos no Evangelho de Mateus 25: 14 - 30, além de nítidas referências a Isaías 53: 1 e quando Paulo se refere a Isaías em Romanos 10: 16 – 21. E também conhecimento do Juízo Final, presente nos evangelhos e em Apocalipse.

A função da guerra na cultura dos ameríndios brasileiros era a guerra de vingança. Não como conquista territorial, mas a vingança pela morte dos ancestrais, a guerra era parte da vida da comunidade. Ouvir de um índio brasileiro protestante citar Romanos 12:19 e Deuteronômio 32:35 é algo de chamar a atenção.

Qual era a visão de Deus de Paraupaba? O Deus Cristão aprovava e entendia as práticas de vingança de seu povo? Ou a Vingança torna-se agora de fato aprovada, pois é um aspecto de sua cultura que o cristianismo não reprova? Ou Paraupaba usa a referência apenas como recurso retórico, caso haja a omissão dos holandeses, Deus vingaria os índios?

Seja qual for a interpretação, só o fato de Paraupaba citar este aspecto das Escrituras é uma evidência da proximidade que o cristianismo protestante conseguiu com a cultura indígena. Deus é o Deus que vinga os seus, independentemente a que povo pertençam, é um conceito que tanto índios como holandeses souberam bem como usar a seu favor. Os índios para justificarem a sua guerra, e os holandeses para os transformarem em inimigos ainda mais ferrenhos dos portugueses. Os textos bíblicos dizem:

“Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira, porque está escrito: Minha é a vingança; eu recompensarei, diz o Senhor.” Romanos 12:19. E “Minha é a vingança e a recompensa, ao tempo que resvalar o seu pé; porque o dia da sua ruína está próximo, e as coisas que lhes hão de suceder, se apressam a chegar.” Deuteronômio 32:35.

A parábola dos talentos é de grande fineza retórica, já que tanto apresenta aspectos religiosos quanto sociais. Como se trata da única passagem bíblica que é citada por um índio, é conveniente expô-la e fazer algumas considerações para entender que tipo de conhecimento teológico influenciou Paraupaba a usar essa Parábola como discurso político e religioso também. O texto bíblico estimula os cristãos a serem vigilantes e tem aspectos escatológicos:

Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora em que o Filho do homem há de vir. Porque isto é também como um homem que, partindo para fora da terra, chamou os seus servos, e entregou-lhes os seus bens. E a um deu cinco talentos, e a outro dois, e a outro um, a cada um segundo a sua capacidade, e ausentou-se logo para longe. E, tendo ele partido, o que recebera cinco talentos negociou com eles, e granjeou outros cinco talentos. Da mesma sorte, o que recebera dois, granjeou também outros dois. Mas o que recebera um, foi e cavou na terra e escondeu o dinheiro do seu senhor. E muito tempo depois veio o senhor daqueles servos, e fez contas com eles. Então aproximou-se o que recebera cinco talentos, e trouxe-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, entregaste-me cinco talentos; eis aqui outros cinco talentos que granjeei com eles. E o seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor. E, chegando também o que tinha recebido dois talentos, disse: Senhor, entregaste-me dois talentos; eis que com eles granjeei outros dois talentos. Disse-lhe o seu senhor: Bem está, bom e fiel servo. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor. Mas, chegando também o que recebera um talento, disse: Senhor, eu conhecia-te, que és um homem duro, que ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste; E, atemorizado, escondi na terra o teu talento; aqui tens o que é teu. Respondendo, porém, o seu senhor, disse-lhe: Mau e negligente servo; sabias que ceifo onde não semei e ajunto onde não espalhei? Devias então ter dado o meu dinheiro aos banqueiros e, quando eu viesse, receberia o meu com os juros. Tirai-lhe pois o talento, e dai-o ao que tem os dez talentos. Porque a qualquer que tiver será dado, e terá em abundância; mas ao que não tiver até o que tem ser-lhe-á tirado. Lançai, pois, o servo inútil nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes. E quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; E todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas; E porá as ovelhas à sua direita, mas os bodes à esquerda. Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; Mateus 25:13-34

No séc. XVII usura era um termo muito caro aos protestantes. Pois refletia o direito do comércio justo, a burguesia ávida para deixar as amarras papais enche os bancos das igrejas protestantes. A Holanda foi o primeiro Império Protestante da História, e muito de sua riqueza deve-se aos burgueses protestantes refugiados de toda a Europa.

Paraupaba ambienta seu argumento na realidade econômica de um país que conheceu, e habilmente evoca os conceitos teológicos da religião que proporcionou à Holanda seu crescimento econômico e conferiu-lhe identidade nacional. Cristo confiou um talento (a nação brasileira) ao servo (holandeses) para por na usura (investir ao cuidar enviando auxílio), pois pediria contas.

Se Paraupaba tinha o dom da oratória, somada à esta grande retórica, então deve ter impressionado e muito os holandeses. O protestantismo estava tão arraigado à visão de mundo deste índio potiguara que ele foi capaz de usar conceitos teológicos em um discurso político. O protestantismo não deve ser entendido apenas como um mero recurso em todo este jogo político, mas um aspecto que passou a fazer parte da mentalidade indígena que habilmente souberam usar.

Isto é tão bem trabalhado por Paraupaba, que é possível considerar que seja a primeira exegese bíblica feita por um brasileiro. Mas além de apologeta, Paraupaba também fez História da Igreja, ao narrar a aliança entre índios e holandeses. E esta narração é de extrema importância, pois não tem apenas a função de lembrar os holandeses da fidelidade indígena, mas de construir uma identidade comum a ambos os povos. O protestantismo é usado como este elemento comum que é capaz de gerar esta identidade.

Assim pede-se com toda a humildade a V^a.Ex^a, da parte desta nação miserável, mas leal, observar em clemência quem realmente são esses em nome dos quais ele está estendido aos Vossos pés e vem requerer ajuda e assistência contra o perjuro Português, que rompeu o tratado. Ele se vê obrigado, por várias razões, a recordar os primeiros fundamentos ou princípios da relação desta nação e o Vosso Estado, a decorrente submissão da primeira e sua perseverança com toda lealdade. Declarando em nome de Deus que isto será feito com nenhum outro objetivo no mundo a não ser de renovar a memória daqueles nesta presente reunião ilustre de V^a. Ex^a, que ainda se lembram do que se passou, e informar àqueles que desconhecem, sobre os serviços prestados por essa nação com toda lealdade, para assim despertar nos corações de ambos uma compaixão cristã para com esta nação. O primeiro conhecimento que esta infeliz nação teve de V^a. Ex^a foi através do Almirante Boudewijn Hendrixsz na Bahia de Traição, onde ele, logo depois de sua chegada, tentou fazer aliança com esta infeliz nação Brasileira com promessas e a confirmação de proteção de V^a.Ex^a. Ele os encontrou imediata e entusiasticamente dispostos ao serviço de V^a.Ex^a quando isto lhe foi solicitado. Mas ai deles! Foram logo abandonados pelo mesmo, apesar da proteção que lhes foi garantida, depois de prestarem vários serviços contra os Portugueses. Essa nação miserável teve que pagar pó isso com o sangue de milhares de homens, mulheres e crianças. O primeiro contado com V^a.Ex^a foi pago tão caro que esta nação pode dizer com razão que sua primeira união com este Estado foi assinada e selada, de sua parte, com o sangue de suas mais valiosas jóias, através do ódio eterno e intransigente contra aqueles Portugueses sanguinários. Quais torturas, quais tormentas e quais massacres eles sofreram e suportaram desde aquele tempo até a chegada do General Waerdenborgh. Nem a língua pode falar, nem a caneta pode descrever. Só o conhece aquele Grande e Onisciente de Deus que diz: A vingança é Minha. (HULSMAN, 2006, p. 55 – 56)

Já no Relatório de Vieira aparecem os seguintes termos, que ele expôs das cartas que os principais o enviaram:

- Batismo;
- Confessar pecados somente a Cristo;
- Missa como um culto falso;
- Deus estando em todo lugar.

Há que se destacar com mais profundidade a Parábola dos Talentos, pois na época que esta representação foi escrita o termo usura era muito particular ao protestantismo. É de conhecimento que a Igreja Católica combateu a usura e o calvinismo não combateu. O discurso de Paraupaba é bastante protestante neste ponto. Além de tratar o holandês como o trabalhador e o índio como o talento que o holandês deve investir é de uma retórica fascinante.

Já os termos teológicos citados pelos índios no relatório de Vieira sugerem ao pesquisador mais atento a profundidade teológica dos mesmos. Se for levado em consideração que os mestres – escolas holandeses seguiram cronologicamente o Catecismo de Heildelberg, seriam necessários 26 domingos para ter conhecimento sobre Batismo. Sendo assim os assuntos anteriores ao batismo, também eram conhecidos pelos potiguaras, que são: pecado original, salvação, Trindade e justificação pela fé.

Confessar pecados somente a Deus, tanto remete a um dos princípios mais caros a Reforma Protestante, a crença que Cristo é o único mediador entre Deus e os homens, como a uma prática litúrgica das Igrejas Reformadas: a Confissão de Pecados. Hoje em desuso por muitas igrejas reformadas, mas que no século XVII tinha um significado muito forte: o crente poderia confessar seus pecados diretamente a Deus, sem a necessidade de um sacerdote.

Já para afirmar que a missa é um culto falso é preciso ter um conhecimento teológico mais apurado, pois remete a saber diferenciar o que acontece na Comunhão, se o pão e o vinho transformam-se ou não no Corpo e Sangue de Cristo. E para os índios potiguaras o conhecimento deveria ser muito mais apurado por conta do conceito de antropofagia. Aliás, foi juntamente neste aspecto cultural que os pastores holandeses mais de dedicaram a explicar para não haver confusão teológica.

Até mesmo a questão do catecismo brasileiro pode ter sido barrado pela Holanda por causa deste ponto, que poderia gerar confusão e fazer surgir heresias na Igreja do Brasil. O próprio catecismo de Heildelberg estimula a crença da missa como um culto falso. No domingo 30, a pergunta 80 diz: “Que diferença há entre a Ceia do Senhor e a missa do Papa?” Eis a resposta:

A ceia do Senhor nos testemunha que temos completo perdão de todos os nossos pecados, pelo único sacrifício de Jesus Cristo, que ele mesmo, uma única vez, realizou na cruz, e também que, pelo Espírito Santo, somos incorporados a Cristo que, agora com seu verdadeiro corpo, não está na terra, mas no céu, à direita do Pai e lá quer ser adorado por nós. A missa, porém ensina que Cristo deve ser sacrificado todo dia pelos sacerdotes, em favor dos vivos e dos mortos; e que esses, sem a missa, não têm perdão dos pecados pelo sofrimento de Cristo; e também, que Cristo está corporalmente presente sob a forma de pão e vinho e, por isso, neles deve ser adorado. A missa, então, no fundo, não é outra coisa senão a negação do único sacrifício e sofrimento de Cristo e uma idolatria abominável.

Além de Vieira chegar a suas próprias conclusões que eles são fortemente contra a idolatria e contra a Igreja de Roma e sua doutrina. Chamando - a de Igreja de Moanga e sua doutrina de Patanha dos Padres. Vieira relata que eles levaram para a Serra, livros, muito provavelmente Bíblias, Salmos com métrica e o Catecismo de Heildelberg. Livros que os

reformados holandeses tinham como essenciais para prática religiosa, sendo comum o possuírem.

Pode-se afirmar que a teologia reformada deixou marcas nesses indígenas. Lígio de Oliveira Maia, um especialista no assunto em um artigo intitulado *Índios de Pernambuco na Genebra dos Sertões: o olhar vieiriano sobre os índios hereges – XVII*. Afirma que resquícios do cristianismo reformado permaneceram nos indígenas. Ele então conclui que:

Não vou discutir, em demasia, a correspondência trocada entre Pedro Poty e Felipe Camarão, que está repleta de sinais de conversão ao Catolicismo ou ao Protestantismo, por acreditar que isso já foi feito com maestria. Contudo, deve-se apontar que alguns estudiosos chegam a duvidar da autobiografia verídica dessas cartas, inclusive das memórias de Paraupaba, que estão escritas em holandês e guardadas nos arquivos de Haia (traduzidas e publicadas no Brasil). Todavia, não se deve subestimar a capacidade indígena (da época e de hoje) de trazer para si valores e visões de mundo, diversos dos seus. E mais, não se pode esquecer que esses líderes nativos estiveram por vários anos na Europa, bebendo da cultura neerlandesa e sendo nela educados. Por outro lado, um aspecto desta intrincada dinâmica social ainda deve ser levantado. É possível apreender até que ponto houve uma conversão reformada dos índios de Pernambuco, na *Genebra* dos sertões? Apesar da limitação documental e sua quase opacidade, é possível capturar resquícios de religiosidade cristã nesses índios contrafazendo o percurso trilhado por Vieira, em sua *Relação da missão da Serra da Ibiapaba [1660]*, na qual o autor traça o complexo panorama da realidade colonial entre os índios missionados, no período 1656 – 1660. (MAIA, 2006, p. 69 – 70)

4.5 A PRÁXIS RELIGIOSA

Há uma nódula diária onde está escrito que os holandeses se arrependeram de educar Pedro Poty e Antônio Paraupaba. A descrição da Nódula Diária parece apontar para práticas de dança e usos de amuletos, como crucifixos, típica da práxis católica. O que leva a crer que este jovem protestantismo indígena não era puritano.

Ora, nem os holandeses o eram. Apesar de ter sido na Holanda o grande palco da disputa entre calvinistas e arminianos, com a confecção de um dos documentos mais amados dos calvinistas, os Cânones de Dort. Os holandeses, como já foi discutido no capítulo I eram muito mais abertos que seus contemporâneos ingleses.

O “problema” das danças e uso de crucifixos por partes de índios protestantes como Pedro Poty e Antônio Paraupaba não pode ser entendido como uma característica de sincretismo religioso ou hibridismo. Sincretismo religioso é a união de doutrinas, os poucos documentos produzidos por índios protestantes ou que tenham fragmentos de falas dos mesmos, não apresenta uma mistura de conceitos animistas e protestantes.

Vejo este “problema” como uma nítida antecipação do grande problema que os primeiros missionários protestantes do século das missões (século XIX) iriam enfrentar: a confusão entre evangelho e cultura europeia. O maior exemplo para ilustrar esta situação é a

experiência do grande missionário inglês na China, Hudson Taylor. Quando Taylor pregava de beca e cartola não era atraente aos chineses. Taylor só conseguiu seus primeiros adeptos depois que se passou a viver como um chinês.

No caso brasileiro não existia, até aquele momento, nenhuma práxis protestante que não fosse europeia. Aquela foi a primeira experiência de um protestantismo não – europeu da História. Além do mais a visão protestante do cristianismo é de contra-cultura, ou seja, qualquer prática cultural que vá de encontro com os princípios de Cristo deve ser eliminada. Pois Cristo está acima da cultura, é por esta razão que o protestantismo é em essência uma religião intolerante.

Mas em que sentido ele é intolerante? O protestante é intolerante no sentido em que não “negocia” suas doutrinas, ou pelos menos àquelas, que os próprios protestantes a chamam de inegociáveis: A salvação pela Graça, a Bíblia como única regra de fé e prática, Jesus como Salvador, a Ressurreição e o Retorno de Cristo, a Trindade. E as doutrinas que os protestantes chamam de negociáveis, ou seja, passíveis de várias interpretações, como as formas de batismo ou as várias visões sobre o milênio, só negociam entre eles. Cristo está acima da cultura, é uma afirmação bem protestante.

Na visão calvinista kyuperiana o mundo é visto à partir de uma divisão tripartite entre CRIAÇÃO – QUEDA – REDENÇÃO. Deus criou o mundo em Estado de Perfeição, o homem com o pecado danificou a perfeição, e em Cristo e em seus princípios o mundo é redimido e retorna a seu estágio de Perfeição. Sendo assim toda cultura está em pé de igualdade, pois todas são caídas, imperfeitas. E todas precisam de Cristo. O mais incrível é que temos um índio afirmando isso:

Como gostou o Onipotente de levar muitas dessas criaturas pobres da escuridão para a luz e do poder de Satã para Ele mesmo. Como agradou a Sua Majestade Divina, chamar e usar a V^a Ex^a (que também foram redimidos do paganismo) para pregar a eles o Seu Santo Evangelho. (HULSMAN, 2006, p. 60)

Para Antônio Paraupaba a cultura holandesa é tão bárbara quanto era a sua, sem Cristo. Quando o Sínodo do Brasil fazia baixar editais sobre o alcoolismo e a prostituição, não fazia isso apenas contra os índios, contra os holandeses também. Afinal não é Paulo que diz, que em Cristo não há judeu, grego, bárbaro, cita, escravo, livre, ou homem ou mulher? Sendo todos iguais?

Assim o protestantismo só se torna preconceituoso e intolerante com o outro, de que é muito acusado, quando deixa de ser intolerante e passa a tolerar a sua cultura. Ora se entendo que a cultura brasileira é caída assim como é a africana, eu serei bem mais tolerante com o outro, porque nós dois somos caídos e precisamos de Cristo. Mas quando eu tolero a

minha cultura e penso: “a cultura brasileira é caída, mas nem tanto assim.” Ela já se torna melhor que outra que eu considero ser totalmente caída. Não foi crer que Cristo está acima de toda cultura que criou a barbaridade do apartheid, mas confundir cristianismo com cultura européia.

Isto porque no entendimento que os protestantes tem de cristianismo, a ética e moral cristã não pode ser baseada nos conceitos dos homens, mas de Cristo. Por isso o protestantismo é uma contra-cultura. O grande mártir luterano do Período Nazista, o pastor Dietrich Bonhoeffer, que foi enforcado por lutar contra Hitler, faz uma excelente dissertação sobre o que é ética cristã, que considero muito valiosa para o entendimento da práxis do protestantismo nesta dissertação.

Na tradição protestante tanto os conceitos de *Sola Scriptura* e *Solo Christus* refletem, além de Bíblia como única regra de fé e prática e a salvação somente em Cristo, mas que toda ética cristã deve ser pautada em princípios bíblicos. Pois a origem da ética cristã está no homem enquanto imagem e semelhança de Deus e não no homem conhecedor do bem e do mal. Sobre este ponto Bonhoeffer faz as seguintes considerações:

A noção do bem e do mal parece ser o alvo de toda a reflexão ética. A primeira tarefa da ética cristã consiste em suspender esse saber (...) A ética cristã reconhece já na possibilidade da noção do bem e do mal o rompimento com a origem. No conhecimento do bem e do mal, o ser humano não entende na realidade de sua determinação pela origem, mas sim em suas possibilidades próprias, ou seja, ser bom ou mau. Tem conhecimento de si ao lado de Deus. Pois só pode saber de Deus se sabe unicamente dele. A noção do bem e do mal constitui, portanto, a separação de Deus. Do bem e do mal o ser humano só pode saber contra Deus. (...) A originária semelhança com Deus converteu-se em igualdade roubada. Enquanto o ser humano como imagem de Deus vive exclusivamente de sua origem em Deus, o ser humano que se tornou igual a Deus esqueceu sua origem e se transformou em seu próprio criador e juiz. Ele quis ser agora por si mesmo o que Deus deu ao ser humano. (...) O ser humano como imagem e semelhança de Deus vive da origem divina; o ser humano que se tornou igual a Deus vive de origem própria. Com o roubo da origem, o ser humano incorporou um mistério divino – a Sagrada Escritura descreve esse processo como o comer da fruta proibida - , no qual ele perece. (BONHOFFER, 2009, p.15 – 16)

Se toda ética humana é contra Deus, assim toda cultura humana também será contra Deus. A única possibilidade de viver o cristianismo, na visão protestante de cristianismo, é como contra-cultura. Aonde o protestantismo chega comete etnocídios, porque é uma contra-cultura em qualquer lugar. Parauapaba parece ter conhecimento disso quando diz aos holandeses que eles “*também foram redimidos do paganismo*” assim como os potiguaras.

Pode-se concluir que, em relação ao protestantismo, ou ele molda a cultura ou se transforma em outra coisa. Este é o grande problema: onde está a linha tênue que separa

protestantismo moldando a cultura e a outra coisa? Infelizmente a Igreja Reformada Potiguara sobreviveu por pouco tempo e produziu pouco para que essa pergunta fosse possível de responder nesta dissertação. A única coisa que posso afirmar é que não acredito em sincretismo religioso na práxis deste povo, pois não há possibilidade de sincretismo no protestantismo, se ocorrer ele deixa de ser protestantismo.

É neste ponto que Sérgio Buarque de Holanda tem toda razão ao afirmar em *Raízes do Brasil*, que uma religião puritana não seria agradável aos olhos de negros, índios e luso-brasileiros. Eu não discordo com Sérgio Buarque neste ponto, apenas quero acrescentar que há mais razões para o proselitismo religioso do que apenas a afeição da prática dos rituais. O proselitismo indígena ao protestantismo no Brasil Holandês foi essencialmente social.

Hoje parece estranho falar nisso, pois a Reforma Protestante é vista como essencialmente religiosa, o que na verdade não foi. Se Lucien Febvre e Christopher Hill afirmam que a religião era o paradigma que formava as visões de mundo no período, então se a religião muda, muda tudo. A Reforma Protestante pretendia reformar o mundo não apenas em aspectos religiosos. Um dos maiores pensadores sobre o protestantismo brasileiro Antônio Gouvêa de Mendonça questiona:

Mas o que foi mesmo a Reforma? A resposta simples poderia ser esta: a Reforma foi a humanização do homem, isto é, a Reforma fez o homem descer dos pedestais celestes, porque era visto e educado como se não pertencesse a este mundo, e se pôr no mundo como parte dele e por ele responsável. Assim, a Reforma é uma das expressões do humanismo que começou no século XIV. A verticalidade cedeu lugar à horizontalidade que significou liberdade e responsabilidade do indivíduo perante si mesmo, o mundo e o próximo. Em suma, mas não resumindo, a Reforma colocou o homem individualmente perante Deus com suas culpas e necessidades. O indivíduo agora, solitário perante Deus, era seu próprio sacerdote. É por isso que a Reforma significa, entre outras muitas coisas, o início da secularização em todos os sentidos. (MENDONÇA, 2007, p. 163)

Acreditar em um cristianismo como contra-cultura e afirmar que Cristo está acima de qualquer cultura é o grande exemplo, que se pode usar, para mostrar que o protestantismo é uma religião universalizante. Porém que não deixa de ter vertentes etnicizadas. Como é o caso dos luteranos no Brasil, onde a práxis religiosa e a cultura alemã se confundem muito. Uma religião universalizante etnicizada é diferente de uma religião sincretizada.

A Igreja Reformada Potiguara foi uma igreja protestante etnicizada, não “negociou” as doutrinas reformadas com seus antigos conceitos animistas. Porém, ao que parece em seu pouco tempo de existência, buscou “redimir” sua cultura através de conceitos cristãos protestantes. Se isto for verdadeiro, foi mais calvinista e reformada que as igrejas que se autodenominam desta forma hoje em dia.

Transformaram um grande guerreiro em mártir e a terra dos ancestrais em refúgio, mas não o Céu na Terra sem Males. A igreja sobreviveu por pouco tempo, mas pode-se concluir que estavam inseridos num processo, que gostaria de chamar de *redenção cultural*, ou seja moldando a sua cultura ao que o protestantismo permitia. Se nos últimos anos de sua existência eles “terminaram” esse processo, perdemos o protestantismo mais autêntico de seu tempo. Porém sem fontes, é impossível afirmar isso.

4.6 A IGREJA NO REFÚGIO

O refúgio potiguara começa com a não aceitação da Capitulação de Taborda de 1654, que concedia perdão a todos os índios que lutaram contra os portugueses. Conhecidos descumpridores de palavra, os potiguara e tapuias não aceitaram os termos da capitulação preferindo o refúgio. Alguns conseguiram embarcar em navios holandeses que zarparam para outras colônias, no Caribe, na Ásia e na América do Norte, principalmente. Porém a grande maioria ficou.

Saíram de Pernambuco à atual Viçosa do Ceará, que fica ao pé da Serra da Ibiapaba, uma das mais belas regiões do Ceará. São aproximadamente 750km de uma longa caminhada pelos sertões, com aproximadamente quatro mil pessoas entre homens, mulheres, crianças e idosos. Conduzidos por seus regedores Antônio Paraupaba e Domingos Fernandes Carapeba, e auxiliados espiritualmente por João Gonçalves.

A rota que seguiram, presumo, foi a rota dos grandes rios do sertão nordestino: São Francisco, Salgado, Jaguaribe, a Lagoa de Iguatu (minha terra natal), etc. e enfim chegar na Ibiapaba. Serra alta com um complexo de grutas e vales, perfeito para esconder-se e ver o inimigo chegando, além de depois de conquistada fixar residência permanente e resistir militarmente a um possível ataque.

Ao chegarem a Serra a comunidade indígena ficou composta de três grupos bem distintos: os tapuias, que em sua maioria não eram reformados, apenas aliados políticos dos holandeses; os tabajaras, residentes do lugar, e os reformados, que Antônio Vieira chama em seu relatório de “os de Pernambuco”. Assim Vieira descreve o relato de sua chegada:

Entrarão os Índios rebeldes nas capitulações da entrega com perdão geral de todas as culpas passadas; mas elles como ignorantes de quão sagrada he a fé publica, temendo que os Portuguezes, como tão escandalizados, applicarião as armas victoriosas à vinganças, que tão merecida tinhão, e obrigados de certo rumor falso de que os brancos ião levando tudo à espada, lançarão-se cega e arrebatadamente nos bosques, com suas mulheres e filhos, onde muitos perecendo à mão dos Tapuyas, e os demais se encaminharão às serras de Ibiapaba, como refugio conhecido, e valhaoito seguro dos malfeitores. Como a chegada destes novos hospedes ficou Ibiapaba verdadeiramente a Genebra de todos os sertões do Brazil, por que muitos dos Índios Pernambucanos forão nascidos e creados entre os Hollandezes, sem outro exemplo nem conhecimento da verdadeira religião. Os outros militavão debaixo de

suas bandeiras com disciplina de seus regimentos que pela maior parte são formados da gente mais perdida e corrupta de todas as nações da Europa. No Recife de Pernambuco, que era a côrte e empopio de toda aquella nova Hollanda, havia Judéos de Amsterdam, Protestantes da Inglaterra, Calvinistas de França, Lutheranos de Allemanha e Suecia, e todas as outras seitas do Norte: e desta Babel de erros particulares se compunha um atheismo geral e declarado, em que não se conhecia outro Deus mais que o interesse, nem outra lei mais que o appetite; e o que tinha aprendido nesta escola do inferno, he o que os fugitivos de Pernambuco trouxerão e vierão ensinar à serra, onde por muitos delles saberem ler e trazerem consigo alguns livros forão recebidos e venerados dos *Tabajaras*, como homens letrados e sabios e crião delles, como de oraculo, quanto lhes querião metter a cabeça. Desta maneira dentro em poucos dias forão uns e outros semelhantes na crença e nos costumes; e no tempo em que Ibiapaba deixava de ser republica de Baccho (que era poucas horas por serem borracheiras continuas de noite e de dia), eram verdadeiramente aquellas aldêas uma composição infernal em mistura abominável de todas as seitas e de todos os vícios, formada de rebeldes, traidores, ladrões, homicidas, adúlteros, Judéos, hereges, gentios, atheus, e tudo isto debaixo do nome de Christão, e das obrigações de Catholicos. (VIEIRA, 1904, p. 93 – 94)

Os jesuítas chegaram na Serra em 04/07/1656, foram dois anos de prática protestante indígena sem nenhuma interrupção ou interferência européia. Foi durante este período que a Igreja Reformada Potiguara “aconteceu”, ou seja, é graças a esse tempo de isolamento que posso afirmar que ela existiu separadamente da Holandesa. Existiu uma Igreja Reformada Potiguara e não apenas uma Igreja Reformada Holandesa no Brasil com membros brasileiros.

Há uma interessante coincidência nos períodos de intervalo entre a chegada dos índios e posteriormente dos jesuítas à Serra, com o intervalo entre a Primeira e a Segunda Representação de Antônio Paraupaba. Foram exatamente os mesmos dois anos 1654 e 1656. Estes dois documentos são de extrema importância para entender o sentimento e as intenções dos índios neste período de silêncio, já que representa seu pensamento, sendo Paraupaba um enviado dos principais.

V^a. Ex^a. Antonio Paraupaba, nascido Brasileiro e enviado pelos outros Brasileiros, os súditos leais de V^a. Ex^a declara com toda a humildade e a devida reverência, que se passaram quase 20 meses desde que ele, em nome de seus principais (a mais miserável nação deste mundo e, não obstante, os Brasileiros mais leais a V^a. Ex^a) expôs brevemente os motivos da sua vinda. (HULSMAN, 2006, p. 54)

Este é o único documento que pode nos dá informações de como estariam os índios isolados na Serra, sem contato com os brancos e praticando (considero eu) o protestantismo mais autêntico que este país já teve. Que aspectos deste protestantismo este documento pode revelar a um olhar mais aguçado de um historiador? Devido a importância do documento faz-se necessário uma maior atenção.

A primeira coisa que queria destacar no início desta Segunda Representação é um aspecto, não de cunho religioso, mas de identidade. Ele diz que é um brasileiro, não um índio.

Isto é sutil, porém bastante crucial. Os holandeses denominavam todos os índios de origem Tupi e não Tapuia de brasileiros ou brasilien em holandês.

Chamá-los de brasileiros cria uma identidade maior com a terra, transforma-os em os verdadeiros donos. É bem diferente do termo índio, que faz referência às Índias e não àquele jovem continente. Paraupaba tem consciência disto e afirma ser um enviado pelos outros, ele é um REPRESENTANTE e se sente como tal.

Como ele se autodenomina um enviado pode-se fazer algumas inferências sobre o sentimento e o universo mental que forjou este documento. Através desta informação é cabível deduzir que Paraupaba, Carapeba, João Gonçalves, Francisco Aragiba e os demais principais realizaram uma reunião tensa após a Capitulação para resolver o que fazer depois da derrota.

Decidiram o refúgio no Ceará, na Serra da Ibiapaba, que Vieira diz ser um conhecido refúgio de ladrões. O plano seria resistir por dois anos. Havia a possibilidade de embarcar rumo ao Caribe, América do Norte, África e Ásia, para onde muitos índios potiguaras foram e viveram em outras colônias holandesas. Mas se optassem por esta decisão nem todos embarcariam, mas obviamente teriam encontrado espaço para a liderança.

Porém optaram ficar todos juntos, esperar e resistir juntos. Talvez inspirados nos negros, no Quilombo dos Palmares, que provou a possibilidade da resistência, mesmo sem poder bélico, mas se bem localizado era possível resistir. Aquela deve ter sido a reunião mais tensa da liderança indígena aliada dos holandeses. É possível imaginar as discussões, as idéias contrárias, as desconfianças e também confiança nos holandeses. De quem partiu a idéia? Sem mais fontes, jamais se saberá.

Sendo por isso o suplicante enviado à V^a. Ex^a. Por esta nação que se refugiou com mulheres e crianças em Cambressive no sertão além do Ceará, afim de escapar dos ferozes massacres dos portugueses, para asseverar a V^a.Ex^a em nome destas infelizes almas, não somente a constância de sua fidelidade, como também que procuraram a subsistência pelo espaço de dois anos, nos sertões, no meio de animais ferozes, e mesmo ainda mais procurarão, conservando-se à disposição deste Estado e fiéis a Religião Reformada, que aprenderam e praticam, contando que possam esperar auxílio e socorro de V^a. Ex^a. (HULSMAN, 2006, p. 52)

Dedicaram-se a evangelizar os tabajaras, como informa Vieira em seu relatório. Foi lá que João Gonçalves foi, muito provavelmente, ordenado pastor pelo Conselho da Igreja e continuou prestando o auxílio espiritual aos seus. Como citado anteriormente foi na Serra onde a Igreja aconteceu. Onde ela, sem a presença de nenhum branco aconteceu na forma mais pura que pode.

4.7 A IGREJA NA PEREGRINAÇÃO

Se no século XVIII ainda existiam obras apologéticas contra o protestantismo no Brasil, sem a presença de pastores há pelo menos cem anos, é por que João Gonçalves e o protestantismo indígena ainda incomodavam. Neste período a igreja ficou dividida espacialmente. Uma parte saía da Ibiapaba para ir a uma aldeia no Maranhão como a finalidade de deixarem sua fé reformada e passarem para o rebanho do Papa.

Uma outra parte, muito possivelmente espalhou-se pelo sertão e cerrou fileiras na Guerra dos Bárbaros. Acredito que este pequeno grupo, que conseguiu escapar da Ibiapaba fez aliança com os Janduhís do Rio Grande do Norte. Pois o documento que relata a prisão de João O Pregador, que acredito ser João Gonçalves, relata que este fora preso entre eles.

Sem Poty, morto em 1649, Paraupaba em 1656 ou 1657 e Carapeba servindo aos Estados Gerais Holandeses no Caribe, os poucos potiguaras reformados que escaparam da Serra devem ter posto a João Gonçalves, seu pastor, a responsabilidade de líder. Desta feita mais guerreiro do que religioso. Se os potiguaras reformados não tinham mais esperança que os holandeses viessem ao seu socorro, agora iriam matar o maior número de portugueses que pudessem.

A Guerra dos Bárbaros foi a maior resistência à colonização portuguesa no Nordeste Brasileiro. A guerra como vingança é um conceito muito indígena, nossos índios não fazem guerra por conquista, mas por vingança. E aqueles que se consideravam reformados se sentiam até autorizados por Deus para tal. Paraupaba cita Isaías e Davi em suas representações, demonstra que tem plena consciência que a Vingança pertence a Deus, e sendo ele filho de Deus, tem o direito de vingar-se. “Nem a língua pode falar, nem a caneta pode descrever, Só o conhece aquele grande e Onisciente Deus que diz: a vingança é Minha.” (HULSMAN, 2006, p. 56)

Há um documento no Arquivo Histórico Ultramarino de Portugal, que os laboratórios LIBER da Universidade Federal de Pernambuco digitalizou, como parte do projeto ULTRAMAR, que descreve a prisão de João O Pregador. O documento é uma carta do governador de Pernambuco Antônio Félix Machado da Silva e Castro ao rei D. Pedro II. Ele trata João como um dos principais líderes tapuias da guerra do Rio Grande.

Se de fato João O Pregador for o mestre – escola João Gonçalves, então é evidente a liderança reformada na resistência à colonização portuguesa no Nordeste. Se ele foi preso com este apelido, Pregador, e ainda existiam obras apologéticas contra o protestantismo, e se considerar que este era o mesmo João Gonçalves, então o velho mestre – escola usou o protestantismo como argumento de guerra?

Será que em suas pregações ele, ao mesmo tempo, que falava do amor de Cristo, ainda permanecia com o espírito de guerra religiosa que varreu a Europa no século XVII? Será que Gonçalves liderava apenas um “destacamento reformado” entre os índios ou os liderava de forma geral? São muitas especulações, e o máximo que pode-se afirmar é a presença de índios reformados na liderança da Guerra dos Bárbaros, se este João O Pregador for de fato João Gonçalves.

4.8 A HERANÇA REFORMADA

Segundo Frans Leonard Schalkwijk, em sua avaliação sobre a missão indígena relata o seguinte:

O padre Vieira, em uma viagem a Portugal, deteve para os jesuítas o encargo de cuidar espiritualmente dos índios em geral, com uma recomendação especial pela “reformação” dos índios influenciados pelos holandeses. Com muito cuidado, a missão da Ibiapaba conseguiu arrebanhar os índios novamente à obediência da Igreja Católica Romana, os quais poderiam ter permanecido por séculos com a fé reformada, como ocorreu no interior de Formosa, ou até na ilha de Ceilão, até o dia de hoje. Um historiador belga, o padre Hoornaert, afirma que há “provas históricas” de que mesmo depois da expulsão dos holandeses do Brasil, certas noções calvinistas ficaram profundamente arraigadas na mente dos índios nordestinos. (SCHALKWIJK, 2004, p. 262)

Será que a mentalidade reformada ou seus conceitos teológicos de fato permaneceram na vida de nossos indígenas? Até que se encontrem mais documentos que provem isto, esta indagação ficará sem resposta. Porém é possível fazer deduções através desta evidência que foi relatada ao longo desta dissertação de mestrado:

1 – os índios reformados demonstram ter um bom conhecimento teológico.

Esta evidência permite ao historiador crer que existiu uma herança reformada nos sertões nordestinos. Seja ela religiosa ou social. Já que o protestantismo não deixou apenas conceitos religiosos para os índios, mas sociais também. Foi durante o período holandês que os índios conheceram a democracia, a Assembleia Indígena de 1645 foi o ápice disso.

A democracia representativa foi uma das maiores heranças que o mundo reformado deixou para o mundo Ocidental. O conceito jurídico de liberdade, ser livre não apenas como uma questão natural, mas a embasar em uma lei que garanta essa liberdade. Além de, através da abertura da participação indígena na administração de um Estado, propiciar aos índios o conhecimento de como se organiza e a possibilidade de se organizarem em um Estado.

Para índios, que por parte dos portugueses, só conheciam a escravidão, isto é uma verdadeira Revolução. John Manuel Montero ao analisar a escravidão indígena por parte dos

portugueses defende que a escravidão era muito mais essencial ao modelo colonial português do que se pensa.

Nesse sentido, a escravidão era justificada pela prática tradicional de dominação dos infiéis que conscientemente haviam rejeitado a fé católica, fato relevante na medida em que aderiu aos princípios da guerra justa, estabelecidos pelos papas e reis católicos. Assim, as “nações bárbaras”, infiéis e levantadas em armas contra os cristãos, teriam que ser submetidos à força. Igualmente, porém, mesmo os índios “mansos”, os que “por sua livre vontade procurarem o prêmio da Igreja”, teriam de trabalhar para os colonos, não como escravos legítimos, mas “por seus interesses.” (...) Em suma, para o autor destas observações e para muitos de seus contemporâneos, a necessidade absoluta da escravidão arraigava-se na convergência entre a mentalidade colonial referente ao trabalho e o anseio de prosperidade que dava sentido à Colônia. Assim, sustentava Carvalho, os paulistas não podiam abrir mão do gentio, porque isto, além de eliminar os benefícios proporcionados pela capitania reduziria os próprios a um estado selvagem, no qual se veriam obrigados a viver à moda gentílica, fato que já se observava entre os estratos inferiores da sociedade colonial. Assim, a questão da escravidão indígena era muito mais complexa do que mero debate moral em torno da legitimidade do cativo. De fato, a escravidão tocava no próprio centro nervoso do colonialismo português, onde as políticas públicas e os interesses privados conspiravam para produzir benefícios mútuos às custas dos povos ameríndios e africanos (MONTERO, 2009, p. 135 – 136)

Enquanto que em relação aos portugueses, a escravidão indígena era essencial para a manutenção de seu Estado no Brasil, o Estado Holandês incorporou os índios em sua administração. Com o fim do Brasil Holandês, os indígenas nordestinos foram incorporados novamente no sistema escravista, e agora com o agravante de serem traidores. Então decidiram resistir até à morte e participam da Guerra dos Bárbaros.

Se o protestantismo conseguiu imprimir conceitos mais apurados de liberdade, organização em forma de Estado e participação do mesmo nos índios. E se isto pode ser considerado um fator catalisador para a fúria indígena e resistência à colonização portuguesa, então a herança reformada é muito maior do que se pensa.

Ora quando se é livre e dono da terra e de repente aparece um estrangeiro, que na verdade o que comete é um latrocínio, sua tendência natural é ser seu inimigo. Vindo um outro estrangeiro, também desejando colonizar, porém é inimigo do seu inimigo, a tendência é se fazer alianças. Foi isto o que aconteceu entre índios e holandeses no Nordeste Colonial.

Para fazer alianças é necessário que ambas as partes cedam. O grande diferencial da colonização holandesa no Nordeste brasileiro foi que precisavam dos índios. Sem os indígenas, principalmente os potiguaras, o Brasil Holandês seria impossível de acontecer. Estiveram presentes desde o início do projeto.

Quando alguns deles embarcaram com Hendrixz em 1625, muito provavelmente dialogaram em francês e foram conscientes do que iriam fazer no retorno. A grande prova

disto é que não foram índios quaisquer que embarcaram, mas a liderança Potiguara com Gaspar Paraupaba. Lá os índios conheceram um mundo diferente, não apenas do deles, mas também do mundo Católico Ibérico.

Conheceram um país no auge de seu esplendor e se encantaram por ele. Pedro Poty deixa bem claro em sua carta a Felipe Camarão que conhece a Holanda, sabe do potencial político, econômico e bélico dos Países Baixos. Ou seja, Poty fundamenta sua aliança naquilo que ele viu e viveu por cinco anos. Sua aliança com os holandeses não é cega, mas consciente.

Não me falleis sôbre a fraqueza dos Hollandezes. Estive e me eduquei no seu paiz. Existem lá navios, gente, dinheiro e tudo em tanta abundancia como as estrelas no céo; e disso tem vindo para cá alguma coisa. Tem sido tambem por meio de seus navios e tropas tem podido reinar, sendo para esse fim ajudado pelo príncipe de Orange e Estados Geraes, dando-lhes, entretanto, tão máo que esse d. João se tem sustentado há quatro annos, no throno, e pago. (MAIOR, 1912, p. 67)

Poty foi à Holanda conhecer esse novo povo branco para ver se realmente “valia apena” fazer aliança. Foi, viu quem eles eram e retorna contribuindo com a colonização. O mundo que conheceram era um mundo branco, mas o completo oposto do Ibérico, era o mundo reformado. Em meio à Estados Absolutistas, a Holanda era uma República. Em meio à intolerância da Inquisição, a Holanda recebia e produzia pensadores que ajudaram a moldar o mundo moderno como Spinoza.

E até mesmo eram diferentes de seus irmãos reformado, apesar do episódio da quebra de imagens nas igrejas católicas. A Holanda foi o único país protestante que produziu grandes pintores no século XVII, não se via a pintura como estímulo à idolatria. Este mundo reformado que moldou a Holanda moderna encantou Poty.

No Brasil os índios fizeram parte da administração do Estado do Brasil Holandês, desde a sua implantação. Assim os índios que participaram deste Estado tinham muito mais consciência, e usando uma linguagem marxista, não eram alienados aos aparelhos ideológicos do Estado. Tinham plena consciência quando as estruturas do Estado poderiam ser usadas contra ou favor deles.

Estou bem aqui e nada me falta; vivemos mais livremente do que qualquer de vós, que vos mantendes sob uma nação que nunca tratou de outra cousa senão nos escravizar. Os cuidados que dizeis ter por mim e o favor que os Portuguezes nos dispensariam não são mais que historias contadas para nos illudir. Por minha parte só tenho um sentimento, e provem de não me virdes visitar aqui. Não acrediteis que sejamos cegos e não possamos reconhecer as vantagens, que gosamos com os Hollandezes (entre os quais fui educado). Jamais se ouviu dizer que tenham escravizado algum índio ou o mantido com tal, ou que hajam em qualquer tempo assassinado ou maltratado algum dos nossos. Elles nos chamam e vivem conosco como irmãos; portanto, com elles queremos viver e morrer. (MAIOR, 1912, p. 65)

E não foram apenas alguns poucos índios que tomaram consciência disto, a Assembleia Indígena de 1645 reuniu todas as tribos aliadas com seus capitães, juízes, alferes e candidatos a escabinos. Mais ou menos 200 líderes indígenas promulgando uma lei e exercendo a prática administrativa de um Estado. Creio firmemente que esta prática marcou os povos indígenas aliados dos holandeses e quando de sua expulsão, cerraram fileiras para impedir a colonização portuguesa no sertão.

O protestantismo imprimiu noções de democracia e liberdade nos índios de uma maneira tão forte que eles lutaram com mais afinco contra os portugueses na Guerra dos Bárbaros. E por que o protestantismo? Porque só ele no mundo cristão do século XVII [marcada pela intolerância da Inquisição e a obediência cega ao Estado do mundo católico], conhecia a democracia, a desobediência ao Estado, caso ele fosse contra às leis de Deus, na visão protestante de lei de Deus.

Afinal não foram os protestantes os primeiros no mundo Ocidental a arrancarem a cabeça de um Rei e colocar por terra a Doutrina do Direito Divino dos Reis? O protestantismo deixou marcas profundas na cultura nordestina, já que nossa cultura é fortemente marcada pela indígena? No Ceará, meu Estado, a primeira coisa que se oferece a uma visita é um banho, comida e rede. A insubmissão nordestina à centralização é famosa.

Revolução Pernambucana de 1817, Confederação do Equador de 1824, Sabinada, Conjuração Baiana. Foram todos movimentos de contestação à centralização. Será que este espírito insubmisso, até no meio protestante, jamais se pode esquecer da Conferência do Nordeste de 1962 (com o lema *Cristo e o processo revolucionário brasileiro*, talvez o único grande movimento protestante de nosso país que propôs uma real reforma nas estruturas de nosso Estado) vem dos índios insubmissos?

E essa insubmissão tem uma parcela de contribuição do protestantismo? Se tem, é uma enorme contribuição à cultura e ao jeito de ser nordestino. Mas essa é uma discussão para uma futura tese de doutorado. Neste momento o importante é apenas perceber a possibilidade disto. Porém Pedro Poty vai muito mais longe, em sua carta sugere ser desejo dos índios reformados a criação de um país batavo-indígena.

Não, Filipe, vós vos deixais iludir; é evidente que o plano dos scelerados portuguezes não é outro senão o de se apossarem deste paiz, e então assassinaem ou escravizarem tanto a vós como a nós todos. Vinde, pois, enquanto é tempo para o nosso lado afim de que possamos com o auxílio dos nossos amigos viver juntos neste paiz que é a nossa patria e no seio de toda a nossa família. (MAIOR, 1912, p. 66)

DESCRIÇÃO RESUMIDA
IGREJA REFORMADA POTIGUARA
1625 – 1692

NOME EM TUPI	TUPÃÓKA POTIGUARA
PERIODIZAÇÃO	<p><i>Período Holandês (1625 – 1629) – conversão de Pedro Poty e Antônio Paraupaba na Holanda;</i></p> <p><i>Período da Preparação (1630 – 1637) – início da catequese indígena;</i></p> <p><i>Período da Expansão (1638 – 1644) – criação das igrejas, ordenação dos mestres – escolas Bento da Costa, Melchior Francisco, Álvaro Jacó e João Gonçalves.</i></p> <p><i>Período da Conservação (1645 – 1654) – Assembléia Indígena de 1645, Carta e Martírio de Pedro Poty, chegada à Serra da Ibiaapaba, viagem de Paraupaba e Carapeba à Holanda e 1ª Representação de Paraupaba;</i></p> <p><i>Período do Refúgio (1654 – 1660) – 2ª Representação de Antônio Paraupaba na Holanda, possível ordenação de João Gonçalves a Predicante e evangelismo à Tribo Tabajara;</i></p> <p><i>Período da Peregrinação (1661 – 1692) – possível formação de milícia reformada na Guerra dos Bárbaros sob a liderança de João Gonçalves, prisão de João Gonçalves.</i></p>
ORGANIZAÇÃO ECLESIASTICA	<i>Tipo Episcopal</i>
MINISTÉRIOS	<p><i>Ensino: destaque para o trabalho dos mestres – escolas Bento da Costa, Álvaro Jacó, Melchior Francisco e João Gonçalves.</i></p> <p><i>Evangelismo: destaque para o evangelismo da tribo tabajara na Serra da Ibiapaba.</i></p>
TEOLOGIA	<i>Reformada por forte conhecimento da Bíblia, do Catecismo de Heildelberg e da Confissão de Fé Belga.</i>
PRÁXIS RELIGIOSA	<i>Igreja Étnica: misturaram aspectos universais do cristianismo à sua cultura e forma de ver o mundo, porém sem hibridismo religioso.</i>

MEMBROS QUE SE DESTACARAM	<p><i>Antônio Paraupaba, primeiro apologeta e historiador brasileiro do protestantismo brasileiro.</i></p> <p><i>João Gonçalves, talvez o primeiro pastor brasileiro.</i></p> <p><i>Pedro Poty, primeiro mártir protestante brasileiro.</i></p>
--	---

Esta é a Igreja que acredito ter existido e ter sido não apenas a primeira igreja evangélica brasileira, mas possivelmente a primeira igreja protestante não europeia da História. Formada por índios nordestinos da tribo potiguara no século XVII. Esta igreja deu ao Brasil seu possível primeiro pastor, João Gonçalves, primeiro apologeta, exegeta e historiador, Antônio Paraupaba e o primeiro mártir, Pedro Poty.

Fez a primeira campanha evangelística, ao evangelizarem os índios tabajaras, e, se considerar que a passagem da parábola dos talentos na segunda representação de Antônio Paraupaba, como uma interpretação indígena da mesma. Também produziram a primeira exegese do Brasil. Se eram crentes de fato ou apenas usaram o protestantismo para sobreviver, não importa qual seja a escolha, o fato é que escolheram o protestantismo. Afinal Manuela Carneiro da Cunha afirma:

Não é o caso de buscar definir aqui as razões pelas quais parte dos índios se aliou aos holandeses, sequer de avaliar se a aliança estabelecida resultou positiva para os primeiros, o que tem sido negado (MELLO, 1979: 207). Em relação a um aspecto, contudo parece haver consenso, e este é relevante para o entendimento da aliança, ou seja, a liberdade religiosa e a tolerância que prevaleceram sob o governo de Nassau (HEMMING, 1978: 289; REGNI, 1988, VOL I: 70), das quais os grandes beneficiários teriam sido os judeus e os índios (CUNHA, 2002, p. 439)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem lágrimas, sem dor e vivendo dias melhores. É assim que termino minha dissertação. Conhecê-los foi minha maior aprendizagem e fazê-los conhecidos uma tarefa difícil, mas que muito me regozija. Desde 2008 venho pesquisando sobre os potiguara reformados, comecei com minha monografia, agora com esta dissertação e pretendo continuar a pesquisa no doutorado, pois há muito o que conhecer sobre esta igreja.

Este trabalho está longe de ser um ponto final ou a pesquisa definitiva sobre o tema, na verdade este é só o pontapé de uma longa jornada acadêmica que pretendo trilhar. Mas o trabalho tem seu valor. Um dos aspectos que acredito que foi bem abordado, mesmo que nas entrelinhas, é que os ameríndios brasileiros não eram tão tolos ou simples “massa de manobra” nas mãos dos colonizadores europeus.

Ao firmarem alianças com os tais os potiguara claramente demonstraram seus interesses e se aliaram a quem consideravam capazes de realizar o que almejavam. Porém o interesse político, militar, e econômico não exclui a possibilidade real da absorção de uma mentalidade religiosa que pode revelar uma conversão genuína à fé reformada. Afinal de contas, a religião não era um aspecto periférico da sociedade do séc. XVII, mas central, formadora das visões de mundo.

O protestantismo do período estudado ainda estava em formação, porém era mais autêntico do que aquele que veio ao Brasil no século XIX. Segundo Leonard este protestantismo era uma diluição de diluições. Os potiguara beberam da fonte e não conheceram esta fé por terceiros, isto torna esta igreja de extrema relevância para o estudo da religiosidade no Brasil. Principalmente o protestantismo, já que não estava diluído com o fundamentalismo, liberalismo, puritanismo ou neopuritanismo.

Perdemos esta forma mais fiel de protestantismo, ele está morto, não existe mais, mas suas lições ficam. Sérgio Buarque de Holanda afirmava que uma religião puritana não seria possível no Brasil, isso baseado nas próprias afirmações de um missionário americano no Brasil do séc. XIX, Kidder. Porém o protestantismo de Kidder, que influenciou Sérgio Buarque a pensar assim estava diluído, portanto não era o protestantismo dos potiguara.

Além disso, há mais do que o ritual do simbolismo que pode estimular o proselitismo. No caso do protestantismo que “encantou” os potiguara, os aspectos sociais e políticos desta fé chamaram muita atenção deste povo. Os potiguara, segundo Maria Aparecida Barreto de Araújo Ribas, foram evangelizados sob fundamento alheio, nisto ela

quer dizer que conheciam o Deus Judaico-Cristão do Catolicismo. Este mesmo Deus Judaico-Cristão era apresentado de outra forma pelo protestantismo.

Enquanto os jesuítas apresentavam um Deus que devia ser temido, e que era muito pouco conhecido pelos potiguara, os protestantes apresentaram um Deus, que também deveria ser temido, mas almejava um relacionamento com o pecador e queria que fosse conhecido. Os jesuítas muitas vezes debatiam se os indígenas tinham alma, os missionários holandeses sequer levantaram a discussão.

Eram dois Deuses muito diferentes, adorados por povos muito diferentes de mundo também muito diferentes. Pedro Poty expressa essa ideia muito claramente quando, em sua carta a Felipe Camarão, se maravilha com o poder dos holandeses, e conseqüentemente com o poder do Deus dos Holandeses. Estes aspectos sociais talvez encontraram guarida nos corações dos potiguara.

Durante os 24 anos em que os batavos permaneceram na costa nordestina uma geração inteira desta tribo foi educada aos pés dos holandeses sem conhecer outra forma de cristianismo, nas palavras de Antônio Vieira. O ensino do Brasil Holandês contava com conhecimentos de história e geografia dos Países Baixos, talvez estes conhecimentos tenham imprimido noções de liberdade política, tolerância religiosa e democracia, resguardadas as devidas proporções.

A adesão a tais valores parece ser inegável quando se investiga a própria organização da Assembleia Indígena da Tapissericca em 1645 e confecção de uma lei pelos próprios indígenas. Usando mecanismo de organização do Estado Holandês para defender os interesses das tribos aliadas, não somente dos potiguara. Esta lei é em si notável, talvez tenha sido a primeira lei escrita por nativos brasileiros.

Ela revela muito mais do que a adesão a conceitos e valores sociais e políticos do protestantismo holandês, mas que estes participavam ativamente e faziam parte do Brasil Holandês. O Brasil Holandês não era um estado somente holandês, mas batavo-potiguara, os índios faziam parte dele, acreditavam nele e lutavam por ele. Isto é algo a se considerar.

Nenhuma nação indígena foi absorvida com tamanha intensidade na América Portuguesa, Espanhola ou Inglesa. Mas o Brasil Holandês pode ser caracterizado como um projeto colonizador europeu, mas que teve participação intensa dos ameríndios. Os potiguara, inclusive, participaram do projeto desde a confecção dos planos de ataque à costa e de sua eventual conquista territorial do sertão até o Rio São Francisco. Porém esta será uma questão que pretendo trabalhar melhor em um futuro doutorado.

Creio que meu objetivo no mestrado tenha sido conquistado, acredito que o Brasil teve em seu Período Colonial uma igreja protestante brasileira, a primeira de nosso país, que chamo de Igreja Reformada Potiguara. E esta afirmação gera inúmeros questionamentos e implicações para a História Brasileira, a primeira delas é que mesmo em um país considerado o mais católico do mundo, o protestantismo conseguiu deixar sua marca em todos os períodos de nossa História.

Que não foi no EUA a formação da primeira igreja protestante do povo nativo americano, mas no Brasil, e que nosso país até 1654 tinha muito mais história protestante que a terra dos pais peregrinos. Aliás, estes exterminaram os nativos – americanos ao invés de levá-los a Cristo. Espero que esta dissertação sirva de inspiração para o protestantismo brasileiro se distanciar cada vez mais das diluições norte-americanas e aproxime-se da fonte. O protestantismo brasileiro precisa dialogar mais com o europeu.

Principalmente com o holandês, as igrejas reformadas do Brasil, principalmente a presbiteriana teria muito a ganhar se conhecesse com maior profundidade o calvinismo holandês. Abrahan Kuyper, Herman Dooyeweerd, Hans Roockmaaker e outros grandes nomes deste progressista calvinismo holandês precisa deixar de ser conhecido apenas por círculos fechados e passar a ser estudados em seminários e lidos pelo povo.

Eles são a continuação dos Cânones de Dort, do Catecismo de Heildelberg e da Confissão de Fé Belga, estão mais próximos, tanto histórico-cultural como geográfico do protestantismo que os potiguara conheceram. Aqui fica uma pergunta utópica: Será que se a Igreja Potiguara tivesse sobrevivido junto com o Brasil Holandês este seria o nosso calvinismo? Na História o se é sempre inconveniente, porém acredito que se assim fosse estaríamos teologicamente mais próximos do protestantismo original e longe do fundamentalismo e liberalismo americano.

Estamos às portas dos 500 anos da Reforma e podemos ver o quanto o Brasil tem uma rica história protestante. História esta que vem sendo negligenciada por parcela considerável dos historiadores brasileiros. O Brasil tem um significativo número de protestantes, segundo o *New York Times* até a última eleição presidencial foi decidida pelo voto protestante. Até quando? Pergunto eu, a academia ficará cega para não ver o povo protestante, surda para não ouvir os raros pesquisadores que estudam esse fenômeno religioso e muda para não falar dele.

É inadmissível que pesquisadores como Emille G Leonard, Frans Leonard Schalwijk e Antônio Gouvêa de Mendonça sejam completos desconhecidos pelos estudantes

de graduação em História. Quando? Pergunto eu, o protestantismo será um objeto de estudo levado à sério pela historiografia brasileira? O Brasil Holandês e Nassau terem sido protestantes não podem mais ser considerados como mero detalhe irrelevante.

Em contrapartida os historiadores protestantes, sem sua grande parte, precisam produzir historiografia e não meras crônicas para que sejam dignos de serem lidos pela academia. Esta é uma nítida batalha em duas frentes que pretendo empreender com esta simples dissertação. Espero que tenha contribuído um pouco com o conhecimento relativo ao tema, mas a maior vitória deste trabalho será se ele terá a capacidade de gerar incômodo.

Se gerar críticas ácidas, inspirar refutações, tanto de historiadores quanto de cientistas da religião, ou mesmo de outros profissionais que estudam o tema, como antropólogos. Não pretendo dar todas as respostas, não tenho sequer competência para isto, o que desejo é gerar muitos questionamentos e inspirar problematizações, para que outros mais capacitados possam desenvolver. Também busco a empatia e a antipatia para minha narração, afinal de contas sem paixão na escrita a obra perde muito de seu valor.

6. FONTES IMPRESSAS

BÍBLIA SAGRADA. Tradução por João Ferreira de Almeida, revista e atualizada 2ª Ed Barueri, SP, Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BRITO, José Jorge Leite de. Kilian Van Renselaer e o Ceará antes dos holandeses. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, Ceará, 1986, pág. 99 – 108.

BUNYAN, John. **O Peregrino**. São Paulo, SP, Martin Claret 2004.

CATECISMO DE HEILDEBERG. 2ª Ed. São Paulo, SP, Editora Cultura Cristã 2005.

CARTA DO GOVERNADOR DA CAPITANIA DE PERNAMBUCO AO REI D. PEDRO II, Recife, 5 de setembro de 1692. Disponível em www.liber.ufpe.br/ultramar/

CARVALHO, Alfredo de. Diário da Expedição de Mathias Beck ao Ceará em 1649. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, CE, 1903, pág. 331 a 405.

CRESPIN, Jean. Das Aflições e dispersões da Primeira Igreja Reformada na América – Brasil (1557 – 1558). **A Tragédia da Guanabara**, São Paulo, SP, Cultura Cristã 2007.

CONFISSÃO DE FÉ BELGA. 2ª Ed. São Paulo, SP, Editora Cultura Cristã 2005.

CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER. São Paulo, SP, Editora Cultura Cristã 2003.

CONFISSÃO DE FÉ ESCOCESA. Este Documento se encontra disponível em http://www.monergismo.com/textos/credos/confissao_escocesa.htm, acesso 05/01/2012

FOXE, John. **O livro dos mártires**. São Paulo, SP, Editora CPAD, 2003.

HULSMAN, Lodewijk. Índios do Brasil na República dos Países Baixos: as representações de Antônio Paraupaba para os Estados Gerais em 1654 e 1656. **Revista de História**, nº 154, Vol 1, Universidade de São Paulo, 2006, pág. 37 – 69.

LERY, Jean de. **Histórias de uma viagem à Terra do Brasil**. 4ª Ed. São Paulo, SP, Livraria Martins Editora 2007.

MAIOR, Pedro Souto. A missão de Antônio Paraupaba ante o governo holandês. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, CE, 1912, pág. 72 – 82.

_____. Atas dos sínodos e classes do Brasil no século 17, durante o domínio holandês. **A Tragédia da Guanabara**, São Paulo, SP, Cultura Cristã, 2007.

_____. Duos índios notáveis e parentes próximos. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, Ceará, 1912, pág. 61 – 71.

_____. Fastos Pernambucanos. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, Vol, LXXV, Tomo I, 1913, pág. 261 – 504.

NIEUHOF, Johan. **Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil**. Disponível em: www.liber.ufpe.br/visaoholandesa

NÓDULA DIÁRIA DE 23/02/1638 In: <http://www.liber.ufpe.br/hyninia>, acesso 28/05/2011
NÓDULA DIÁRIA DE 10/10/1639 In: <http://www.liber.ufpe.br/hyninia>, acesso 28/05/2011
NÓDULA DIÁRIA DE 22/11/1639 In: <http://www.liber.ufpe.br/hyninia>, acesso 28/05/2011
SEGUNDA CONFISSÃO DE FÉ HELVÉTICA. Documento disponível em <http://www.monergismo.com/textos/credos/seg-confissao-helvetica.pdf>. Acesso feito em 05/01/2012

VIEIRA, Padre Antônio. Relação da Missão da Serra da Ibiapaba. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, CE, 1904, pág. 86 – 138.

7. REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. **Passagens da Antiguidade ao Feudalismo**. 5ª Ed. São Paulo, SP, Brasiliense, 2000.

BLOCH, Marc. **Os Reis Taumaturgos**. São Paulo, SP, Companhia das Letras, 2005

BONHOEFFER, Dietrich. **Ética**. 9ª Ed, São Leopoldo, RS, Editora Sinodal 2009.

BOXER, Richard. **Império Marítimo Português**. São Paulo, SP, Companhia das Letras, 2002.

CÂNONES DE DORT. 2ª Ed. São Paulo, SP, Editora Cultura Cristã, 2005.

CARR, Edward Hallet. **O que é História?** São Paulo, SP, Paz e Terra, 2002.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil, mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo, SP, Editora fundação Perseu Abramo 2000.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **História dos índios do Brasil**. São Paulo, SP, Companhia das Letras, 2002.

DAVIES, Natalie Zemon. **Culturas do Povo: sociedade e cultura no início da França Moderna**. Rio de Janeiro, RJ, Paz e Terra 1990.

DE CERTAU, Michel. **A escrita da História**. 2ªEd. Rio de Janeiro, RJ, Editora Forense Universitária, 2010.

FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI, a religião de Rabelais**. São Paulo, SP, Companhia das Letras, 2009.

GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. **Religião, Educação e Progresso, a contribuição do Mackenzie College para a formação do empresariado em São Paulo entre 1870 e 1914**. São Paulo, SP, Editora Mackenzie 2000.

GONÇALVES, Regina Célia. **Guerra e Açúcares: política e economia na Capitania da Parayba (1585 – 1630)**. Bauru, SP, Edusc, 2007.

_____. **Os potiguara na Guerra dos Brancos (1630 – 1645)**.

Disponível em www.ifch.unicamp.br/inb/Textos/RCGoncalves.pdf

GUINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição.** São Paulo, SP, Companhia das Letras, 2001.

HILL, Christopher. **A Bíblia Inglesa e as Revoluções do século XVII.** São Paulo, SP, Editora Civilização Brasileira, 2003.

_____. **O Mundo de Ponta Cabeça.** São Paulo, Letras SP, Companhia das, 1987.

_____. **O Eleito de Deus.** São Paulo, SP, Companhia das Letras 2001.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil, Construtores do Brasil.** São Paulo, Nova Cultural, 2000.

_____. **Visões do Paraíso.** Coleção Grandes Nomes do Pensamento brasileiro. São Paulo – SP, Publifolha, 2000.

JÚNIOR, Hilário Franco. **A Idade Média, nascimento do Ocidente.** São Paulo, SP, Editora Brasiliense, 2001.

KARNAL, Leandro. **EUA, A formação da nação.** São Paulo, SP, Editora Contexto, 2003.

KEMPIS, Thomás de. **A imitação de Cristo.** São Paulo, SP, Editora Contexto, 2003.

KROMMER, Rita. **Mathias Beck e a Companhia das índias ocidentais no Ceará,** Fortaleza, CE, Editora da UFC, 1994.

KUYPER, Abraham. **Calvinismo.** São Paulo – SP, Cultura Cristão, 2002.

LEONARD, Émile G. **O protestantismo brasileiro, estudo de eclesiologia e História Social.** Rio de Janeiro e São Paulo, JUERP e ASTE, 1981.

MAIA, Lígio de Oliveira. Índios de Pernambuco na Genebra dos sertões: o olhar vieiriano sobre os índios hereges – XVII. **Cadernos de Estudos Sociais,** Recife, Vol 22, n.1, jan/jun 2006.

MELLO. Evaldo Cabral de. **Rubro veio, o imaginário da restauração pernambucana.** 2ªEd. Rio de Janeiro. Topbooks, 1997

MELLO, José Antônio Gonçalves de. **Tempo dos flamengos: a influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil.** 5ªEd. Rio de Janeiro, RJ, Topbooks 2007.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Protestantismo no Brasil. **Revista USP,** São Paulo, SP, m.74, junho/agosto 2007 p. 160 – 173.

MEUWESE, Marcus P. **“For the Peace and Well-being of the Country”:** Intercultural Mediators and Dutch-Indian Relations in New Neatherland and Dutch Brazil, 1600-1664. Tese de Doutorado defendida na University of Notre Dame, Notre Dame, Indiana, Setembro de 2003. Disponível em:

<http://etd.nd.edu/ETDdb/theses/available/etd09272003005338/unrestricted/MeuweseMP092003.pdf> Acessado em 24/01/2007

MONTERO, John Manuel. **Negros da Terra, índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo – SP, Companhia das Letras, 2009.

RIBAS, Maria Aparecida de Araújo Barreto. **O leme espiritual do navio mercante: A missão calvinista no Brasil Holandês (1630 – 1645)**. Tese de Doutorado defendida na Universidade Federal Fluminense, Niterói – RJ, Agosto de 2007. Disponível em: http://www.bdtd.ndc.uff.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2194 Acessado em 25/01/2009.

SANTOS, João Marcos Leitão. Educação na Paraíba Colonial: O período holandês. **Mnemosine Revista**. UFCG, Campina Grande, PB, n.1, V.1, Janeiro/junho de 2010.

SCHAMA, Simon. **O desconforto da riqueza, a cultura holandesa na Era de Ouro**. São Paulo, SP, Companhia das letras, 1992.

SCHALKWIJK, Frans Leronard. **Igreja e Estado no Brasil Holandês (1630 – 1654)**. 3ª Edição. São Paulo. Cultura Cristã 2004.

_____. **Índios evangélicos no Brasil Holandês. Fides Reformata**, Vol 2, n1, São Paulo , SP, 1997.

SILVESTRE, Armando Araújo. **Calvino e a Resistência ao Estado**. São Paulo – SP, Editora Mackenzie, 2003.

TODOROV, Tzvetam. **A conquista da América, a questão do outro**. São Paulo, SP, Martins Fontes, 1998.

VAINFAS, Ronaldo. **A Heresia dos Índios - Catolicismo e Rebeldia no Brasil Colonial**. São Paulo – SP, Companhia das Letras, 2006.

VIRAÇÃO, Francisca Jaqueline de Souza. A Igreja Potiguar: A saga dos índios protestantes no Brasil Holandês. **Revista Historiar**, Ano II, nºI, 2010, pág. 8 – 26.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e Mentalidades**. 2ª Ed. São Paulo – SP, Editora Brasiliense, 2004.